

O DOM *de* PERMANECER ESCONDIDO  
*em um* MUNDO QUE AMA *ser* NOTADO

# INVISÍVEL



SARA HAGERTY

PREFÁCIO POR JEFFERSON E ALYSSA BETHKE

É fácil se perder em meio à confusão. Este livro é uma dádiva para aqueles dentre nós que anseiam por encontrar o caminho de volta a Deus.

—**Jennie Allen, fundadora do IF: Gathering; autora de *Nothing to Prove***

Os escritos de Sara são primorosos. Suas palavras nos relembram de que nada passa despercebido ao Deus que se alegra em nós.

—**Katie Davis Majors, autora de *Kisses from Katie***

Ouvir as conversas de Sara com Deus despertará seu coração, como fez com o meu, a desejar mais tempo com ele.

—**Barbara Rainey, *Family Life*; autora de *Letters to My Daughters***

Este livro irá instigar o seu coração e encorajar a sua alma. Deixe-o reorganizar seu raciocínio na maneira mais eternamente bela de pensar.

—**Karen Ehman, palestrante, *Proverbs 31 Ministries*; autora de *Keep It Shut***

Este livro é exatamente aquilo de que minha alma necessitava. Sara escreve com profunda sabedoria e humilde sinceridade.

—**Sarah Mackenzie, autora de *Teaching from Rest***

Que presente maravilhoso! *Invisível* nos convida a entrar no âmago abençoado daquilo para que fomos criados.

—**Christy Nockels, compositora; podcast: *The Glorious in the Mundane***

Sara expõe a beleza de habitar o invisível e irreconhecível. Não dá para evitar o desejo de fazer o mesmo.

—**Ruth Chou Simons, autora de *Grace Laced*; [gracelaced.com](http://gracelaced.com)**

Esta jornada rumo ao que se encontra escondido o conduzirá para um lugar de nova identidade e intimidade com Deus.

—**Allen Arnold, autor de *The Story of With***

Sara modela de maneira convincente algo de que todos nós necessitamos desesperadamente: ansiar pela aprovação de Deus ao invés de depender da aprovação de homens.

—**Dee Brestin, autora de *The Friendships of Women***

Este livro o inspirará a continuar sendo fiel, a ver beleza no lugar onde se encontra e a descansar todos os dias no doce amor de Deus por você.

**—Sally Clarkson, autora de *The Lifegiving Home*; [Sallyclarkson.com](http://Sallyclarkson.com)**

Entre maravilhas e pragmatismo, *Invisível* o acompanhará ao desejo de descobrir o maravilhoso lugar de alegria e estabilidade – escondido sob o olhar de Deus.

**—Dana Candler, autora de *Deep unto Deep***

Não vejo a hora de “desperdiçar” mais tempo com Jesus após ler *Invisível*, e só posso recomendá-lo várias e várias vezes.

**—Jeannie Cunnion, autora de *Mom Set Free***

Sara nos revela o poder da fascinação e da quietude em meio ao turbilhão dos dias. Ela nos dá a coragem de tornar-nos invisíveis.

**—Susan Alexander Yates, palestrante; autora de *Risky Faith***

Este livro me fez recordar quem realmente sou e o que realmente desejo. A calma história de Sara é transformadora.

**—Christie Purifoy, autora de *Roots and Sky***

É impossível ler este livro espetacular sem desejar mais de Jesus, aquele que nos vê onde quer que estejamos.

**—Jennifer Dukes Lee, autora de *The Happiness Dare***

Sara nos lembra que estar escondido no Senhor nunca é tempo perdido. Suas palavras despertaram em mim o desejo de uma amizade mais profunda com Deus.

**—Esther Fleece, autora de *No More Faking Fine***

Irei reler este lindo e poderoso livro quando precisar ser lembrada da fidelidade, do propósito e do amor de Deus em relação a mim.

**—Amy Julia Becker, autora de *A Good and Perfect Gift***

*Invisível* é rico na revelação de que não há o que possamos fazer para merecer o amor de Deus, um amor que podemos experimentar quando somos menos “úteis” a ele.

**—Sara Hall, maratonista; *The Hall Steps Foundation***

Sara nos faz olhar para a maravilhosa realidade de que Deus alegremente se ocupa de todos os momentos do nosso dia a dia.

**—Christine Hoover, autora de *Messy Beautiful Friendship***

Se você se sente atraído por uma vida que faça diferença, mas está um tanto desorientado sobre isso, *Invisível* é leitura obrigatória.

—**Ruth Schwenk, *TheBetterMom.com*; coautora de *Pressing Pause***

# INVISÍVEL

O DOM *de* PERMANECER ESCONDIDO  
*em um* MUNDO QUE AMA *ser* NOTADO



SARA HAGERTY

 IMPACTO



## **INVISÍVEL**

Título original: UNSEEN

Copyright © 2017 by Sara Hagerty

Edição original por ZONDERVAN.

Publicado com a devida autorização de The Zondervan Corporation L. L. C., uma divisão da HarperCollins Christian Publishing, Inc.

501 Nelson Place, Nashville, Tennessee 37214

[www.zondervan.com](http://www.zondervan.com)

Todos os direitos reservados.

Para os textos bíblicos, foram usadas as versões ARA (Almeida Revista e Atualizada), ARC (Almeida Revista e Corrigida) e ACF (Almeida Corrigida e Fiel).

É expressamente proibida a reprodução parcial ou total deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora, com exceção de citações breves com indicação de fonte para utilização em resenhas ou reportagens.

Tradução: Osler Gustavo Manzini

Revisão: Renata Balarini Coelho

Capa: James W. Hall

Foto Capa: Shutterstock®

Diagramação: Eduardo C. de Oliveira

Formatação para e-book (kindle): Luiz Roberto Cascaldi

## **IMPACTO PUBLICAÇÕES**

Rua Tamoio, 226, Santa Catarina

Americana - SP

13466-250

Tel.: (19) 3462-9893

[contato@revistaimpacto.com.br](mailto:contato@revistaimpacto.com.br)

[www.revistaimpacto.com.br](http://www.revistaimpacto.com.br)

Para Claire

*Sua vida deu dignidade à invisibilidade muito antes  
que eu soubesse o que isso significa.*

*Até o dia em que nos reencontraremos.*

# SUMÁRIO

PREFÁCIO

UM - MARAVILHOSO DESPERDÍCIO

DOIS - VISTO E CELEBRADO

TRÊS - VIVENDO UMA HISTÓRIA QUE NÃO HAVÍAMOS PLANEJADO

QUATRO - AMOR DERRAMADO

CINCO - DESCOBERTO

SEIS - O CONVITE A MARAVILHAR-SE

SETE - A EXTRAVAGÂNCIA SECRETA

OITO - AS NECESSIDADES AO NOSSO REDOR

NOVE - VOZES

DEZ - TEMPOS DE SEDE

ONZE - DEUS É POR NÓS

DOZE - SUSSURROS SANTOS

TREZE - O CAMINHO ESCONDIDO

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

NOTAS

# PREFÁCIO

**M**inha esposa, Alyssa, e eu nascemos no final dos anos 80. Crescemos na década de 1990 e início dos anos 2000.

N'Sync, calças esportivas, figuras com brotos de chia, ioiôs – esse era nosso mundo. Outro efeito colateral de ter nascido nessa época é que fomos a primeira geração de usuários nativos da Internet. Não nos lembramos de quando ela não existia. Aos 10 anos de idade, lembro que comecei a assinar o serviço *dial-up* da America Online e a usar o chat da AOL para falar com meus amigos.

A Internet é uma daquelas coisas que podem ser uma bênção e uma maldição. É bênção por conta do enorme poder dessa inovação tecnológica; é incrível ter acesso a tantas informações; a Internet definitivamente deu voz aos muitos que jamais a tiveram. Porém, é uma maldição por ter criado uma nova humanidade, uma nova maneira de fazer as coisas, reprogramando completamente a raça humana.

Estamos mudando nosso estilo de vida para um formato que nos permita fazer fotos melhores e criar mais conteúdo para postar *on-line*. Muitos perderam o hábito de sair para caminhar e simplesmente tirar uma foto para registrar o momento. Hoje, como desejamos ter uma boa foto para postar, fazemos uma caminhada para tirar a foto. É algo que passou a nos *impulsionar* e que alimenta nosso desejo insaciável de ser visto — de ser afirmado; de ser amado; de ser querido.

Há alguns anos, em nosso estado natal, Washington, uma pessoa quis fazer um *selfie* com um trem em movimento ao fundo. O indivíduo não estava prestando atenção aos trilhos, e outro trem o atingiu em alta velocidade, matando-o instantaneamente.

E não se trata de uma anomalia. A *Wikipedia* tem uma página dedicada exclusivamente a ferimentos e mortes relacionados a *selfies*. Estamos literalmente morrendo para ser vistos.

Mas e se houvesse um jeito melhor? E se pudéssemos encontrar satisfação e afirmação no oculto, no silencioso e no corriqueiro?

Porque Jesus diz que é exatamente onde ela está. Há santidade no corriqueiro. Há graça em se levar o lixo para fora. Há bênção no emprego de 30 anos no mesmo escritório.

Por quê?

Porque algo ao qual não damos importância nos dias atuais, mas que claramente importa para Jesus é a fidelidade — a consistência; a obscuridade.

Recentemente, tomei um café com um amigo, e ele mencionou ter sido convidado para um retiro de homens nas montanhas, onde eles iriam atirar, fazer churrasco e buscar a Deus. Ele admitiu que, no passado, a presença de Deus inundou o lugar e transformou muitos dos presentes. Mas disse também que achava melhor não ir dessa vez.

Perguntei o motivo, e ele respondeu: “Porque ficar aqui e fazer reuniões semanais com o meu mentor durante os próximos cinco anos é mais difícil. Mas é isso que eu acho que devo fazer ao invés de ir”.

Ele estava ciente de que, para ele, o retiro não passaria de uma experiência na montanha. É claro que, quando voltasse, ele teria resultados para mostrar, mas Deus o estava chamando para o invisível, para o despercebido.

E é isso o que muitos de nós não entendemos. Estamos tentando encontrar Jesus pela experiência fácil, instantânea, pronta em 60 segundos, mas a verdadeira experiência está no jogo de perseverança.

Não será possível ver uma árvore crescer se você ficar olhando para ela. Contudo, se regá-la, podá-la e cuidar dela, e compará-la com o que ela se parecia no ano anterior, verá que o crescimento aconteceu escondido.

Quando você anda com Jesus, o oculto (aquele lugar de invisibilidade) é exatamente onde você será visto de verdade por Deus na maioria das vezes. Será visto pelo Senhor. Com seus olhos penetrantes, abrasadores e ferozes. Seu olhar de amor é o que nos transforma, o que nos faz, é o que todos nós buscamos desesperadamente em primeiro lugar.

E é por esse motivo que este livro é tão importante; é por isso que somos tão gratos à Sara. Não há muita gente bradando essa mensagem do topo das montanhas, porque poucos descobriram esse segredo, mas Sara o encontrou, e sua história é envolvente e inspiradora. Ela nos transformou, e sei que o transformará também.

Estamos fazendo qualquer coisa para ser vistos, mas a boa notícia é que podemos descobrir que já somos vistos por aquele que mais importa: Jesus.

Jeff e Alyssa Bethke

# UM MARAVILHOSO DESPERDÍCIO

## Abrindo os olhos para o invisível

*“Foi Jesus a Betânia.” (João 12.1)*

**T**erminei a faculdade firmemente convencida: eu mudaria o mundo para Deus. Enquanto estudava, fui voluntária em um ministério voltado ao ensino médio, compartilhando o Evangelho com adolescentes endurecidos contra Cristo. E estava totalmente dedicada. Todo o tempo que eu não gastava estudando, passava com aqueles estudantes no mundo deles — tempos profundos, uma vida servindo a outra. Tornei-me viciada em presenciar Deus surpreendendo as pessoas mais improváveis.

No ano em que saí da faculdade, passei a trabalhar nesse ministério em tempo integral. Estava queimando por Deus e faminta por ver o que ele seria capaz de fazer. Achava que não havia chamado mais alto do que ser usada por Deus para amar os perdidos. Era uma crença que me impelia, mas que também fez com que eu me sentisse indispensável à obra de Deus. E ao abraçar sutilmente essa compreensão de meu papel, substituí a compaixão por julgamento em relação aos que estavam simplesmente desperdiçando a juventude com qualquer outra coisa que, em minha opinião, fosse menos valiosa do ponto de vista da eternidade. Afinal de contas, eu estava ajudando Deus a mudar vidas, e não seria isso o mais importante? Estava cheia de ambição.

O ponto alto de nosso ministério era o acampamento para o qual levávamos um ônibus cheio de adolescentes “vida louca”. Todas as atividades e experiências eram lindamente pensadas para ilustrar a pessoa e o amor de Jesus por aqueles estudantes. Aventuras diárias ao ar livre desembocavam em noites de compartilhar o Evangelho. Contávamos a história de Jesus e dávamos aos adolescentes a oportunidade de convidá-lo a entrar em suas histórias. E muitos o faziam. Na última noite do acampamento, aqueles que haviam decidido seguir Jesus tinham a oportunidade de levantar-se e anunciar essa mudança de vida.

Eu esperava ansiosamente por aquela última noite durante a semana toda. Ela permanecia suspensa em minha memória pelo ano seguinte como os flocos de neve de um globo de vidro: distantes, brilhantes, majestosos. No salão central, estavam reunidas algumas centenas de adolescentes suados que haviam acabado de passar uma semana inteira embolando roupas sujas em mochilas lotadas, limpando dormitórios e despedindo-se em lágrimas como se estivessem deixando seus melhores amigos embora os tivessem conhecido apenas uma semana antes. A sala se enchia de pessoas e de música, de expectativa e novas vidas.

Quando a música acabava, e a última palestra era encerrada, jogadores de basquete nervosos, garotas populares e membros do clube de matemática se levantavam, um de cada vez, e compartilhavam a novidade de que, naquela semana, haviam entregado a vida a Jesus. *“Digam-no os remidos do Senhor”* (Sl 107.2).

Meu coração se acelerava naquelas noites porque eu sabia que era só o começo. Eu sabia o tremendo impacto que aquelas dezenas de “sim” teriam. No ano que se seguiria, alguns dos adolescentes presentes abririam a Bíblia pela primeira vez e pediriam que Deus invadisse o mundo ao seu redor. A mudança de vida causaria ondas que influenciariam famílias, amigos e times de futebol. Alguns contariam aos filhos e netos que aquela tinha sido a noite responsável por mudar tudo. Eu olhava ao redor e procurava

abarcou tudo como se a minha perspectiva panorâmica fosse capaz de absorver a magnitude daquela noite, daquela semana. Eu via Deus refletido na face corada dos adolescentes que buscavam um novo começo.

Ao final do acampamento, eu voltei para casa com uma lista ainda maior de vidas que eu queria influenciar. Quando adolescentes estão “em chamas” por Jesus, seus pais voltam a aparecer na igreja aos domingos, fazendo perguntas e participando de estudos bíblicos. Aquela havia sido minha oração. Era tudo o que eu queria quando fui trabalhar ali em tempo integral. O trabalho era por vezes duro e exaustivo, mas as histórias de mudança de vida me motivavam. Elas validavam meu chamado e minha paixão. Elas me mantinham ali.

Até que, em determinado ano, perderam o efeito.

Vidas ao meu redor estavam mudando por Jesus, mas a minha própria vida permanecia estagnada. Minha paixão pelo ministério se desvaneceu e foi substituída por uma vaga sensação de vazio. Ao jantar com um adolescente que havia acabado de convidar Jesus a entrar em seu coração, eu me pegava repetindo respostas que já havia dado por anos e anos. Eu sabia compartilhar o amor de Deus, mas não me sentia mais vivendo esse amor. Havia uma voz em minha cabeça, e eu pensava: *Será que estou apenas repetindo essas coisas sobre Deus, ou realmente creio nisso?*

E então eu voltava para casa e examinava o meu coração, separando tempo para sentar-me com Deus e fazer aquela pergunta em voz alta. Com exceção desse momento, o restante do tempo era desconfortável, como se eu precisasse falar sobre coisas que são ditas em voz baixa para um amigo próximo, mas que, nesse caso, eu deveria dizer para um conhecido distante. Não sabia nem por onde começar. Eu ficava mais de 30 minutos com a Bíblia aberta, mas sem um estudo bíblico para planejar; eu não fazia ideia de quem eu mesma deveria ser. Também não tinha certeza de quem Deus era em meu silencioso tempo menos produtivo e nos momentos “não essenciais” da vida.

Eu conhecia Jesus como aquele que havia andado por sobre as águas, acalmado a tempestade e curado um leproso. Eu poderia descrever Deus até dormindo. Mas quem Deus era para mim em todos aqueles dias comuns, aqueles em que eu não precisava que ele acalmasse uma tempestade, andasse por sobre as águas ou me ajudasse a montar um estudo bíblico? Naqueles dias em que eu precisava pagar contas, limpar o banheiro e cuidar dos filhos de uma amiga, quem era Deus? Eu não tinha dúvida de que ele era o Deus dos adolescentes endurecidos, capaz de aquecer corações gelados e trazê-los para mais perto de si. Eu sabia que ele era o Deus das pessoas que se dedicavam ao ministério, ao constante relacionamento com outros, a pregar e liderar. Mas quem era ele para mim quando eu não estava ocupada mudando o mundo? Quando eu estava só? Quem era ele para mim quando eu não tinha absolutamente nada para lhe oferecer?

Essas questões por fim levariam meus olhos para contemplar a beleza invisível de uma vida escondida em Deus. Mas, como em qualquer começo, elas me deixavam desconfortável. Eu sabia que Deus olhava benevolmente para mim, mas presumia que tal benevolência estivesse ligada ao que eu produzisse para seu reino. Quando me sentia produtiva no ministério, não era difícil imaginar que Deus pensasse em mim com amor ou que me visse com afeição. Era bem mais difícil tentar imaginar o que ele pensaria sobre mim nos momentos do dia em que eu não estivesse fazendo algo tangível para ele – as horas em que eu me sentia exposta, incapaz de esconder-me por trás de minha produtividade para o reino de Deus. Qual seria a expressão do rosto de Deus quando eu não estivesse deixando um rastro de vidas transformadas? Como ele se sentiria em relação a mim nos sábados de manhã em que eu ficava jogada no sofá de pijama, exausta pela semana que passara?

Mas havia dentro de mim a consciência de que deveria existir algo mais em minha vida com Deus além de ser produtiva e compartilhar as boas novas com as pessoas. Algo dentro de mim ansiava pelo Deus que eu encontraria quando não estivesse ocupada mudando o mundo. Eu sempre havia pensado que meu

desejo de alcançar mais na vida seria satisfeito por mais ministério, mais impacto, mais boas obras para Deus. Contudo, ao invés de trazer-me mais, o crescente esforço que eu dedicava àquelas coisas foi lentamente me esvaziando.

Eu achava que estivesse sofrendo de esgotamento profissional, mas era mais do que isso. Eu era motivada pela paixão de ver vidas transformadas, mas também necessitava da validação de sentir que a minha vida poderia impactar a vida de outra pessoa de maneira significativa. Ao longo do tempo, a profunda satisfação que eu sentia em meu trabalho foi diminuindo. Aquele impulso constante, ainda que sutil, de agir e fazer cada vez mais continuou levando-me a sentir-me inadequada. Minhas expectativas a respeito de mim mesma cresciam ao mesmo tempo em que minha capacidade de satisfazê-las desaparecia. Pior ainda: comecei a sentir-me uma peça-chave para o sucesso de Deus, mas eu não conseguia mais agir.

Foi então que deixei o ministério que eu tanto admirava.

Eu, o modelo de filha com sangue nos olhos, do tipo que se recusava a desperdiçar a própria vida, sucumbi.



Tirei férias de compartilhar a respeito de Jesus e encontrei um emprego de tempo parcial. Durante boa parte de um ano, passei as tardes em meio a lavanda francesa importada, sabonetes artesanais e porcelanas italianas em uma boutique. Fui instruída a *não* tirar o pó das galinhas d'angola de porcelana e das pilhas de pratos – aparentemente as pessoas se sentem em casa assim – e, por vezes, eu não atendia mais do que cinco pessoas em um dia. Estava vivendo aquilo que costumava julgar: alguém que chegava ao fim do dia sem ter uma história de impacto para o Reino ou sequer uma conversa espiritual. Em lugar de levantar dinheiro com o objetivo de cavar poços para pessoas que não tinham água potável, eu passava o tempo entre jarras que custavam cem dólares cada.

Era a vida que eu jurara que jamais teria: improdutiva; um desperdício enorme de tempo, energia e habilidades.

Todavia, para a surpresa de meu coração orientado à produtividade, aquela pequena loja no Barracks Road Shopping Center foi o lugar onde encontrei Deus.

Eu levava minha Bíblia para o trabalho e disfarçadamente a abria sentada atrás do caixa. Pela primeira vez, eu tinha tempo livre. Discutia a Palavra de Deus com ele lentamente – dando menos importância às lições que poderia extrair do que à pessoa retratada nas histórias. Eu andava em volta das mesas rústicas com peças de cerâmica empilhadas, orando uma passagem de cada vez, com o aroma de sabonetes artesanais franceses pairando no ar. E à medida que fazia isso, percebia detalhes sobre Jesus que jamais havia visto enquanto me preparava para ministrar um estudo bíblico ou tentava sintetizar alguns versículos com a intenção de enfatizar algum ponto. Ao ler, aprendia mais sobre Deus e percebia que ele também me observava nos detalhes do dia a dia. Começava a ver a Pessoa que *era* a Palavra que eu memorizara e citara por anos e anos.

Ele tinha olhos e um rosto.

Suas mãos seguravam um martelo, lavavam pés, acariciavam o rosto das crianças — e dos adultos.

Ele suava.

Descobri camadas da natureza de Deus que sequer vislumbrava ao acelerar a vida, nos momentos em que ele não passava de um líder e mestre para mim. Aos poucos, meu desejo de ver e sentir quem ele é através das páginas de sua Palavra me levou a olhar para os detalhes de sua face, a contemplá-lo longa e detidamente, e não somente uma vez. Ao fazê-lo, percebi que ele não apenas me convidava a enxergá-lo nos detalhes de cada história que eu lera por anos para construir temas e lições, mas que ele também me via nos mesmos detalhes. Talvez pela primeira vez na vida, eu olhei nos olhos de Deus.

Sua vida na Terra e naquelas páginas mostrava a expressão de seu rosto — olhando para mim. Ao diminuir o ritmo, fui capaz de ver que ele também olhava além de minhas complexidades para conhecer e responder ao meu coração. Ele não exigia que eu o seguisse, mas me permitia contemplar apenas suas costas e seus passos firmes caminhando à minha frente; ele estava voltado para mim e me olhava com o coração aberto e uma atitude infinitamente receptiva.

Seu rosto tinha uma expressão gentil; *amorosa*. Ele se mostrava amoroso a mim, que nada estava fazendo para ele.

Assim como uma criança precisa ver seu próprio reflexo nos olhos amorosos dos pais, eu precisava ver Deus me observando passar horas no silêncio daquela loja. Precisava ver o brilho em seus olhos quando ele olhasse para mim. Eu vivera a maior parte de minha vida cristã com essa deficiência, imaginando seu olhar opaco e duro sobre mim. Eu precisava saber o que o Senhor pensava a meu respeito durante a minha inatividade, aquele tempo em que eu nada fazia por seu reino, apenas pagava as minhas contas, comprava comida e arrumava a cama. Se Deus tinha pensamentos amorosos em relação a mim em meus momentos cotidianos, era nestes momentos que eu queria encontrá-lo. Eu queria crer que o mesmo Deus que se agradava de mim quando eu compartilhava o Evangelho continuava sorrindo para mim quando eu levava o lixo para fora ou tirava um cochilo. Se eu pudesse olhar nos olhos do Senhor naqueles momentos ordinários – e enxergasse neles o mesmo brilho –, minhas suposições sobre Deus precisariam mudar.

E eu queria que mudassem.

Em um ano que, de acordo com os meus padrões ministeriais de produtividade, não passou de uma derrota, cresceu em mim a necessidade de me conectar com os olhos de Deus e perceber sua expressão verdadeira ao contemplar-me. Eu sabia que, se eu fosse capaz, no meio de uma tarde qualquer, de ver a Deus como o Criador, como aquele que gentilmente me atrai para perto de si com amor, eu conseguiria encontrar profundo descanso em minha alma.

Eu não teria necessidade de trabalhar tanto para chamar a atenção de Deus, porque já a teria. Cada minuto comum do dia passaria a ser uma oportunidade de encontrar o olhar firme de Deus.

Isso é estar escondido. Não é um conceito natural para ser absorvido pela mente humana. Há momentos em que Deus nos esconde. Ele pode colocar-nos em um emprego difícil ou em uma circunstância desagradável na qual nos sintamos desconfortáveis e incompreendidos. Ele pode esconder-nos em meio a uma multidão na qual nos sintamos perdidos – invisíveis – ou atrás da porta de nossas casas, trocando fraldas e fazendo o bebê arrotar. Ele faz isso para que possamos ver outro lado de sua personalidade, outro lado desse Deus que olha profunda e compreensivamente para dentro de nós quando ninguém mais está olhando ou prestando atenção, e para que revivamos sob esse olhar.

Sem dúvida, estar oculto assim pode parecer indesejável a princípio. Resistimos a tais situações. Queremos sair do emprego sem futuro, livrar-nos do ministério ou da igreja onde não somos devidamente valorizados por aquilo que somos ou fazemos. (E a maior parte de nossos amigos provavelmente nos aconselhará a cair fora.) Queremos sair debaixo da montanha de roupas sujas e do serviço anônimo e ir para algum lugar onde tenhamos atenção, onde não apenas sejamos vistos, mas também apreciados, validados pelos que estão ao nosso redor.

E ainda assim, mesmo enquanto clamamos para ser tirados daqueles lugares, Deus continua a usar circunstâncias desagradáveis e inflexíveis para nos mostrar aquilo que ele vê e sabe – sim, mesmo naquele emprego que clamamos desesperadamente para conseguir abandonar, ou naquela igreja onde parece que ninguém percebe nosso potencial. Parece que estamos simplesmente esperando algo acontecer ou suportando as dificuldades. Porém, do ponto de vista de Deus, essas fases têm um propósito.

Nas palavras de Paulo, estar oculto nos leva a pensar “*nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra*” (Cl 3.2)

É impossível que cheguemos sozinhos a esse modo de pensar. Respiramos, pagamos nossas contas e usamos nossas palavras, tudo isso de forma temporal. Precisamos de ajuda para contemplar o invisível, as coisas dos céus e não aquelas que podemos tocar ou medir. Nossa verdadeira vida – uma vez que passamos a conhecer o Senhor – não está no mundo temporal. Esconder-nos é a forma que Deus usa para nos ajudar a alcançar esse distanciamento, fazendo-nos abandonar aos poucos as “coisas da terra” às quais nunca deveríamos ter-nos apegado.

Paulo prossegue, dizendo que *“já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus”* (Cl 3.3).

Foi naquela boutique – uma fase em que eu sentia estar vivendo a morte dos meus sonhos – que experimentei pela primeira vez essa invisibilidade. Foi ali que aprendi a “perder tempo com Deus”. Até aquele momento, passar 20 ou 30 minutos com Deus todas as manhãs – com a Bíblia e um diário abertos no colo – era mais do que suficiente e o máximo que eu conseguia separar. Tenho certeza de que, inconscientemente, eu considerava perdido aquele tempo extra que atrapalhava minha produtividade e disfarçava a preguiça. Porém, à medida que o meu coração era ressuscitado atrás daquelas vitrines, eu começava a enxergar o valor de buscar a Deus naquelas horas despercebidas e improdutivas. E aos poucos comecei cuidadosamente a lhe dar acesso a partes de mim que ninguém, nem mesmo eu, havia visto antes.



À medida em que meu coração passava do frenesi diário para a quietude daquela loja, as partes ocultas de meu pensamento afloravam. Um dia, a esposa de um dos amigos de meu marido veio à loja. Ao invés de ficar feliz em vê-la, senti-me subitamente envergonhada. Ela me flagrara sendo insignificante – não pregando o Evangelho, não trabalhando para o reino de Deus nem usando meu diploma da faculdade; apenas vendendo toalhas de mesa

caras –, e subitamente senti a necessidade de justificar minha existência inativa.

Assim que a porta se fechou atrás dela, a necessidade de deixar aquele emprego e fazer algo significativo com minha vida me consumiu.

No passado, eu teria obsessivamente me fixado naquela ideia por semanas. Mas, na quietude da loja e na tranquilidade do meu trabalho, senti-me mais curiosa do que ameaçada. Mais um pouco de tempo e uma discussão suave com Deus criaram um espaço seguro para que eu pudesse ver as camadas existentes dentro de mim mesma. Logo de cara, após nossa interação de 12 minutos, tive a impressão de que ela era bem-sucedida e que eu estava toalmente encalhada ali. Ela tinha realizações para compartilhar, e eu sabia apenas pedir a outra loja de nossa rede uma toalha da cor que ela queria. Entretanto, percebi em seguida que a vontade de pedir demissão que me consumiu no minuto em que ela saiu dali não era algo ao qual eu deveria dar ouvidos. Pelo contrário, era um indício de uma pergunta mais profunda que eu precisava fazer a Deus: *Como o Senhor me vê, especialmente agora que me sinto improdutiva e malsucedida? Como o Senhor me vê quando me sinto despida sem nenhum impacto atrás do qual eu possa me esconder?*

Era isso que aflorava nas horas em que eu estava trabalhando, mas não transformando vidas. Comecei um novo diálogo com Deus que não incluía o clamor para que ele me usasse na vida de alguém ou me permitisse fazer a diferença. Foi uma conversa na qual percebi que ele se importava com a intimidade do meu coração. Ele se importava com as inseguranças que me assolavam. Eu sentia o pulsar da vida divina nas histórias bíblicas pelas quais eu havia perdido a paixão. Nem mesmo parágrafos inteiros, mas meras frases da Palavra, que antes não passavam de respostas decoradas, transformaram-se em poesia, renovando minha mente e tornando-se novas e íntimas conversas com Deus. Ele não apenas se tornava mais real para mim à medida que eu deixava de estudar para mergulhar nas Escrituras. Ele se tornava pessoal para mim.

O Deus das eras passadas era alguém novo e vibrante para mim. E comecei a pensar que ele realmente gostasse de mim, ali naquela loja, onde eu ganhava pouco mais de um salário mínimo e não precisava usar meu diploma.

Nas páginas de sua Palavra, eu o via valorizar o coração daqueles que o buscavam em segredo. Deus disse a Samuel: *“porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem olha para o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração”* (1 Sm 16.7).

Eu o ouvi sussurrar essas mesmas palavras para mim. Eu queria me envergonhar, mas estranhamente me sentia vista, conhecida e apreciada por Deus simplesmente por ter voltado meu coração e minha conversa para ele naquele momento.

Anos antes, eu jamais teria acreditado que Deus poderia me apreciar naquele estado – ou sequer me tolerar. Porém, quando a loja estava vazia, e o pôr do sol se refletia no assoalho em meio às mesas cobertas por pilhas de toalhas caras, eu me conectei novamente com os olhos de Deus. Senti seu prazer. Eu estava desperdiçando tempo com o Senhor.

Deus gostava de mim.

Queria passar tempo comigo.

Quando você está com alguém que conhece as esquisitices do seu coração e gosta de você mesmo assim, é natural que você queira passar mais tempo com aquela pessoa. Quando Deus prestava atenção em mim – mesmo àquelas partes pequenas e invisíveis da minha pessoa –, eu desejava retribuir. Queria sentar-me com ele e estudar as linhas e os contornos de sua face.

Eu começava a crer que talvez a pessoa que eu era em segredo fosse motivo de elogios. Talvez, a minha vida improdutiva de olhar para ele estivesse surpreendendo os anjos.

Agora, eu não abria mais a Bíblia por obrigação. Pelo contrário, era conduzida pelo desejo de ver e conhecer mais de Deus. Em

cada passagem, em cada versículo, eu mergulhava naquilo que era a vida para mim: a alegria na face de Deus ao me olhar. Eu tinha sofregamente procurado por anos aquela expressão na multidão, pensando que a encontraria apenas nos elogios ou na aprovação das massas, nos olhos de outras pessoas. Mas agora eu a via na face de Deus. O Senhor se deleitava em mim mesmo quando eu menos pensava merecer.

Deus me cultivava em segredo, escondida por trás das vitrines de uma loja na Barracks Road.



Eu raramente presto atenção às raízes de uma árvore exceto quando tropeço nelas. Posso notar a forma como os galhos atravessam o céu quando saio da garagem de casa ou colho maçãs em um pomar com meus filhos no começo do outono. Posso esfregar uma folha recém-caída entre os dedos. Porém, na maior parte do tempo, caminho sem perceber, sobre as raízes, a vida escondida de qualquer árvore que faz com que todo o restante – galhos, sombra, frutas e folhas – possa existir.

Frequentemente, o sucesso óbvio de nossos dias chama a maior parte de nossa atenção. Perceber as raízes, e mais ainda cuidar delas, parece secundário quando temos galhos nos quais subir e frutas para colher. Vivemos para o que vemos enquanto Deus gentilmente nos chama para o invisível. Seu invisível.

Nós revivemos no invisível.

Fomos feitos para ele.

Fomos formados nele.

Eu havia passado a maior parte da minha vida adulta com essa falta de consciência com relação ao meu relacionamento com Deus. Eu pensava que o crescimento fosse como os grandes ramos (majestosos sob o sol vistos sob um céu azul), e praticamente ignorava as raízes. Mas eu não era mais capaz de crescer em Deus

sem cuidar das minhas raízes, sem reconhecer que algo enterrado sob a superfície era o que dava vida ao tronco e aos galhos que eu mostrava ao mundo. Perceber e cuidar dessas raízes – minha vida íntima e escondida em Deus – parecia secundário quando havia tantos ramos de ministério nos quais subir e frutos espirituais para produzir e colher. Entretanto, Deus estava gentilmente me chamando de volta ao solo — chamando-me a me esconder nele ao invés de trabalhar para ele, a desviar a atenção dos galhos para as raízes, do meu trabalho visível *para* o Senhor à minha vida invisível *com* o Senhor.

Era como se ele pacientemente desviasse meus olhos dos galhos para minhas raízes sedentas. *Você não precisa se esforçar tanto para deixar sua marca no mundo, Sara. Volte para o chão. Deixe sua marca em mim.* Era esse sussurro divino que comecei a ouvir naquela fase improdutiva. *Gaste, derrame, aqui mesmo, e eu farei a árvore crescer.*

Jamais passara por minha cabeça que eu poderia derramar minha vida a seus pés, importando-me apenas com o que ele pensaria de mim. Era um lindo desperdício.

Ao perceber que ele me via e me conhecia nos pequenos momentos do meu dia, e me apreciava exatamente assim, eu deixava de ser uma mera *seguidora* de Deus e me tornava alguém que *amava* o Senhor. Jogar conversa fora com Deus em meu lugar secreto era algo que me transformava em alguém que fazia qualquer coisa para trazer glória ao Senhor na Terra. O que eu construía com Deus em segredo me levou a uma doce parceria com ele, o tipo de parceria que leva qualquer um de nós a causar enorme impacto neste mundo – não por causa da magnitude do que fazemos ou como nos sentimos ao fazê-lo, mas por causa de quem ele é para nós.

Aquelas conversas secretas com Deus começaram a impulsionar a maneira como eu interagia com o mundo ao meu redor.



Fomos criados para receber atenção – para que alguém guarde uma mecha de nosso cabelo quando somos bebês, para que o nosso progresso seja notado, para que a nossa existência seja festejada. Porém, no final de quase qualquer álbum de bebê, você provavelmente encontrará páginas em branco. Em algum momento, ninguém mais terá tempo para contar nossos dentes ou anotar as novas palavras que aprendemos. Podemos nos sentir afogados em momentos perdidos, invisíveis por ser quem somos e quem poderíamos ser. Podemos sentir que partes da nossa vida foram desperdiçadas.

O anseio por ser visto é universal: fomos feitos para sermos conhecidos. Mas há apenas Alguém que pode nos conhecer. Ele é o que nos criou para viver momentos e horas que ninguém mais é capaz de entender.

E é aí que entra a misteriosa beleza de estar oculto. Nós, que vivemos a maior parte de nossos dias entre as pessoas deste mundo, não nos abrigamos naturalmente em Deus. Não buscamos instintivamente a motivação que nos impulsiona na expressão do olhar divino para nós.

Ao invés disso, respondemos aos olhares, ao aplauso e à direção de outros indivíduos que nos cercam. Por isso, Deus nos esconde. E o faz com maestria.

Assim como fez comigo, Deus às vezes nos esconde em circunstâncias obscuras. Ele nos tira do papel central a fim de que possamos descobrir a beleza de apaixonar-nos por ele enquanto ninguém está assistindo ou aplaudindo. Nós nos sentamos a uma mesa e trabalhamos em algo que ninguém reconhece. Empurramos carrinhos de bebê, trocamos fraldas e embalamos as crianças para que peguem no sono. Trabalhamos nos bastidores, de prancheta na mão, servindo a quem está no palco. Frequentamos uma igreja que não tem muito a ver com quem somos e com os dons que temos, servindo de forma discreta e invisível fora dos holofotes.

Às vezes, Deus nos esconde em provações ou sofrimento. Nós nos arrastamos por um casamento despedaçado, imaginando se a vida algum dia voltará ao normal. Recebemos um telefonema tarde da noite, e uma tragédia divide nossa existência entre um antes e um depois. Perdemos nossa rotina em meio a um mar de consultas pediátricas e nos preparamos para outra noite insone segurando a mão de um filho no hospital.

Outras vezes, Deus nos esconde em plena vista, em meio a uma vida que segue a todo vapor, a fim de que aprendamos a conhecê-lo ao mesmo tempo em que construímos uma carreira, lideramos um ministério ou cuidamos da família. Tiramos um doutorado, durante o qual cada letra do nosso nome representa incontáveis horas de trabalho duro e invisível, de sacrifícios que ninguém saberá quanto custaram. Torcemos por nossos filhos da arquibancada, sabendo que há muito mais esforço por trás dos gols que marcaram na temporada. Temos enormes responsabilidades no trabalho ou liderando uma fundação, usando um título que traz consigo fardos que poucos são capazes de reconhecer ou compreender.

Sim, *todos* nós, agentes de transformação do mundo, criados por Deus para sua glória, experimentamos estar ocultos, propositalmente escondidos. Talvez, estejamos ocultos hoje simplesmente porque Deus aprecia quando lhe damos em particular o nosso todo – todos os nossos pensamentos, as nossas orações e a devoção concentrada. (Seria suficiente que simplesmente nos derramásemos diante dele, a sós?)

Passamos a maior parte da vida ocultos dos outros. Nossos pensamentos, nosso sono, a criação dos filhos, a maneira como dirigimos e fazemos compras... Deus nos criou para que nos ocultemos nele; não que trabalhemos para Ele.

No início de minha vida adulta, eu estava oculta em uma loja, entre mesas rústicas carregadas de toalhas e peças de cerâmica, enquanto meus sonhos ministeriais definhavam em um diário gasto perdido em algum lugar do porão de casa.

Quando eu era uma jovem esposa, eu estava escondida atrás de uma escrivanhinha enquanto o sujeito com um MBA recebia o crédito por meses de meu trabalho sem jamais reconhecer minha existência.

Anos mais tarde, eu estive oculta, sem filhos, nos chás de bebê, em lugares cheios de mulheres que conversavam sobre maternidade e trocavam roupas de gravidez.

Fiquei oculta sob pilhas de papel e dívidas de adoção enquanto minhas amigas amamentavam seus bebês.

Fiquei oculta em uma casa de hóspedes na Etiópia com uma criança recém-adotada que chorava por horas a fio, e percebi que nenhuma de minhas amigas jamais entenderia o suor que derramei em apenas alguns dias de maternidade.

Fiquei oculta com aquela mesma criança no colo, enquanto ela chorava novamente as feridas de ter vivido tempo demais abandonada, sem poder curar o que já havia passado.

Fiquei oculta por trás de um púlpito, trêmula, ao contar minha história e abrir partes vulneráveis de minha vida a escrutínio e críticas, dando às pessoas a oportunidade de comentar e entender tudo errado.

Mais recentemente, estou oculta vestindo calças de moletom em casa com seis filhos, crianças cujas necessidades transformam meus dias em um borrão fácil de esquecer se não estivesse registrado *on-line*. Estou escondida ao sentar-me sozinha no fim do dia, cansada demais para dobrar roupas limpas ou ajudar aquelas mãozinhas a segurar os lápis de cor.

Houve uma época em que eu empilhava essas experiências todas e as rotulava como improdutivas — desperdiçadas e perdidas. Mas agora as vejo de forma diferente. Estes são dias essenciais, os mais importantes, cada um cheio de horas nas quais posso decidir ocultar-me em Deus.

E me junto a multidões de homens e mulheres, escondidos propositalmente para ser treinados a apaixonar-se por Deus. Eles estão limpando banheiros, batendo cartão, limpando comadres, sendo criticados e lutando contra a fadiga — com a oportunidade de encontrá-lo em meio a todo o resto. Nenhum momento é pequeno demais, insignificante demais para se ocultar em Deus e passar tempo com ele.

Deus ama nos esconder. Por trás de circunstâncias, chamados de incompreensão ou desprezo até mesmo dos amigos mais queridos, ele nos esconde. Podemos nos sentir encobertos e despercebidos, mas Deus está nos treinando para que voltemos os olhos para ele com a intenção de encontrá-lo ali.

Estar oculto não significa ser punido ou se encontrar sob o desprazer de Deus. O salmista diz que aquele “*que habita no esconderijo do Altíssimo*” tem um refúgio e fortaleza em Deus (Sl 91.1). Deus não nos bane para o lugar oculto. Ele nos *convida* a estar ali. E encontrar Deus em secreto pode ensinar um coração a cantar.



## Maria de Betânia

Sobre ela, Jesus disse: “*Em todo o mundo, onde quer que for pregado o evangelho, também o que ela fez será contado para memória sua*” (Mc 14.9).

Ela pode não ter sido uma das poucas pessoas mencionadas nos evangelhos ou entre os discípulos de Jesus. Durante sua vida, ela provavelmente não foi uma líder extrovertida de um ministério que atraía um grande número de seguidores.

Ela simplesmente tocou uma vida.

E sua história passou a ser contada — para sempre.

Quando Jesus foi a Betânia seis dias antes da Páscoa, ele entrou no redemoinho corriqueiro da vida de Maria: as estradas que

seus pés calejados e cansados conheciam de cor, o lugar onde ela buscava água, os pisos que ela varria. E foi naquele contexto familiar e ordinário que algo extraordinário ocorreu; um desperdício extraordinário.

Quando Jesus jantava com seus amigos, Maria derramou perfume sobre seus pés e os secou com os próprios cabelos. Embora outros tivessem se escandalizado e criticado suas ações, Jesus a dignificou com palavras. O Filho de Deus ficou grato pelo que aquela mulher havia feito. Ele chegou a dizer que ela seria lembrada e tida em alta consideração por seu desperdício.

Era a história dela que ele viera para contar naquela noite.

E é verdade. Mais de dois mil anos depois, conhecemos Maria não por causa da comida que talvez ela tenha servido mais cedo naquele dia, pelo parente idoso do qual ela tenha cuidado, ou mesmo por causa das orações que ela pode ter feito. Nós a conhecemos por sua ousada e amorosa extravagância em relação a Deus. E mesmo essa demonstração pública de afeto também foi escondida — não porque ninguém mais a presenciou, mas porque ninguém mais importou naquele momento.

Maria tinha olhos somente para uma Pessoa. Sua motivação estava relacionada a ele. Ela não chegou aos pés de Jesus buscando elogios, mas permaneceu ali apesar das críticas. Aquilo que ela cultivou com aquele Homem, de maneira quieta e ordinária, tornou-se sua maior expressão.

Isso é amor radical de acordo com Jesus.

Em Maria, vemos o que significa desperdiçar a nossa vida em Deus. Em situações que, de outra maneira, evitaríamos ou das quais nos ressentiríamos – o cubículo no quarto andar, a última fileira de cantores, a lavanderia –, Deus nos convida, por meio da história eternamente repetida de Maria, a demonstrar uma expressão de amor radical; o tipo de amor desequilibrado que lança tudo a seus pés independentemente de ser visto, aprovado ou aplaudido.

Os pedaços do momento de desperdício de Maria formam um prisma através do qual devemos considerar a ideia de estar oculto. Deus usou um momento voltado exclusivamente a ele para convidar outros indivíduos a aproximar-se dele. Um momento em que ela não buscava elogios nem temia as opiniões alheias. Um momento firmado em tantos outros que o antecederam no qual o amor e a devoção de Maria a Jesus alimentaram suas ações.

Nos capítulos a seguir, exploraremos as ricas, ainda que por vezes ocultas, oportunidades que Deus nos dá em nossos próprios momentos de invisibilidade e a forma como podemos nos apoiar nessas circunstâncias com esperança. E como podemos crescer. Profundamente. *Continuamente.*

Este convite para abraçar a invisibilidade nasce de um convite único e periódico a fazer a pergunta da nossa vida: *Quando ninguém o aplaude, quando a vida parece difícil e sem sentido, ou simplesmente quando a quietude se torna enfadonha, você se abrigará em mim? Você desperdiçará seu amor comigo neste lugar?*



### **Para continuar estudando**

1 Sm 16.7 | Sl 17.8 | Sl 18.19 | Sl 91.1 | Sl 107.2 | Sl 119.130 | Sl 139 | Pv 25.2 | Ct 2.14 | Is 64.4 | Mt 6.1-4 | Mc 14.9 | Jo 1.47-50 | 2 Co 4.16-18 | Gl 1.10 | Ef 3:17-19 | Fp 1.6 | Cl 3.1-4 | Hb 12.2

*Esta seção ao final de cada capítulo é destinada aos leitores que, como eu, desejam aprofundar-se nesses ensinamentos com base na verdade de Deus. Alguns versículos são citados ao longo dos capítulos, e outros são apenas mencionados. Convido você a usar tais passagens como pontos de partida para abrigar-se em Deus, perder tempo em adoração ao Senhor e incorporar a Palavra em sua linguagem diária.*

# DOIS

## VISTO E CELEBRADO

### Descobrimo Quem Somos à Parte do que Fazemos

*“E Marta serviu.” (João 12.2)*

**E**u tinha 17 anos e era ainda um bebê na fé quando, em um misto de oportunidade e impulso, entrei em um avião pela primeira vez. Estava a caminho de um acampamento cristão nas montanhas Adirondack a fim de trabalhar voluntariamente como garçõnete.

Até então, eu jamais tinha ficado fora de casa por mais de uma semana. Até um ou dois anos atrás, eu era a garota que ficava com saudade de casa no meio das festas de pijama. E reclamava quando minha mãe me pedia para passar o aspirador de pó. No entanto, ali estava eu, voando para vários estados de distância com a intenção de servir a outros das sete da manhã às dez da noite durante um mês.

Nossa equipe (30 voluntários do ensino médio) arrumava mesas, servia a comida e limpava tudo diariamente, no café da manhã, almoço e jantar, para 300 acampantes barulhentos e esfomeados da nossa idade.

Corríamos de uma refeição para a próxima, mal tendo tempo para respirar. As migalhas do almoço ainda estavam sob as nossas unhas quando tocava o sino do jantar.

O trabalho era cansativo, mas o que permanece em minha memória eram as peças que pregávamos durante os 30 minutos antes do horário de ir deitar. Lembro-me das danças que coreografávamos enquanto fazíamos a limpeza do almoço, e das conversas rápidas sobre nos tornar melhores amigos com pessoas que hoje considero amigas queridas por mais de 20 anos.

Em algum momento entre o trabalho pesado, as noites curtas e as brincadeiras malucas, nossos líderes de equipe ainda nos faziam memorizar as Escrituras. O primeiro versículo que memorizamos chegando ao acampamento foi: *“Pois também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir, e para dar a sua vida em resgate de muitos”* (Mc 10.45)

Era um versículo novo para mim. Eu não sabia até então que servir fazia parte do pacote para o qual eu me alistara – que era o próprio testemunho da vida de Jesus – até ter memorizado aquele versículo. Porém, naquele verão, tive uma prévia do que significa entregar a minha vida. Tenho também um álbum cheio de fotos de momentos especiais com 30 outras pessoas. Não fomos exatamente sofrendores naquele mês, e certamente não estávamos fazendo nada em segredo, mas tive uma amostra grátis do que era servir.

Na época, o serviço — e ainda menos serviço *oculto* do tipo que Jesus ofereceu ao lavar os pés manchados de seus discípulos — exercia pouca atração sobre mim. E não me parecia necessário. Naquela fase inicial de meu relacionamento com Deus, tudo parecia novo, brilhante e divertido. Eu não estava inclinada a gastar muito tempo pensando naqueles versículos menos glamorosos da Bíblia.

Pelo contrário, dava um jeito de encaixar as Escrituras em formatos que fizessem sentido para mim. Eu lia: *“qualquer que entre vós quiser tornar-se grande, será esse o que vos sirva; e qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, será vosso servo”* (Mt 20.26-27). Ora, eu poderia ler este versículo como um convite, uma forma de experimentar as melhores intenções de Deus em relação a mim pelo serviço. Entretanto, quando minha versão adolescente o

interpretava, eu entendia algo assim: “Crie coragem e sirva. Somos chamados para andar com pessoas nas classes mais humildes”.

Eu lia: *“Mas o maior dentre vós há de ser vosso servo. Qualquer, pois, que a si mesmo se exaltar, será humilhado; e qualquer que a si mesmo se humilhar, será exaltado”* (Mt 23.11-12) E interpretava: *Sufoque o desejo de fazer algo para você mesma. Servir é a melhor coisa a fazer e a única coisa que realmente importa.*

Mas havia uma dissonância gritante entre meu desejo de ser notada e as mensagens que eu recebia, as quais pareciam ensinar que desejos como esses eram errados. Para conciliar minha compreensão de serviço com meus desejos de reconhecimento e aclamação (que não eram apenas um efeito colateral da juventude e imaturidade, mas inerentes a mim antes e depois da adolescência), eu os sufoquei. Eu os enterrei profundamente e passei a detestar aquela parte de mim que ansiava por ser notada. Sentia repugnância de qualquer parte de mim que não se alinhasse a minhas reinterpretações do que significava servir. Não me ocorreu perguntar a mim mesma: *Será que Deus me fez com o desejo de ser vista e celebrada, e estes desejos estão simplesmente fora de foco?*



A verdade é que somos feitos por Deus para sermos vistos e celebrados. Gostamos de ouvir nosso próprio nome. Quando somos notados e recebemos afirmação por nossas realizações ou por nossos traços de caráter, sentimos aquele suspiro de satisfação interno que diz: *Sim, eu faço diferença para alguém.* É Deus quem nos dá o anseio por reconhecimento, por perceber que fazemos diferença.

O autor e pastor Dallas Willard afirma: *“Diferentemente do egoísmo, o impulso de significância é uma mera extensão do impulso criativo do Deus que nos deu existência [...] Fomos criados para fazer a diferença assim como a água foi criada para correr*

*montanha abaixo. Somos colocados em um contexto específico para fazer a diferença de maneiras que ninguém mais é capaz. É este o nosso destino*".<sup>[1]</sup>

Fazíamos diferença mesmo antes que alguém nos conhecesse, antes mesmo de respirar. Davi sabia disto: *"Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe"* (Sl 139.13). Fomos concebidos e crescemos em oculto: *"os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui formado e entretecido como nas profundezas da terra"* (v. 15). Contudo, ainda em nossa invisibilidade pré-natal, havia olhos voltados para nós. Vivíamos para aquele par de olhos: *"Os teus olhos me viram a substância ainda informe"* (v. 16).

Desde o momento em que fomos criados, fomos vistos. E isso foi maravilhoso. Mesmo antes de termos palavras, a nossa alma já estava codificada para conhecer a imagem de Deus: *"Graças te dou, visto que por modo assombrosamente maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis, e a minha alma o sabe muito bem"* (v. 14).

Aquele cujas mãos formaram nosso intrincado mecanismo também teve pensamentos enquanto trabalhava. Davi maravilhou-se: *"Que preciosos para mim, ó Deus, são os teus pensamentos!"* (v. 17). Muitos pensamentos: *"E como é grande a soma deles! Se os contasse, excedem os grãos de areia; contaria, contaria, sem jamais chegar ao fim"* (vv. 17,18). E Deus não para de pensar em nós. Ele nunca deixa de olhar para a nossa direção e para dentro de nós. Não há um só momento em que sejamos invisíveis para o Senhor: *"Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face?"* (v. 7).

Este é o vínculo íntimo para o qual fomos formados. Ansiamos por um significado – por sermos vistos, compreendidos e amados, por sermos e vivermos *maravilhas* –, porque somos feitos não apenas para conhecer a Deus, mas também para sermos conhecidos por ele. Davi celebrou essa verdade ao escrever:

**Senhor, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos. (Sl 139.1-3)**

Mesmo sendo conhecidos, nascemos para estar ocultos, escondidos. “*Deus nos viu quando não podíamos ser vistos*”, escreveu Charles Spurgeon, “e ele escreveu sobre nós quando ainda não havia nada para escrever”.<sup>[2]</sup> Pelos nove meses em que estivemos no útero, invisíveis até mesmo aos olhos da mulher cujo corpo nos trouxe à vida, crescemos do tamanho de uma semente até o tamanho de uma melancia. Invisíveis, aumentamos de tamanho 1.600 vezes desde o minúsculo aglomerado de células que fomos originalmente. Naquele lugar secreto, somos incubados. Escondidos. Conhecidos. Testemunhados. Ocultos. Na invisibilidade do útero, Deus nos dá um vislumbre de uma verdade eterna, a verdade que se acelera e multiplica em segredo.

O problema não está em ansiar por significado, mas em ser dissimulado ou mal orientado na busca de significado. Quando prezamos acima de tudo os olhares dos outros – suas opiniões e reconhecimento –, nós nos desviamos do contato visual com os únicos olhos capazes de verdadeiramente nos enxergar. Esquecemos a beleza de ter os olhos do Criador voltados para nós, os olhos que presenciaram a concepção da nossa vida e amaram o que viram.

*Continuamos* famintos por aquilo para o qual fomos feitos: sermos vistos, conhecidos, celebrados, participarmos de algo maior do que nós mesmos. Entretanto, com demasiada frequência, nós nos contentamos com coisas menores. Parece mais simples receber um *like* em uma rede social do que aquietar-nos perante Deus, buscar sua face e ouvir seus sussurros — especialmente se não estamos seguros da expressão de sua face ou de seus sussurros amorosos. Imaginamos se Deus sequer poderia gostar do que vê em nós quando ninguém mais está olhando. E nos esquecemos de que foi exatamente assim que estávamos ocultos ao tomar forma pela primeira vez.



“Ele disse que me ama, mamãe”, minha filha falou quando a coloquei na cama, sussurrando com a mão tapando a boca próxima ao meu ouvido. Aparentemente, era um segredo. Isso foi anos após aquele verão nas Adirondacks, anos depois que eu andara de lá para cá na loja da Barracks Road e vários anos após meu casamento. Nate e eu já tínhamos quatro de nossas atuais seis crianças na época. Aqueles quatro foram adotados – Eden e Caleb na Etiópia e Lily e Hope em Uganda. Nossos filhos estão trocando a pele de órfãos, um processo não muito diferente do que nós, crentes em Jesus, vivenciamos, deixando nossa identidade antiga para trás a fim de tornar-nos quem realmente somos. Às vezes, pensamos em nossa casa como um laboratório do coração humano ao testemunhar a transformação dos espíritos órfãos em verdadeiros filhos durante tardes na sala de estar, lavando os pratos do jantar ou assistindo aos treinos de futebol.

A adoção por vezes carrega o estigma de trazer crianças feridas a ambientes intactos. Ainda que seja parcialmente verdade, a verdade maior é que cada um de nós está fraturado. E mesmo após encontrar o caminho para os braços de Deus, partes de nós continuam quebradas e ainda precisam da mão carinhosa de um Pai que gentilmente as cure. Independentemente de termos 23, 48 ou 71 anos de idade, sempre há em nós outras partes vulneráveis que precisam da garantia desse desenfreado amor de Deus.

Os quatro corações feridos de casa não são tão diferentes assim do nosso próprio coração, somente menos capazes de mascarar a dor. Eles anseiam desesperadamente pelo acesso ao colo do papai e ao mesmo tempo temem tamanho amor. Eles frequentemente acham mais fácil servir em obediência e ser cuidadosos para jamais cometer erro algum ou sempre provar seu valor e seu merecimento do amor recebido. Seus ferimentos lhes ensinaram a buscar segurança em sua performance ao invés de encontrá-la com um suspiro de alívio na estabilidade dos braços de papai.

Como adultos, aceitamos a linguagem de ser filhos de Deus ao mesmo tempo em que continuamos no conflito – quase diário e por vezes constante – de não saber como descansar em segurança nos braços do Pai. Vivemos com ele, sob sua proteção e em sua família, mas continuamos nos comportando como órfãos – distantes, fragmentados e servindo incansavelmente para merecer o que recebemos.

A busca do Pai por nós não se encerra com a salvação. Ele está constantemente nos atraindo. No entanto, nós levamos a vida como se fosse mais confortável viver fragmentados, porque é a única maneira que conhecemos: servindo bem ou nos envergonhando e retomando o bom comportamento quando não o fazemos. O escritor A. W. Tozer assim descreveu a incansável fidelidade de Deus: *“A pseudo-fé tem sempre pronta uma rota de fuga para a eventualidade de Deus falhar. A verdadeira fé só conhece um caminho e permite de bom grado que qualquer improvisado ou plano B seja removido. Para a verdadeira fé, as alternativas são Deus ou o colapso total. E desde que Adão caminhou sobre a terra, Deus jamais falhou com um único indivíduo que tivesse confiado nele”*.<sup>[3]</sup>

A certa altura, isso era tudo o que eu sabia sobre como me relacionar com ele. Mas agora tenho a oportunidade de testemunhar, em meus filhos, a mesma obra de cura que está acontecendo progressivamente em mim, e a mesma obra de cura que suspeito estar acontecendo em você.

Naquela noite em particular, Hope ainda não era capaz de expressar o que estava experimentando: *ela* era o segredo de Deus. Essa criança havia conhecido o horror em sua primeira infância. Ela havia dado seus primeiros passos na rua, sem lar, com sujeira sob as unhas. Não havia banho com espuma na banheira da mamãe para essa pequenina. Ela ainda não sabia contar até dez, mas já havia escalado a montanha de estar no mundo sem pai terreno.

Mas o olhar de Deus sobre ela jamais vacilou. Ela não foi relegada à segunda classe quando sua infância traumática fez com

que seu desenvolvimento ficasse “atrasado” em relação a uma criança normal. Em uma cultura na qual bebês estão aprendendo a ler e crianças são preparadas para entrar em Harvard, Hope estava sendo cuidada — por Deus. E estava começando a descobrir isto. Estava libertando-se da mentira na qual muitos de nós acreditamos: conquistamos o que temos com nosso desempenho.

Os contatos dela com Deus – e sua consciência de que o olhar divino está sobre ela – são o convite à minha filha para deixar o espírito de orfandade. Esses são os marcos dela, mapeando sua trajetória mais firmemente do que seu desempenho acadêmico, do que ser aceita em uma faculdade ou receber uma promoção no trabalho.

Entender que um Pai com olhos amorosos nos vê, mesmo em segredo, transforma todos nós, que lutamos para compreender o que significa chamar Deus de Papai, em filhos. Isso faz corações voltar a bater. Transforma orações em sussurros íntimos entre nós e aquele que nos fez.

“Ele disse que me ama, mamãe”, ela me contou. E me lembrei de sua primeira apresentação de dança, não muito tempo depois que ela chegou ao nosso lar. Ela havia ensaiado sua coreografia à exaustão nas aulas durante todo o semestre. Toda a nossa família sabia os passos. Ela passara semanas piruetando pela cozinha com um pano de prato nas mãos ou treinando cheia de confiança em frente à lareira da sala de estar.

Porém, na noite da apresentação, eu pude sentir sua mão trêmula segurando a minha quando ela foi juntar-se ao restante da turma. Voltei rapidamente à plateia enquanto ela esperava que sua turma fosse chamada. Eu estava nervosa por ela. Queria tanto que aquela noite fosse uma vitória.

Quando ela fez o *rélevé* ao entrar no palco com 12 outras garotas, eu, como todos os outros pais, foquei-me exclusivamente em minha filha. Contudo, depois de alguns compassos, percebi que

ela estava um ou dois passos atrás — que se tornaram três; e depois quatro.

As outras crianças se moviam em sincronia enquanto minha linda garota executava cuidadosamente sua coreografia, concentrada demais em seus passos para perceber o quanto estava atrasada; inexperiente demais para pular dois ou três passos e alcançar as demais.

Durante sete minutos, vi muito além daqueles pés calçados em sapatilhas – fora de sincronia, com os braços indo para uma direção enquanto suas colegas se moviam para outra; fixei minha mente em sua história. Comparada às outras, minha filha estava fora do tempo, mas ela era também impressionante. Luz e alegria se derramavam dela em cada pirueta. Ela havia atravessado o fogo das perdas, da morte e dos sonhos endurecidos e estava *dançando* naquela noite.

Do meu lugar, era possível vê-la contando os passos, sua expressão séria e concentrada. Mas seus olhos estavam alertas e brilhantes sob as luzes do palco, não opacos e sobrecarregados como quando a conhecemos no orfanato alguns meses antes. Ela não estava imitando ninguém – o que é uma habilidade de sobrevivência comum entre órfãos. Ela não estava dançando para impressionar as pessoas.

Se tivesse sequer parado para prestar atenção em alguém, ela provavelmente teria entrado em pânico e travado. Mas ela estava envolvida em Deus. Ele estava transformando uma criança de rua em bailarina. Era uma criança que estava aprendendo a ser amada.

“Ele disse que me ama” não foram palavras que Hope aprendeu na escola dominical. Elas pularam diretamente da Palavra de Deus para o seu coração e se tornaram vivas naqueles passos de dança. Era o verdadeiro amor de Deus transbordando de dentro dela. Depois da apresentação, seu pai e seu irmão a cobriram de flores, e ela falou sem parar no carro ao voltarmos para casa. Ela era a rainha do baile. A criança durona que crescera nas ruas, que

fora rotulada como “levada” pelos funcionários do orfanato tornou-se uma bailarina brilhante naquela noite. A fantasia que ela vestiu ainda está guardada em uma caixa com o nome dela, e às vezes ela abre a caixa como se pudesse voltar àquela noite colocando as mãos no tecido.

Jamais mostrei a ela aquele vídeo, porque ele contaria uma história diferente da que presenciei e da que ela viveu. Nossos olhos humanos podem enganar-se a respeito da história que estamos vivendo. Até eu, mãe dela, não vi tudo naquela noite. O Deus que a fez é o único que viu tudo.

Para a professora, minha pequena bailarina estava fora do tempo. Para os pais que estavam na fileira na frente à minha, ela uma das duas garotas de pele escura no palco. Para a garota que estava ao lado dela – sendo preparada para um futuro no *ballet* –, ela ainda não era boa o suficiente para representar ameaça. Para sua mãe, ela estava sendo restaurada. Para seu pai, ela era uma princesa de olhos meigos.

Para aquele que a fez, ela era mais ainda.

Ela era arte.

Ela era fogo e espanto.

Maravilhosa e digna de seu sangue derramado.

Ela era a história dele.

Ela era dele para ser escondida; guardada.

E para contar.

Minha garotinha vive num mundo que pode rotulá-la, mas ela está começando a afinar os ouvidos com Aquele que lhe diz o que ele vê, quem ela realmente é. Essa minha filha está destinada à grandeza. Está destinada a alegrar-se na verdade de que ela está sendo vista mesmo quando não há ninguém olhando. Está destinada a conhecer a voz daquele que fala com ela na escuridão quando não há ninguém mais ouvindo.



Meus filhos não são os únicos a surpreender-se com o amor incondicional. Quando luto para acreditar que sou amada, eu me pego procurando formas de realizar mais coisas (de maneira quase subconsciente). Se não estou sentindo-me profunda e incondicionalmente amada, tento ganhar aplausos das outras pessoas, porque esqueci como ouvir os doces sussurros de Jesus.

Exatamente como a docemente agitada Marta.

Na noite em que Maria derramou perfume sobre os pés de Jesus, o irmão dela, Lázaro, estava reclinado à mesa com o Senhor, e a irmã dela, Marta, estava servindo. Em um jantar anterior em Betânia, Maria não havia desperdiçado perfume, mas desperdiçado a própria essência a seus pés. Ela gastara tempo ao desperdiçar uma oportunidade de servir.

Em contraste, Marta, a anfitriã perfeita, “*andava distraída em muitos serviços*” (Lc 10.40). Marta se apressava em servir a fim de mostrar seu amor – e provavelmente também para provar seu valor –, atendendo às necessidades de seus hóspedes. Com certeza, ela estava sobrecarregada. Mas também não estava focada no que realmente importava.

“*Senhor, não se te dá de que minha irmã me deixe servir só?*”, protestou Marta. “*Dize-lhe que me ajude.*”

Mas Jesus não estava irritado com Maria, nem a achando preguiçosa. Para ele, a escolha de Maria era um ato de amor radical. “*Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas*”, disse Jesus, “*mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada*” (vv. 41,42). Maria estava tão segura no amor de Deus por ela que apenas se sentou a seus pés e o ouviu.

Ela se perdeu, desperdiçou sua essência nele.

É frequente que, em nossa ânsia por servir, nós nos esqueçamos do ponto de partida, da única coisa que é realmente necessária.

Eu ainda não havia aprendido isso naquele verão em que servi as mesas naquele acampamento nas montanhas Adirondacks. Minha maior crise naquele verão foi não ter levado roupas apropriadas para trabalhar no calor sufocante do salão de refeições. Então, liguei para minha mãe do orelhão do acampamento e pedi que ela me mandasse mais camisetas. O que eu não disse, mas tentei deixar subentendido foi: *Não mande qualquer camiseta, por favor, mamãe, escolha as bonitas*. Meu período de um mês servindo nos bastidores era um convite a flertar com garotos bonitos do país todo, e eu estava um tanto dividida. Talvez, estivesse mais óbvio o conflito que carrego ainda hoje: queria servir, mas também queria ser notada.

Contudo, havia um pequeno grupo em nossa equipe de voluntários que não tinha sequer a oportunidade de ser notado. Eram os que haviam sido mandados para a área que chamávamos afetuosamente (e apropriadamente) de “o buraco”. Aquelas seis pessoas lavavam louça nos fundos da cozinha desde o café da manhã até a hora em que se arrastavam para a cama à noite. Eles nem iam ao salão de jantar nem flertavam com os acampantes. E também não havia um rodízio – lavar a louça foi tarefa deles durante o mês todo. Muitos haviam levado roupas legais e calçados confortáveis e estilosos simplesmente para servir às mesas.

Mas agora, ao ligar para casa do orelhão, pediam às mães que mandassem roupas velhas que pudessem ser destruídas. Não havia tempo para limpar manchas na fila das louças para lavar.

Respirei aliviada quando fui mandada para o salão. Sentia pena das pessoas que ficavam no “buraco”. Durante o mês todo, quase ninguém soube que eles estavam ali, exceto uma noite por semana em que as equipes de trabalho eram apresentadas aos acampantes. Naquela noite, o time do “buraco” sentava-se no palco entre os cem voluntários e diziam o nome e a ocupação: “Sou Abby,

de Cincinnati, Ohio, e trabalho no *buraco*". No mês todo, eles foram vistos quatro vezes. Os outros 43 mil minutos daqueles 30 dias passaram despercebidos para o restante de nós exceto *um*.

Aquele time de seis pessoas me fascinava. Não entendia a alegria que ouvíamos vindo deles por trás das portas vai-e-vem da cozinha. Como é que um mês daquele trabalho poderia ser tão compensador se eles eram invisíveis? Eu não sabia então sobre os estudos bíblicos matinais e as conversas que eles tinham entre si e com Deus. Não lia seus diários nem via como o coração de cada um deles voltou-se para Deus naquele mês, com as roupas encharcadas de água e sabão, o cheiro de detergente e restos de café da manhã. Eu só sentia pena deles. E, ainda assim, algo me diz hoje que eles tiveram uma experiência que nós, os bem-vestidos, não tivemos.

Seria ingenuidade pensar que aqueles adolescentes do "buraco" amavam o canto escondido da cozinha desde o início. Assim como eu, eles provavelmente pediram para trabalhar no salão de refeições. Talvez, tenham até mesmo resmungado baixinho nos primeiros dias – ou semanas – por estar mergulhados em água e sabão até os cotovelos, ouvindo os risos vindos do outro lado da porta onde garotos e garotas bonitas cobriam os outros voluntários de atenção. Mas é provável que tenham aprendido, desde o início, a lutar com a invisibilidade e a encontrar o Senhor e vicejar ali. E tiveram 30 dias de treino intensivo.

O serviço oculto é maçante se buscamos a atenção dos outros. E também é maçante quando dizemos a nós mesmos que nosso desejo de reconhecimento e elogios não importa.

A maneira como correspondemos quando estamos escondidos por Deus é tudo.

Quando sabemos que estamos sendo vistos por aquele que criou os elogios e que é ele quem nos dá a palavra final de afirmação – quando ele é quem vê quando nos derramamos em segredo –, descobrimos que é isso pelo que ansiávamos o tempo

todo. Ouvimos os aplausos de Deus. Somos celebrados. E algo dentro de nós ganha vida. Naquele momento único, a vida oculta no subterrâneo parece muito diferente.

O “buraco” – o que quer que ele seja para nós a qualquer momento – não é mais horrível. Estar mergulhado até os cotovelos em água e sabão e gordura parece muito diferente quando sabemos que Deus nos vê ali.



### **Para continuar estudando**

Gn 1.26 | Jó 28.24 | Jó 34.21 | Sl 90.4 | Sl 119.32 | Sl 139 | Sl 147.5 |  
Pv 15.3 | Ec 11.5 | Is 46.9-10 | Mt 10.30 | Mt 20.6-7 | Mt 23.11-12 |  
Mc 1.35 | Mc 10.45 | Lc 6.12 | Lc 10.38-42 | Lc 22.41-44 | Jo 12.2-3 |  
Jo 17.22 | Jo 17.26 | Gl 4.1-7 | Fp 1.6 | Hb 5.7 | Ap 1.14

# TRÊS

## VIVENDO UMA HISTÓRIA QUE NÃO HAVÍAMOS PLANEJADO

*“Veio uma mulher, que trazia um vaso de alabastro, com unguento de nardo puro, de muito preço.” (Marcos 14.3)*

**A**inda faltava muito para amanhecer quando acordei suando frio. Parecia que havia sido perseguida no sonho, mas não havia vilão algum, e eu não era a vítima. Meu coração palpitante batia alto na casa silenciosa.

A cena do meu sonho era o aniversário de 10 anos de uma garotinha. Minha filha Lily fora convidada de última hora, e havia respondido com a empolgação infantil que um convite de aniversário causa. Porém, logo antes de sair, descobrimos que não era apenas um aniversário; era uma festa do pijama, o evento dos sonhos de uma menina pré-adolescente.

Assim como teríamos feito na vida real, Nate e eu, no sonho, conhecendo nossa filha, decidimos não deixá-la passar a noite lá. A maior parte de sua infância havia sido uma grande festa do pijama, já que ela dividia alojamentos com amigos e colegas de classe no orfanato. Ela ainda era tão nova em nossa família que a consistência das noites em casa, com a rotina da hora de dormir e os braços do pai ao colocá-la na cama ainda eram necessários para sua cura. No sonho, ela ficou arrasada com a nossa decisão. Passamos o restante do sonho explicando a ela o motivo de não termos permitido que ela dormisse lá. Foi aí que acordei, tremendo e agitada demais para voltar a dormir.

Deitada na cama, orando, entendi que o sonho dizia respeito a mim mesma. Ao sonhar, sentira tudo o que a Lily teria sentido: a empolgação e, então, o desapontamento — o sentimento de ser a única que ficaria de fora; a dor de ter sido traída pelos pais, negando-lhe algo que tanto queria.

Éramos em sete àquela altura, e eu amava cada um dos meus filhos. Por vezes, no entanto, era surpreendida sentindo-me vazia e insatisfeita. Esses eram os momentos em que eu olhava mais detidamente para o painel da cozinha, no qual pregamos os cartões de Natal que recebemos e que lá permanecem durante o ano todo. Era um painel cheio de fotos de parentes, amigos e vizinhos, todos com cabelos arrumados e roupas imaculadas. Cada família se parecia com a família que eu havia pensado que teria: marido abraçando a esposa, filhos com dois anos de diferença um do outro e sorrisos idênticos, todos seguros e felizes com álbuns de fotos de bebê guardados em casa. Era esse o cartão de Natal que eu esperava enviar quando era recém-casada aos 24 anos de idade — época em que eu me agarrava com todas as forças aos meus planos.

Eu ainda meditava sobre o significado do sonho uns dias depois quando acordei, uma manhã, e vi os primeiros raios do nascer do sol aparecendo além das árvores que cobriam nosso terreno. Eles destacavam os efeitos do inverno sobre uma vista que fora luxuriante até poucos meses antes. Cada árvore parecia morta — morta havia muito tempo.

Se eu não tivesse vivido ali no inverno anterior e testemunhado as transformações rotineiras entre as estações, teria deduzido que não havia mais vida alguma naquelas árvores. Tudo o que eu via era o que *não estava* ali.

Mas eu sabia que aquelas árvores não estavam mortas. Estavam simplesmente adormecidas. No inverno, as raízes se aquietam. No inverno, o que podemos enxergar é só uma parte da história. O inverno traz a primavera, não apenas para as árvores, mas para nós.

Aos 22 anos, recém-egressa da faculdade, eu nada sabia sobre o inverno. Imaginava minha vida espiritual como uma árvore alta e opulenta, atingindo novas alturas a cada ano e trazendo frutos incríveis à medida que eu ganhava experiência em meu relacionamento com Deus. Vivia na expectativa de explorar a primavera e o verão – o eterno crescimento florescente –, mas o outono e o inverno logo se seguiram.

Tudo se cobriu de frio quando meu casamento ainda incipiente se congelou em raiva e silêncio, seguido pela morte de meu pai e por 12 anos de infertilidade – aquele que foi meu inverno mais longo e gelado. Eu não estava mais na estufa, crescendo o tempo todo, sempre produzindo frutos. Deus estava colocando-me no inverno. Sua intenção não era manter-me sem frutos; Deus ama frutos. Ele me ocultou para que eu o encontrasse na invisibilidade. Então, eu retornaria às minhas raízes a fim de que pudesse ver seus olhos sobre mim no esconderijo.

Quando o que vejo com os meus próprios olhos não bate com as minhas esperanças, tendo a olhar um pouco mais para Deus. Quando meus sonhos não se cumprem, sou levada a buscar aquele que dá os sonhos. Quando estou improdutiva, ou quando as minhas maiores realizações fazem com que me sinta vazia, cresce meu anseio por algo além do que sou capaz de fazer com as próprias mãos ou com as minhas motivações.

Deus me esconde para que eu veja seus olhos amorosos sobre mim – mais gentis do que o capataz que sou comigo mesma. E ele me esconde para contar-me minha história – para me lembrar de si próprio, o Autor. É a maior história que a minha pele jamais conhecerá – Deus, em mim, irradiando através de mim, construindo glória para si na Terra.

Tenho uma versão de minha história, uma versão bonita que merece ir para um cartão de Natal. Mas a versão de Deus é muito mais rica. É mais profunda e perpassada de significado. Sua versão da minha história se estende muito além do que posso ver. Inclui

mais curvas e reviravoltas, bondade e glória do que minha mente pode conceber.

Sim, eu fizera planos, quando estava na faculdade e quando era recém-casada e mãe adotiva de quatro crianças, de construir uma família feliz para sempre. Tenho planos hoje, declarados e não declarados, aos quais desejo desesperadamente que Deus dê forma. Mas os meus planos por vezes precisam adormecer. Precisam de um inverno – talvez, muitos invernos – de espera. Preciso de tempo para que Deus me olhe em meus momentos invisíveis. Tempo para que, quando ele soprar a calidez de novos planos em mim, eu seja capaz de desejá-los. E assim eu quero mais de Deus do que quero os planos em si.

Na maior parte do tempo, não nos voltamos para Deus até que sejamos obrigados. Nossas circunstâncias mais difíceis são com frequência usadas pelo Senhor para engendrar em nós uma busca mais profunda por ele.

Até estar completamente desorientada com cinco crianças, jamais precisei orar a Bíblia em sussurros, ao subir e descer as escadas, ao ir de um cômodo ao outro.

Até me sentir invisível na multidão, jamais precisei clamar a Deus todos os dias por força para continuar invisível.

Até que minhas amigas estivessem grávidas e eu continuasse estéril e me sentisse esquecida por Deus, jamais orei os salmos como se fossem meus próprios clamores.

Até ser mãe de quatro ex-órfãos e ficar pensando até onde Deus iria para restaurar uma vida, jamais estudei a Palavra em busca de verdades sobre restauração.

Até as vozes elogiosas se silenciarem subitamente ao meu redor, nunca tive necessidade de sentar-me perante Deus em silêncio e esperar seus sussurros.

Até que todas as palavras à minha volta se tornassem insuficientes, nunca pensei em meditar sobre a Palavra de Deus,

remoendo-a e deixando-a dançar em minha mente por mais tempo do que um devocional matutino.

Em todas essas experiências, era como se Deus fosse o pai em meu sonho, lentamente me transformando de órfã em filha. *Você não vê tudo o que eu vejo. Sei o que é melhor – conheço você melhor do que ninguém. A história que você quer é até razoável, mas não é a que eu tenho para você. Você me deixará escrever sua história?* É esse o convite que Deus faz nos invernos de minha alma; um convite a confiar que minha história é a história dele. E se eu permitir que ele me leve para o inverno, ele aprofundará minhas raízes e me ajudará a estender meus galhos em sua direção – para meu próprio bem e para sua glória.



Podemos supor que Maria de Betânia tivesse planos. E planejadores não gostam de deixar coisas ao acaso. Maria carregou seu plano em um recipiente pendurado no pescoço. Ela manteve dignidade e extravagância perto do peito. Aquele unguento de nardo era importado da Índia e custava um ano de salário. Não foi uma compra de impulso. Era a segurança dela – sua poupança e sua segurança. É provável que ela já o possuísse muito antes de ter conhecido Jesus, e fizesse parte de sua identidade. O aroma do óleo se misturava ao cheiro dela própria. Era algo que a distinguia. Até que ela vislumbrou outra utilidade para sua extravagância.

Sim, ela carregava uma extravagância, que, contudo, empalideceu em comparação com a extravagância que ela experimentava na presença de Jesus.

Aquele homem a havia consolado quando chorara a morte de seu irmão, lhe ensinara a verdade e a tratara com dignidade em uma cultura que nem educava nem honrava as mulheres. A gentileza e o desprezo de Jesus pelas normas culturais a encorajaram e a prepararam para derramar amor extravagante em forma de unguento.

Subitamente, seus planos haviam perdido significado. Abandoná-los, ainda que fosse desconfortável e desconhecido, a empoderou.

Ela havia passado a sentir-se segura naquele amor sobrenatural que ele lhe oferecia, e trocar sua história pela dele não mais a amedrontava. Ela passou do medo ao desejo. Ela queria aquilo mais do que qualquer outra coisa.

Mais até que o unguento.

Maria estava tão apaixonada pelo Deus que a havia visto quando ninguém mais a vira, o Deus que a conhecia e sussurrava seus segredos para ela, o Deus que soprara nova vida em seu irmão morto, que ela faria qualquer coisa por ele. Ela abriria aquele que fora seu maior tesouro em troca de uma nova história. Foi uma troca cara, mas valeu a pena porque ela era dele.



Chorei ao encontrá-los, aqueles dois dentinhos de bebê cuidadosamente envolvidos em uma espuma protetora no fundo de minha bolsa. Haviam estado ali por meses.

Aqueles haviam sido meses particularmente duros para uma quase adolescente, velha demais para perder dentes de leite. E por terem sido difíceis para ela, haviam-se tornado difíceis para todos nós. A luta dela se tornara a nossa. Ela havia sido uma foto colada na geladeira pela qual orávamos melancolicamente, e agora nos pertencia para abraçar e ajudar a curar.

Quando dissemos sim à adoção, eu disse sim a um processo e a uma pessoa que eu ainda não podia segurar nos braços ou sequer conhecia. Não percebi que estávamos também dizendo sim a montanhas de papel, à burocracia para documentar cada aspecto de nossa vida que dava a assistentes sociais poder para criticá-la. A documentação em si não passava de um inconveniente para meu coração – todos os sistemas aos quais precisávamos agradar e todos os obstáculos que precisávamos superar fizeram minha

chegada à maternidade se parecer com um infindável procedimento burocrático.

Mas, quando aquelas crianças imaginadas no coração se tornaram nomes e sorrisos em nossa geladeira, comecei a enxergar além da burocracia. Também desenvolvi a habilidade de viver entre dois continentes. Quando eram três da manhã no Meio-Oeste, minhas crianças já haviam acordado do outro lado do oceano. *O que estariam fazendo? Quem está cuidando dos seus dias? Será que pensam em nós?* Tornou-se rotina viver, amar e pensar em dois fusos horários simultâneos – triste e inconvenientemente afastada de meus próprios filhos.

À medida que o processo de adoção progredia, eu focava somente nos melhores resultados possíveis. Fechava os ouvidos às histórias de ex-órfãos e suas famílias que achavam que suas maiores batalhas seriam as burocráticas, somente para descobrir depois que as batalhas reais só começariam quando as crianças chegassem em casa. Fui ingênua em aceitar adotar crianças mais velhas e fora da ordem de nascimento (mais velhas do que nosso filho mais velho). Estava convencida de que nós seríamos diferentes. A fantástica química e o amor de nossa família seriam capazes de superar qualquer sequela permanente de seus anos de perda.

Mas a documentação se transformou em pele, e as histórias ganharam rostos, e não havia mais ninguém do outro lado do oceano. Eles estavam do outro lado do corredor.

Essa criança em particular, cujos dentes de leite acabaram em minha bolsa, vivera anos desconhecidos antes de chegar até nós. Não sabíamos quando ela havia perdido os primeiros dentes de leite ou dado seus primeiros passos, e esses eram apenas detalhes pequeninos em comparação com as páginas que deixávamos em branco nos formulários de histórico médico. Autenticar o 27º documento para a adoção não foi nada se comparado com tudo o que não fora documentado em sua vida, tudo entre sua primeira

palavra e o primeiro passo até o registro das mortes e nascimentos na família.

Quando veio para nós, ela raramente pedia colo. Havia aprendido, havia tempos, a chorar no travesseiro. Depois de anos conosco, as perdas ainda a rondavam. Seus machucados estavam todos dentro dela, fora do alcance dos beijos de mamãe.

Então Nate e eu passamos um mês orando quase exclusivamente por ela. Cada criança tinha suas necessidades específicas, mas, como acontece com frequência em famílias grandes e barulhentas, atendíamos primeiro o grito mais alto. Mesmo depois de vários anos em nossa família, circunstâncias e eventos diferentes traziam memórias de seu passado doloroso — e frequentemente era em momentos inesperados. Uma simples correção poderia desorientar completamente um de nossos filhos por dias a fio. Uma discussão com um dos irmãos poderia levá-los a retrair-se em silêncio por vários dias até conseguirmos convencê-los a conversar conosco sobre suas tempestades internas. A adoção amplifica o mistério já complicado de cuidar de seres humanos pequeninos e únicos. Nate e eu descobrimos que o primeiro e melhor cuidado com o coração de nossos filhos era realizado em segredo com Deus. Então, nós orávamos.

Assistindo àquela criança se retorcer por dentro – de uma maneira que conversar com Deus abre nossos olhos para ver –, eu sentia a dor dela, mas também a minha. Sofria por ter perdido tanto da vida de minha filha... Sofria por todas as vezes em que ela havia chorado e eu não havia estado com ela para consolá-la, sem que nenhuma de nós sequer conhecesse o rosto da outra. Sofri pela história que eu queria que ela tivesse tido no lugar da que ela estava vivendo.

Eu não estivera com ela quando seus dentes de leite caíram – ou pelo menos quando a maior parte deles caiu. Alguns meses após esse período de intensa oração, eu a levei ao dentista, e ele nos disse que, apesar de ter dentes saudáveis, ela tinha dentes demais. Minha já não tão pequena garotinha ganhou todos os dentes

permanentes sem ter perdido dois dos dentes de leite. Eles precisaram ser extraídos.

Após a extração (e criação da regra que proíbe essa mãe melindrosa de estar presente a procedimentos pós-operatórios), guardei aqueles dentinhos na bolsa. Eu os guardei fundo o suficiente para apenas encontrá-los alguns meses depois, quando todos aqueles anos que havia perdido na vida de minha filha estavam assombrando-me.

Segurei o choro ao abrir a caixinha de espuma. Que senso de oportunidade perfeito!

Nosso filho mais novo à época, o filho do meu ventre, era bebê. Estava aprendendo a dizer “mamãe” e babando o tempo todo por conta do nascimento de seus primeiros dentes. Ao mesmo tempo em que celebrava seu progresso, ele me lembrava dia a dia de tudo o que não tive com meus filhos adotivos.

Finalmente, admiti que me ressentia daqueles anos perdidos. Eu me ressentia do fato de que eles perturbavam minha garotinha e da preocupação constante de que isso jamais teria fim. Eu me ressentia de que, um dia, ela teria um bebê e voltaria a lutar com as perguntas sobre seu próprio nascimento e sua primeira infância que eu seria incapaz de responder. Eu me ressentia do fato de que, independentemente de quanto amor eu derramasse sobre ela, o amor parecia vazar e voltar a esvaziá-la em seguida.

Houve momentos em que me curvei de dor, atormentada pelas perguntas sem respostas. *Se me ressinto daqueles anos perdidos, quanto mais minha filha deve se ressentir? Quanta dor ela deve sentir? Quanto ela ainda sofre por saber que quem quer que tenha presenciado seus primeiros anos se foi?*

Mas achei os dentinhos.

Talvez, Deus os tenha guardado para que eu os encontrasse. Porque Deus estava me mostrando, por meio da história de minha

filha, que o que eu achava estar perdido estava simplesmente escondido.

E escondido, em comparação a perdido, muda tudo.

*Sempre* houvera olhos sobre a vida dela. Seus primeiros anos podem não estar registrados em páginas que eu possa ver e tocar, mas ela teve um álbum de bebê. Cada minuto de sua vida foi não somente testemunhado, mas registrado. Percebido. Precioso. Amado. Meu bebê, feito para uma existência eterna com Deus, e trazido aos meus braços pela primeira vez aos 7 anos de idade, não perdera um único dia.

Sei que a minha filha ainda precisa de cura. Sei que precisará superar o luto e reconhecer suas perdas com honestidade. Ela precisará viver uma história que nenhuma de nós teria escolhido. E estou comprometida a estar com ela durante isso tudo. Estou disposta a sofrer com ela. E estou disposta a comemorar as vezes em que ela se permite ser abraçada, quando podemos chorar juntas ao invés de chorar uma pela outra. E é assim que a história dela está me ensinando; a mim, sua mãe que jamais viu seu primeiro dentinho.

Ela foi feita para uma vida a ser testemunhada. E apesar do véu que cobre sua infância, ela não passou despercebida. Ela era conhecida. Minha garotinha será curada e alcançará a vida da forma como ela se enxerga na história de Deus.

Assim como a mãe dela.



### **Para continuar estudando**

Sl 1.3 | Pv 3:5 | Is 43.7 | Mt 6.6 | Mt 10.29-31 | Lc 10.38-42 | Jo 11.1-44 | Jo 15:1 | Rm 11.33-36 | 1 Co 2.7-10 | 1 Co 13.12 | Ef 3.20-21 | Cl 1.26-27 | Hb 4.13

# QUATRO

## AMOR DERRAMADO

**Aceitando nosso chamado para a grandeza**

*“...e quebrando o vaso, lho derramou sobre a cabeça.” (Marcos 14.3)*

**A**h não, pensei ao ouvir a conversa vinda de uma sala vizinha. Uma criança estava respondendo às perguntas entusiasmadas dos pais sobre matemática. Dois mais dois foi respondido sem pensar. Cinco mais nove e 23 mais sete e 16 mais três – era uma criança esperta, fazendo as somas com facilidade enquanto os coleguinhas mal conseguiam contar nos dedos.

Meus filhos davam gritinhos e comemoravam, pequenos demais para importar-se se outra criança sabia mais do que eles.

Até que uma das minhas filhas disse: “Agora é minha vez!”.

Sua idade no histórico escolar dava a entender que a brincadeira seria fácil para ela também. Mas eu conhecia a história da minha filha. Um cálculo fácil pode não ser simples para quem cresceu em uma favela.

“Sei contar até dez”, anunciou ela. “Um, dois, três, quatro, sete.” Uma pausa. “Nove, oito... dez!”

As crianças na sala aplaudiram, comemorando qualquer coisa que fosse dita com confiança.

Mas fiquei pensando: *Quanto tempo minha menina tem antes de sentir-se diminuída pelas conquistas dos outros? Quantos anos será que tenho com ela antes que as coisas externas de que ela*

*não é capaz comecem a envergonhá-la e impactar seu interior?* Entretanto, logo no dia seguinte, minha garotinha demonstrou como dois roteiros podem desenrolar-se simultaneamente em uma única pessoa.

Foi um dia repleto de diversão com os primos, o passatempo favorito dos meus filhos. Vestir fantasias, brincar de bonecas e jogar *croquet* na casa da vovó, isso tudo misturado a brincadeiras de esconde-esconde entremeadas por risos. Em algum momento da bagunça, porém, minha garotinha que conta até dez desapareceu. Ela se isolou no escritório dos fundos com fita, tesoura e canetinhas. Reapareceu horas depois com uma pilha de bilhetinhos amorosos. Ela havia feito com esmero um cartão para cada criança, abrindo mão de um dia que havia aguardado ansiosamente durante semanas.

Ela entregou aqueles cartões com o ar de quem distribuía notas de cem dólares, na expectativa de que todos se sentissem tão cheios ao recebê-los quanto ela se sentira ao fazê-los e presenteá-los. As outras crianças agradeceram casualmente aqueles presentes, mas ela sequer pareceu perceber. Ela irradiava luz. Expressava a pessoa que estava em processo de tornar-se.

Se a identidade de nossa filha se limitasse às circunstâncias exteriores, Nate e eu estaríamos pensando apenas em sua incapacidade de contar até dez. *Será que ela um dia conseguirá cuidar do próprio dinheiro, ou ler Orgulho e Preconceito? Ela lerá a Bíblia ou falará em público?*

Mas existem sempre duas histórias em uma pessoa – a visível e a invisível –, e somente um par de olhos consegue enxergar as duas. Davi conhecia a verdade invisível: *“Os meus ossos não te foram encobertos, quando no oculto fui feito”* (Sl 139.15).

Deus criou cada um de nós para atingir a grandeza — não a grandeza do palco, de um título ou de um diploma, embora ele possa usar tudo isso em nossa vida. Ele pode até mesmo permitir que os aplausos de outras pessoas nos encorajem e nos ajudem a

crescer. Mas a grandeza mais doce começa pelas raízes, sendo criado e cuidado em segredo e visto unicamente por Deus.



Eu me formei na faculdade *magna cum laude*, que em latim significa “com grande honra” ou “com grande louvor”. Atravessei o palco para receber meu diploma de honra com o orgulho de alguém que havia levado pessoas a Jesus durante a faculdade ao mesmo tempo em que mantinha boas notas. Eu me formara com grandeza, ou assim pensava.

Eu *desejava* a grandeza.

Entendia vagamente que grandeza tinha algo a ver com crescimento interno tanto quanto com realizações externas, mas a maior parte daquilo que eu pensava ser crescimento podia ser medida e documentada: vidas transformadas, movimentos iniciados, objetivos alcançados. Se fosse relevante, eu mediria. Se não fosse passível de ser medido, não importava.

Na época, eu não fazia ideia de que era possível ter grandeza às duas da manhã com um bebê doente no colo ou gentilmente abrir mão de uma posição de liderança na igreja para que outra pessoa ocupasse os holofotes. Não sabia que a grandeza poderia ser alcançada na longa jornada de lidar com as dores de um ex-órfão ou ao servir um amigo que jamais me agradecerá. Não sabia que poderia atingir a grandeza quando deixasse minha lista de tarefas inacabada a fim de ler para uma criança em meu colo. Não sabia, aos 21 anos de idade com meu diploma nas mãos, que eu poderia ser grande nas fases de inatividade – aquelas que teria considerado fracassadas. Não sabia que até mesmo aquele anseio por grandeza vinha de Deus.

Jesus reconheceu esse anseio humano por grandeza no versículo que eu memorizara naquele verão nas Adirondacks: “*Mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso*

*serviçal; E, qualquer que entre vós quiser ser o primeiro, seja vosso servo” (Mt 20.26,27)*

Por anos, eu havia presumido que esse convite ao serviço – e, portanto, à grandeza – se referisse a cozinhar para um amigo doente, ao trabalho voluntário no berçário da igreja ou a montar *kits* informativos para o time de futebol. Mas a grandeza descrita por Jesus exige mais do que um leve aperto financeiro ou o sacrifício esporádico de algum tempo. Ele afirmou categoricamente que o caminho para a grandeza está na invisibilidade. E trata-se de uma atitude mental e uma maneira de ser, não um punhado de tarefas a executar e tirar de uma lista.

Nós nos tornamos grandes quando servimos alegre e genuinamente em lugares e por formas que não são reconhecidos, porque ali encontramos a face reconfortante de Deus, especialmente quando ninguém nos vê ou aplaude. Corações que crescem em Deus, que o buscam e são buscados por ele se tornam *profundamente* grandes. Chegam a ser inabaláveis.

E nesses momentos, nosso maior erro é pensar que nossa invisibilidade talvez seja acidental. Você já deve ter ouvido coisas como: “Se eu pudesse encerrar essa transição e desempenhar um papel no qual fosse capaz de usar meus dons...”, ou: “Quando as crianças crescerem um pouco mais e eu puder sair mais de casa...”, ou: “Quando ele não estiver mais doente, poderei realmente doar minha vida ao Reino...”, ou [*acrescente a sua aqui*]. Nós nos esquecemos de que é nas interrupções, nos tempos de espera, nos desapontamentos que mais crescemos.

É nos momentos em que somos “desviados” por um emprego desanimador, uma cama vazia ou um líder que não reconhece nossos dons que Deus sussurra: *É aqui que você se torna grande – por dentro.*



Maria não apenas ofereceu a Deus sua oportunidade de ser grande – aquele frasco que carregava no pescoço –, mas também o quebrou para abri-lo. Não havia como voltar atrás. Ela apostara tudo, e o unguento não mais lhe pertencia. Maria passou a ser Maria sem o unguento que a distinguira.

Subitamente, aquilo que significara segurança e reconhecimento derramou-se por entre seus dedos. Os sonhos de uma velhice confortável com segurança financeira, ou talvez de usar roupas caras, acabaram quando ela olhou para Cristo. Ela estava perto o suficiente para ver as linhas de sua face. Ele era belo, poderoso e seguro.

Maria não deve ter contado a ninguém o que pretendia fazer. Talvez, nem tivesse planejado aquilo. Se tivesse planejado e contado a alguém, é bem provável que tentassem dissuadi-la. Mas ela já sabia o que ninguém mais sabia: que, perto de Jesus, o resto perdia o brilho. Ao aproximar-se daquele Homem, sua vida atingiu a grandeza. Ele se deleitou na história dela e na participação que essa mulher teve em sua história; nisso, consistiu a grandeza.

Existem duas histórias na mesma pessoa – a história visível e a invisível.

Para Jesus, a grandeza de Maria se revelou naquele ato que os demais trataram como insensatez. E nessa grandeza enfraquecida e desperdiçada, ela se aproximou mais do Senhor – ela participou na história *dele* –, e isso a fez crescer.

Os tempos mudaram. Em nossa era digital, é possível imaginar: “Se não foi postado em uma rede social, será que realmente aconteceu?”. É impossível vivermos para a beleza da invisibilidade e ao mesmo tempo depender de *likes* e comentários. Contanto que saibamos diferenciar grandeza de impacto, não há nada de errado com isso. Mas o efeito colateral pode ser pensar que algo que não seja grande e visível não representa grandeza, transformando o resto da vida em uma sala de espera; tempo perdido. Levar uma vida em que perseguimos constantemente o

próximo grande alvo nos faz perder de vista a grandeza para a qual Deus nos chama aqui e agora — na pequenez, no ordinário, nos momentos ocultos; no espaço em branco.

Se o alvo de cada ser humano é glorificar a Deus e sentir prazer em estar com ele para sempre, não deveria acontecer essa glorificação e esse prazer quando ninguém está olhando? Quando parece que nem estamos influenciando o mundo, nos momentos em que estamos apenas nos derramando aos pés de Jesus?

Grandes impactos em favor do Reino não vêm apenas de ações dramáticas de efeito mensurável, mas da soma dos momentos que passamos contemplando a Deus, glorificando-o em particular e deixando que ele transforme o nosso interior.

Não se trata de abandonar o impacto externo em favor da devoção a sós com Deus. Trata-se de submeter-nos à compreensão de que Deus não precisa que façamos a sua obra ou que tentemos executá-la com as nossas próprias forças. Trata-se de uma glória que não é necessariamente mensurável. Trata-se da obra que acontece abaixo da superfície, na profundidade do solo de nosso coração, e que, a seu devido tempo, produzirá uma grande colheita de frutos e crescimento.

Jesus disse: *“Mas, o que foi semeado em boa terra é o que ouve e compreende a palavra; e dá fruto, e um produz cem, outro sessenta, e outro trinta”* (Mt 13.23).

Sim, *fui* feita para a grandeza. Fui feita para produzir fruto e glorificar a Deus — assim como você. E esse desejo de grandeza pode me ajudar a fundar uma ONG, a investir mais em meu casamento ou a adotar uma criança. Ou pode fazer com que eu gaste todas as minhas economias ou abra minha casa a um necessitado.

Porém, mais tarde, quando o dinheiro investido na ONG tiver acabado, precisarei de raízes. Quando a pessoa que trouxe para dentro de casa for embora uma noite levando a minha carteira, precisarei de raízes. Quando as necessidades de uma criança

doente parecerem grandes demais às três da manhã, ou a conta do hospital for maior do que o meu saldo bancário, precisarei de raízes.

**“E outra parte caiu em pedregais, onde não havia terra bastante, e logo nasceu, porque não tinha terra funda; Mas, vindo o sol, queimou-se, e secou-se, porque não tinha raiz” (vv. 5-6).**

No contexto da grandeza, podemos dizer que a semente que caiu entre as pedras chegou pelo menos a fazer algum efeito. Mas, sem que suas raízes alcançassem os nutrientes do solo profundo – intimidade com Deus –, não pôde continuar a crescer e frutificar. *“Mas não tem raiz em si mesmo, antes é de pouca duração; e, chegada a angústia e a perseguição, por causa da palavra, logo se ofende” (v. 21).*

A grandeza começa abaixo do solo — em segredo. Preciso lançar raízes profundas no conhecimento do amor de Deus para desenvolver galhos capazes de dar frutos.

Pode ser que ninguém perceba que você está substituindo a música de treino nos fones de ouvido por sussurros desesperados a Deus enquanto corre na esteira — ninguém a não ser ele.

*E suas raízes estão se aprofundando.*

Pode ser que ninguém repare que você está deixando o jornal de lado para passar tempo com Deus no quintal antes que crianças de mãos sujas desçam correndo do ônibus e entrem gritando pela porta da frente.

*Mas suas raízes estão se aprofundando.*

Pode ser que ninguém perceba que você está colocando a Bíblia, ao invés do celular, na mesa de cabeceira e entrando em contato com Deus antes de verificar seus e-mails pela manhã.

*Aqui, suas raízes estão se aprofundando.*

Pode ser que ninguém perceba que você está orando intensa e secretamente pelo crescimento do ministério de uma amiga ainda que você deseje a atenção que ela está recebendo.

*Novamente, suas raízes estão se aprofundando.*

Talvez, ninguém perceba que você está rejeitando uma oportunidade de negócio para poder ter mais tempo em silêncio com Deus, ou recusando a oportunidade de servir a um necessitado por ter consultado o Senhor e ouvido o sussurro: “Tenho outro plano para cuidar disso”.

Nosso sistema de raízes cresce, espalha-se e bebe profundamente a grandeza que o mundo é incapaz de medir, uma grandeza que até mesmo pessoas cristãs podem não reconhecer ou compreender. Mas a grandeza de longo prazo de uma árvore sempre está na profundidade e na saúde de suas raízes.



Foi um daqueles colapsos das três da tarde que haviam-se tornado dolorosamente familiares. Eu estava na lavanderia, tirando roupas da lavadora e colocando-as na secadora pela terceira vez naquele dia — roupas que seriam usadas, tiradas e estariam de volta na lavanderia dentro de 24 horas.

Lavar a roupa em si não era o problema; fazer aquilo não passava de um lembrete de todas as outras partes de meus dias que se haviam tornado um círculo vicioso: a luta de uma criança para ser capaz de dizer coisas positivas (outra vez). As palavras concisas de uma criança e a resposta dura de outra. E a outra que ainda não sabia ler.

E então, como um filme em minha mente, começavam a passar todas as coisas que eu pensei ser capaz de fazer e ainda não havia conseguido. Eu estivera cheia de sonhos para aquele ano e tinha realizado (talvez) um. Eu pretendia ler um livro grosso com cada uma das crianças individualmente. Não tinha passado de um capítulo com cada uma. Havia planejado ensiná-las a cozinhar, mas nem sequer abrira o primeiro livro de receitas da pilha. Minha despensa estava cheia de ingredientes para os sábados na cozinha que não conseguimos fazer nem uma vez sequer. A fraqueza me

invadiu naquele cômodo minúsculo. Ninguém a não ser o Nate sabia o quanto eu me sentia presa ultimamente, prensada entre as necessidades incessantes dos meus filhos e minhas esperanças para minha família.

Foi então que houve a interrupção. Uma frase, instilada em minha mente por Deus, me amoleceu quando a ouvi: *Gosto de você quando está enfraquecida.*

Era verdade. Era bíblico; “*meu poder se aperfeiçoa na [sua] fraqueza*” (2 Co 12.9).

O poder de Deus se manifestou quando não me restava mais nada. Foi aperfeiçoado ali, na lavanderia atulhada de roupas molhadas, pilhas de coisas a fazer em minha casa, pilhas de esperanças não realizadas — pilhas de horas ocultas. Perceber que Deus estava me vendo e que até gostava de mim mudou tudo naquele dia invisível.

Em dias como aquele, desejo a Palavra do Senhor mais do que qualquer material que eu possa ler *on-line*.

Em dias como aquele, desejo conversar com Deus mais do que trocar mensagens com uma amiga.

Em dias como aquele, sinto a atração de buscá-lo, sabendo que ele anseia por ser encontrado. Sinto que gastar tempo com ele – com seu Espírito soprando entre as páginas de sua Palavra – é algo que desejo, não uma obrigação. Versículos que já li dúzias de vezes se tornam reais quando eu preciso exercitá-los em um dia difícil.

“*Orai sem cessar*”, escreveu Paulo (1 Ts 5.17). Quero conversar com Deus durante o meu dia, mesmo quando estou aos pedaços, pois sei que ele não desvia o olhar da minha história, mas nela sussurra detalhes.

“*Aquietai-vos e sabeis que eu sou Deus*” (Sl 46.10). Quando o Espírito sopra uma brisa leve em um dia abafado e difícil, desejo

que a brisa sopra sobre mim, refrescando-me enquanto me sento em silêncio perante o Senhor.

Ao conversar com Deus, meu pensamento muda. A partir do desejo de ser “cheia do Espírito”, falar as verdades dos Salmos me ajuda a deixar de lado as mentiras vis sobre mim mesma que acabo aceitando com frequência demais. E não preciso me obrigar a fazer isso. Desejo “*cantar e salmodiar ao Senhor em meu coração*” (Ef 5.19). Nos dias em que vejo Deus olhando para mim, as notas da canção nascem sozinhas no meu interior.

É em dias assim que os lugares de minha vida que ninguém a não ser Deus vê se tornam os lugares de maior crescimento espiritual. Da mesma maneira que meu bebê tem estirões de crescimento inesperados – seus tornozelos pulam para fora da barra das calças –, vejo com frequência meu amor por Deus crescer em silêncio.

Quando fixamos os olhos em nossa vida exterior, é inevitável medir nosso crescimento pelo “sucesso” de nossas circunstâncias. Mas o coração cresce a qualquer hora. E Deus somente tem olhos para o crescimento do coração: “*o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração*” (1 Sm 16.7).

Mais um monte de roupas para lavar, e a noite se aproxima. Seu coração invisível em Deus pode crescer nesse momento.

Uma reunião no trabalho vai mal. Sua vida interior em Deus pode crescer minutos depois do fim da reunião.

Terceiro encontro com o cara de quem você começou a gostar, e você percebe que ele pretende que seja o último. É aí que seu interior pode voltar-se a Deus e crescer.

O sonho de escrever um livro, deixado na prateleira com o original rejeitado; outra porta fechada. Pode ser esta a sua maior chance de crescer, quando ninguém vê e ninguém aplaude.

Ou pode ser que você tenha atingido seu grande objetivo ou recebido a grande promoção, mas ainda volta da comemoração se

sentindo vazio e ansioso, pensando se será capaz de atender às expectativas dos outros. Mesmo nos maiores sucessos, existe a oportunidade de falar com Deus em segredo. Ele o vê nos bastidores e, aos sábados, quando você está fora do seu posto.

Nosso crescimento no Senhor pode acontecer em qualquer situação e em qualquer fase da vida — independentemente de parecermos bem-sucedidos em nossas tarefas, em nossa carreira ou na vida familiar naquele instante. E os momentos em que Deus nos oculta, às vezes longe do sucesso ou dos aplausos, são com frequência aqueles em que nossas raízes se aprofundam na terra. Crescemos, mas para baixo.



“Ela pode ir longe”, disse-me a professora de piano da minha filha. “Ela aprende rápido e está progredindo rápido.”

Quer seja tocar piano, costurar, envolver-se com artes ou matemática, minha garota da Renascença aprende rápido. Nate e eu a colocamos num curso diferenciado que ensinava música e oração da Palavra de Deus. Afinal de contas, queríamos que seu coração se afinasse. Queríamos que ela desenvolvesse sua habilidade de tocar piano ao mesmo tempo em buscava a Deus.

Os outros alunos chegavam aos ombros dela e eram bem mais jovens, mas, assim mesmo, minha filha se sentia intimidada. Ela havia crescido entre valentões que procuravam qualquer migalha de segurança que o orfanato pudesse lhes oferecer, frequentemente às custas dos que eram mais quietos como ela.

Em duas semanas, ela foi convidada a tocar enquanto os demais cantavam e oravam. Ela havia dominado sua última peça em casa na semana anterior, derramando-se sobre o teclado enquanto eu trabalhava no escritório ao lado e seus irmãos estavam no quarto brincando de Lego. Muitas vezes, ao passar pelo piano, ela era atraída a sentar-se e tocar por mais alguns minutos.

Ela fazia isso tudo enquanto pensava que ninguém mais estivesse vendo.

Foi em um surto inesperado de coragem que ela concordou em tocar para uma dúzia de pares de olhos. Entretanto, quando chegou o momento, aqueles olhos se transformaram nos olhos que assombravam suas memórias. Aquela sala de aula no Meio-Oeste se transformou em um pátio empoeirado na África. Ela estava convencida de ter visto os professores revirando os olhos enquanto ela tocava.

Minha habilidosa pianista havia errado quase todos os acordes de acordo com a sua narrativa chorosa ao chegar em casa. Um professor gentilmente tentara ajudá-la, ensinando-lhe o básico do piano e aumentando ainda mais sua vergonha. “Talvez eu seja realmente péssima”, ela pensou.

O momento passou, e outra criança, três anos mais nova, tocou impecavelmente.

Ela entrou correndo em meu quarto assim que chegou em casa. “Foi horrível”, ela disse, “estou tão envergonhada”. Ela contou como seus dedos iam para os lugares errados, e uma criança menor acabou sendo aplaudida. “Agora todos pensam que sou uma pianista terrível”, lamentou-se.

Se ela tivesse tocado em público como toca em particular, a sala teria vindo abaixo com os aplausos. Os outros alunos teriam olhado para ela de forma diferente quando ela chegasse para a aula seguinte. Eles não veriam mais a criança tímida sentada no fundo, e sim uma musicista promissora.

Porém, Deus tinha outro plano para aquela sexta à tarde. Ele a estava forjando em oculto, fazendo-lhe um convite a enraizar-se nele e crescer.

Então, minha menina linda e eu demos uma pausa no tumulto de sua cabeça, nas percepções dos outros e na vergonha e

zombaria imaginárias. Perguntamos a Deus o que ele pensava sobre aquele momento.

Ela foi capaz de aquietar o ruído interno e ouviu um sussurro.

“Acho que ele gostou de eu ter ido lá e tocado”, ela disse com o primeiro sorriso desde que havia chegado da aula.

O que a audiência humana poderia ter pensado e o que sua imaginação ferida percebeu eram drasticamente diferentes daquilo que Deus pensava sobre ela. Em sua juventude, ela já sabia que Deus gostava do que via nela – sim, mesmo sua fraqueza. E naquele dia, ela cresceu tanto como pianista quanto como filha de Deus. Deus tinha um recado para a minha menina naquela tarde que atingiu sua alma mais profundamente do que qualquer aplauso. Ele usou sua fraqueza, a fraqueza que ela detestava, para ocultá-la. Ele falou em sussurros que ela apenas ouviria ao inclinar-se, um pouquinho mais, em sua direção.

Escondida atrás dos dedos tateantes, ela lhe fez a pergunta que talvez jamais teria feito se tivesse impressionado a audiência com sua habilidade musical: *O que Deus pensa deste momento? O que ele pensa sobre mim?*

Deus a protegeu de seu próprio conceito de grandeza, e, em vez disso, convidou-a a saber o que ele pensava a respeito dela.

Suas raízes se aprofundaram naquele dia. E foi o começo da verdadeira grandeza.



### **Para continuar estudando**

1 Sm 16.7 | Sl 1.3 | Sl 37.4 | Sl 46.10 | Sl 52.8-9 | Jr 17.7 | Mt 5.19 | Mt 13.5-6 | Mt 13.21-23 | Mt 18.4 | Mt. 20:26-27 | Jo 15.1-8 | Rm 8.18-10, 24-25 | 2 Co 12.9 | Ef 3.17-21 | Ef 5.19 | Co. 2.6-7 | 1 Ts 5.17

# CINCO

## DESCOBERTO

### Tornando-se Vulnerável

***“E enxugou-lhe os pés com os seus cabelos.” (João 12.3)***

**N**ão achei que estivéssemos indo a uma festa, pensei, sentindo-me desconfortável antes mesmo de passar pela porta daquela casa que estávamos visitando logo no início de nosso casamento. As paredes reverberavam canções, e o calor de dezenas de corpos quentes apertados ali dentro embaçava as janelas com o ar do inverno.

Uma banda local de louvor estava tocando uma canção familiar, e a mobília da sala de estar fora arrastada para dar espaço ao equipamento de som e às visitas. Era uma mistura caseira de show de rock e igreja – uma festa entre amigos na qual só conhecíamos o casal que nos havia convidado. Nate e eu trocamos um olhar que perguntava: *Tem certeza de que devemos ficar?*

Foi quando eu a vi. De olhos fechados, mãos levantadas, corpo balançando no ritmo da música. Parecia ter 50 ou 60 anos, perdida em uma dança que se parecia com fotografias de shows de rock dos anos 60. Ela estava longe, aparentemente despreocupada de estar dando um show particular. A princípio, eu a julguei. Depois fiquei pensando: *Quem é a plateia dela? Para quem exatamente ela está agindo assim?*

Eu já estava bem familiarizada com o meu hábito infeliz de julgar apressadamente para saber que precisava parar com essa

linha de pensamento. Decidi então orar por aquela mulher em um esforço para derrotar meus pensamentos críticos. Assim que o julgamento surgiu em minha cabeça, outro pensamento se seguiu: *Você não faz ideia do que pode ter acontecido com ela.*

Minha oração continuou intermitentemente durante a noite toda. Sabendo que a minha reação instintiva era julgar, eu havia começado, havia pouco tempo, a prática de pedir a Deus que me mostrasse como se sentia em relação às pessoas. À medida que eu orava, clamando para que Deus me revelasse como se sentia em relação àquela mulher, um pensamento me ocorreu: *Ela é como Maria.* Aquilo veio como um pensamento meu, mas suspeito que tenha sido um sussurro de Deus. Afinal, a mulher que derramara suas economias do vaso de alabastro para ungir a Jesus era uma de minhas favoritas, e aquela mulher ali na festa – digamos apenas que eu não estava vendo favoravelmente seu modo de agir.

Mas então senti um empurrão divino para dizer àquela mulher o que eu estava pensando – que ela me lembrava Maria. *Não quero fazer isso, pensei. Falar com ela não iria apenas validar aquele comportamento de querer atenção?* (Outra mentira do meu julgamento: que eu seria de alguma forma responsável por corrigir o comportamento dela.)

Mesmo assim, aproximei-me dela de maneira hesitante no fundo da sala, onde ela se encontrava no momento.

“Senti o impulso de orar por você esta noite”, disse um tanto desajeitadamente, gritando acima do barulho da banda e sem olhá-la diretamente nos olhos. “Estava orando e vi que você é como Maria de Betânia.”

Ela desviou o olhar e depois me fitou novamente. “Você não sabe o que vivi”, disse.

Fiquei sem palavras.

“Nos últimos 17 meses, perdi meu filho e meu marido”, continuou. “Ambos morreram. Adorar a Deus é a única coisa que me

traz alegria.”

Fiquei em silêncio, sendo novamente lembrada de como me aprofundar só um pouquinho na história invisível de alguém pode mudar tudo. Talvez, o único propósito de eu estar naquela festa fosse aquele, unicamente por causa dela.

Na década que se seguiu, a primeira de nosso casamento, eu me tornei aquela mulher — não por ter aprendido a dançar com tanta liberdade na frente dos outros, mas porque passei a ter minha própria história de vazio e perda. Eu era estéril com poucas chances de cura, e voltar-me para Deus se tornou a única maneira de encontrar alegria. Cancelei planos em noites de sexta-feira para ficar em casa orando. Reorganizei minha agenda a fim de ter mais tempo para chorar e lamentar-me com a Bíblia nas mãos. Levava a Bíblia para a esteira na academia, determinada a usar cada momento para absorver tudo o que fosse capaz. Estava apaixonando-me por Deus em meio à dor, importando-me cada vez menos com a opinião alheia. Como a mulher da festa, minha reação às perdas me transformou em uma pessoa um tanto estranha também. Eu sofria, sangrava e precisava de um novo tipo de encontro com o Deus que está ao lado dos vulneráveis e dos que estão com o coração partido.

Ser estéril ter a ver com o que você não possui e, por isso, é algo que frequentemente passa despercebido. Eu estava doente — meu corpo não funcionava —, mas eu não usava uma muleta ou uma tipoia. O único sinal era que a medida da minha cintura não aumentava.

Assim como a mulher sofredora da festa, eu tinha uma história que qualquer pessoa só conheceria se perguntasse. E eram poucos os que perguntavam. Minha história não contada me forçou a ficar vulnerável diante de Deus, enquanto ele me ocultava dos olhos dos outros.

A “Maria” que conheci naquela festa derramou-se aos pés de Jesus, não por obrigação, mas porque ele era tudo o que lhe

restava. Suas circunstâncias haviam removido tudo o mais exceto uma verdade: *ele é tudo o que tenho, ele é um marido para mim, e seu amor é magnífico*. Ela lhe deu o tipo de adoração que alguém só é capaz de produzir quando está em um aperto – uma situação na qual a divisão entre este mundo e a eternidade se torna imperceptível, uma circunstância na qual cremos e experimentamos a Deus de forma visceral.

Meu útero vazio levou-me a essa situação, pela qual comecei a crer (não apenas dizer) que o amor de Deus era real. A cada nova menstruação, eu era forçada a revelar-me com minha dor perante seus olhos. E foi aí que eu descobri a beleza intensa de seus olhos. Somente então, cheguei a derramar-me a seus pés em desvairada, extravagante e desinibida devoção.



No tempo de Maria, os cabelos eram a glória e a cobertura da mulher. As mulheres judias descobriam os cabelos somente na intimidade do lar. Soltá-los em público era escandaloso – e foi exatamente o que Maria fez naquela noite quando Jesus estava à mesa. Ela não somente soltou os cabelos, mas *“tomando um arrátel de unguento de nardo puro, de muito preço, ungiu os pés de Jesus, e enxugou-lhe os pés com os seus cabelos”* (Jo 12.3).

Maria enxugou os pés de Jesus com os *cabelos*. Tirou o véu que os cobria, seu adorno, e usou-os para secar os pés do Senhor. Sua glória terrena tocou a humanidade do Salvador; algo inadequado; uma desgraça. Ela usara sua glória e cobertura como um trapo qualquer.

Os outros homens à mesa a julgaram.

Mas o Filho de Deus ficou sensibilizado.

Aquilo foi uma devoção extravagante, uma adoração que tinha olhos somente para Deus. Ela decidiu ficar vulnerável perante aquele que já conhecia seus desejos mais profundos. E Jesus disse que aquela vulnerabilidade era bela.

Maria fez algo que poucos de nós nos permitimos fazer: ela ignorou a aprovação ou a desaprovação dos que estavam ao redor daquela mesa para poder oferecer a Jesus a parte mais bela de seu ser visível — bem na frente deles; sem se envergonhar de sua falta de modos. Ela se permitiu ser extravagante em sua expressão de amor. Ela viveu o que toda a humanidade foi criada para almejar: voltar-se a Deus em uma busca livre e desinibida.



Eu tinha 23 anos de idade. Foi em uma noite enluarada de setembro na Virgínia, quando o clima de verão ainda perdurava, que eu contei a Nate que não conseguia parar de pensar nele. Deixei aquilo escapar em um momento emotivo atípico para mim. Nosso relacionamento mudou instantaneamente com aquela confissão, embora continuássemos sentados no carro, com aquelas palavras reverberando entre nós como um eco.

Ficamos quase em silêncio, enquanto o tempo passava, no carro estacionado ao lado de meu escritório nas ruas da antiga cidade universitária onde morávamos. Eu me mexi e toquei seu joelho acidentalmente, e aquele toque foi tão elétrico quanto aquelas palavras apressadas. Acho que me apaixonei naquela noite.

Jamais passarei pela Chancellor Street outra vez sem me lembrar de que foi, naquele lugar, que tudo mudou. Foi onde me rendi à vulnerabilidade do amor.

Tenho sentimentos parecidos em relação às dezenas de circunstâncias nas quais me rendi à vulnerabilidade do amor com Deus; momentos carinhosos nos quais ele colocou as mãos ao redor de minha história e me escondeu. Minhas palavras a ele foram duras, impensadas, desconfortáveis. Mas ele foi carinhoso e responsivo. Aquelas eram as condições ideais para que o amor crescesse. Quando eu estava atipicamente vulnerável, o Senhor me escondeu em seu amor e me levou para perto.

Tais experiências de vulnerabilidade com Deus parecem ficar em nossas lembranças da mesma maneira que a Chancellor Street está em minha história com Nate. *“No oculto do seu tabernáculo me esconderá”*, escreveu o salmista (Sl 27.5). Mesmo assim, procuramos evitar estar tão vulneráveis a Deus. Nossas experiências de vulnerabilidade com outras pessoas nos tornam cautelosos e reservados. Evitamos desnudar a nossa alma. Não é seguro. E por isso caímos na maneira mais fugitiva de nos esconder: nos escondemos de Deus.

Não somos os primeiros.

**“Então foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do Senhor Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e esconderam-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus a Adão, e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouve a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me.”** (Gênesis 3.7-10)

Adão e Eva foram os primeiros, mas certamente não os últimos a esconder-se de Deus. A nudez perante Deus – o criador do sangue, dos ossos, dos tendões e da carne – passou a ser o medo comum de toda a humanidade quando Adão e Eva pecaram. Em sua vergonha e constrangimento, eles se esconderam.

“Vergonha é pecado”, diz meu marido, que conhece meu jeito de me proteger e manter a guarda alta. Eu poderia responder que “a vergonha revela o pecado”. Algo assim poderia acontecer: recebemos amigos para o jantar, e acabei conseguindo expressar o que sentia de uma forma confusa. Troquei palavras e não disse tudo como gostaria. Na manhã seguinte, eu me senti envergonhada, lamentando ter revelado minha intimidade de maneira confusa. Minha vergonha revela que meu objetivo principal é preservar a imagem que construí. Fico brava comigo mesma ao invés de falar com Deus.

*Sinto medo porque estou nua. E me escondo de Deus em autocondenação.*

Estou a três minutos de distância da casa onde houve aquele chá de bebê, com aquelas mulheres todas reunidas em volta de uma barriga grande, celebrando, e já quero pensar mal delas. Quero me defender como uma mulher que também tem valor mesmo que seja incapaz de organizar aquele ritual de passagem. Quero reprová-las pela incapacidade de reconhecer minha dor em meio à sua alegria. Sinto vergonha pelo que não tenho, e critico as que o têm.

*Sinto medo por estar nua. E em minha ira me escondo de Deus.*

Há seis pequenos corpos no carro, mas parecem uns dez. Os dois no último banco estão brigando, e o bebê está cansado e com fome. Uma de minhas garotas está profundamente magoada, com os olhos vazios virados para a janela, perdida em sua própria mente. Olho para o banco de trás e descubro que há restos do almoço da semana passada mofando no tapete. *Quanto falta até a hora de dormir?*, penso, ansiosa para que aquele dia acabe logo. Estou irritada com o meu papel de mãe hoje e mais irritada ainda por estar irritada. Como posso entrar na presença de Deus desse jeito?

*Sinto medo por estar nua. E me escondo de Deus, simplesmente esperando que aquele momento difícil passe.*

Essas situações dolorosas são convites. Deus nos convida a trocar o sentimento de dor e vulnerabilidade por sua força. Deus não nos criou para que nos escondêssemos dele e vivêssemos com áreas que ele não pudesse tocar. É nesses momentos de nudez – os momentos em que nos permitimos estar expostos perante Deus –, que ele nos cobre, nos envolve em seu amor seguro e substitui nossa fraqueza exposta por sua força.

*“E fez o Senhor Deus a Adão e à sua mulher túnicas de peles, e os vestiu”* (Gn 3.21). Mesmo depois de termos sido expostos por nossos próprios pecados e falhas, Deus nos cobre. Ele restaura os

cacos de nossa história e nos oculta em si a fim de que possamos correr o risco de revelar-nos novamente perante ele.

*Quem te mostrou que estavas nu?*, perguntou o Deus que vê cada parte de nós. E ele nos mostra o lugar seguro onde podemos ser vistos.



Logo após adotarmos Eden e Caleb, um amigo cristão que havia aconselhado crianças por anos os observou brincando em sua sala de espera. Havíamos descrito os primeiros meses dos dois em nossa casa, e ele viu o que tínhamos dito e ainda mais. Mesmo quando não estávamos à vista deles, eles brincavam livremente e sem medo. Alegravam-se com os brinquedos e mais ainda por estar juntos; afinal, já eram irmãos antes de fazer parte de nossa família. Seus olhos brilhavam de curiosidade e diversão, e não eram mais mortos e opacos.

“Há uma palavra para isso”, disse nosso amigo, “eles são ‘invulneráveis’”.

Ele falou sobre o que esperávamos que fosse verdade: que Eden e Caleb mostravam poucos sinais das perdas que sofreram em seus primeiros anos, antes mesmo que soubessem andar. Apesar da origem traumática, a alma de nossas crianças – antigas órfãs – havia sido preservada.

Eu me senti aliviada.

Havíamos dito *sim* a eles, os dois primeiros filhos que trouxemos para casa, sabendo perfeitamente o que os especialistas diziam sobre as consequências do abandono na primeira infância. Nós nos agarramos mais ao otimismo do que à esperança. O otimismo costuma ser ingênuo, mas a esperança é forjada. (Éramos novos demais naquilo para ter forjado uma esperança real.) Eden sempre defendia o irmãozinho, Caleb, e confiava em mim como mãe. Caleb apenas confiava. Os olhos

deles sempre brilhavam em expectativa. Eram o tipo raro de “normal” que brota da anormalidade.

*Ufa.* Nate e eu sabíamos que, por sermos pais de primeira viagem, não estávamos preparados para qualquer dor profunda. Então os batizamos de *invulneráveis* e respiramos aliviados.

Até o dia em que não pudemos mais fazê-lo.

O crescimento, o tempo e os novos irmãos que adicionamos alguns anos depois revelaram arestas desgastadas que não haviam aparecido na época em que eram apenas os dois. Um tinha problemas de confiança. Outro lutava para receber amor. O brilho de seus olhos se apagou por algum tempo. Aliás, conseguíamos até enxergar anos de cansaço por detrás daqueles sorrisos largos. A vida os havia maltratado antes que os abraçássemos pela primeira vez. Não eram tão invulneráveis quanto pareciam. Mas, falando sério, será que alguém é?

Não me agrada pensar em mim mesma como alguém vulnerável. Lágrimas me incomodam. Não gosto das lágrimas que caem quando sinto saudade de meu pai ao lembrar-me dele no meio da festa de aniversário de outra pessoa. Sinto vergonha ao pensar que posso ter exagerado na franqueza com um novo amigo ao tomarmos um café. Fico vermelha quando um de meus filhos diz algo impróprio em público. Não quero enviar a terceira mensagem de texto seguida dizendo: “Preciso de oração”. Sinto-me nua quando uma amiga com dois filhos mais velhos (e mais comportados) nos faz uma visita-surpresa e vê o estado de minha casa em uma terça-feira à tarde.

Falando sério, quem não gostaria de ser invulnerável? Acreditamos na mentira de que expor o coração – por menor que seja a exposição – pode apenas nos machucar. E aplicamos essa mentira às nossas interações com Deus.

A pessoa que faz a chamada de emergência para os amigos às nove da noite dizendo: “Nosso casamento está por um fio. Podemos ir até aí para que você nos ajude?” acorda envergonhada

na manhã seguinte pensando: “Por que não tratamos disso entre nós mesmos?”. A mulher que, aos 50 anos de idade, reúne coragem suficiente para dizer baixinho no grupo de oração: “Eu gostaria de me casar. Vocês poderiam orar para que eu encontre alguém a quem possa amar?” vai embora da reunião sentindo-se tola por ter-se exposto dessa forma. O aspirante a compositor executa apaixonadamente a primeira canção que compôs e recebe apenas aplausos breves e educados. Ele desce do palco prometendo a si mesmo que jamais correrá o mesmo risco de novo.

A mulher cujo bebê está no hospital pede a Deus – em voz alta e na frente da equipe médica – que salve seu filho apesar do diagnóstico que o desenganou, apenas para pensar: “E se Deus não o curar? O que os outros vão dizer das minhas orações tolas e desconjuntadas?”.

Entretanto, a vulnerabilidade é bela para Deus. Ela o incita. Ele se *aproxima* quando estamos vulneráveis. “*Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado*” (Sl 34.18), escreveu o salmista. Em todos nós, há partes quebradas, despedaçadas. Ele nos convida a lhe mostrar nossos cacos. Os autores Dan Allender e Trempe Longman escreveram que “a imperfeição é o antídoto para a vergonha”.<sup>[4]</sup>

Se eu me permito estar vulnerável perante Deus somente durante as grandes crises, mas não na vergonha da manhã seguinte, continentes inteiros do meu coração permanecerão escuros e ocultos da única luz que pode curá-los. E Deus quer curar tudo isso. Oro por “mais de Deus”, mas raramente cresço em compreensão íntima e pessoal com o Senhor sem primeiramente me tornar vulnerável.

Ser invulnerável é ser impenetrável. Mas e aqueles que se voltam para Deus e ocultam a face envergonhada no peito divino? São esses que ouvirão seu coração batendo.

Não fomos ocultos por Deus para sofrer ou ser punidos; fomos atraídos para o esconderijo a fim de ali encontrar o Deus que

transforma vulnerabilidade em comunhão. E sim: isso se aplica não apenas a nossas feridas, mas acontece em resposta a nosso pecado.

Muitas vezes, é nosso pecado que faz com que levantemos paredes e nos tornemos endurecidos e distantes de Deus. O Senhor nos traz à vulnerabilidade da exposição que vem com o arrependimento. E na esteira de nosso retorno a ele, encontramos comunhão. Nós nos inclinamos um pouquinho para o caminho da entrega, da rendição.

Deus dá boas-vindas aos momentos em que estamos mais vulneráveis não apenas porque já vê cada momento invisível de nossa vida. Ele nos recebe quando estamos vulneráveis porque sabe o que significa estar vulnerável.

O escritor C. S. Lewis afirmou: “Se quisesse, Deus poderia ter encarnado em um homem de nervos de aço, um tipo estoico que não deixaria escapar sequer um suspiro. Em sua grande humildade, ele escolheu um homem de delicada sensibilidade que chorou no túmulo de Lázaro e seu sangue no Getsêmani... Ele passou por tudo aquilo que passa o mais fraco dentre nós, compartilhou não apenas o lado forte de nossa natureza, mas cada fraqueza da humanidade; exceto o pecado. Se ele tivesse encarnado em um homem de imensa coragem natural, isso, para muitos de nós, significaria praticamente não ter encarnado.”<sup>[5]</sup>

O corpo de Jesus se partiu. Ele se sujeitou à fraqueza ainda que não tivesse pecado.

Jesus experimentou talvez a forma mais severa de invisibilidade ao ser lançado “*ao pó da morte*” (Sl 22.15). Ele estava nu, sendo ridicularizado por homens que haviam sido formados por suas mãos — oculto ao entendimento deles. O Filho de Deus que não tinha pecado ficou vulnerável até a morte.

O Deus cujo Espírito nos concede o sopro de vida no peito suportou uma rejeição muito pior do que jamais enfrentarei. Daquele lugar de vulnerabilidade, Jesus bradou palavras vindas da

boca de Davi: “*Não te alongues de mim*” (Sl 22.19). E são estas as palavras que ele nos convida a orar das profundezas de nossa própria vulnerabilidade. Em sua fraqueza, ao derramar-se como água, ele nos deu permissão de sermos também vulneráveis, incompletos. E nossa vulnerabilidade, que não passa de uma sombra da vulnerabilidade divina, pode levantar o mesmo clamor: “Deus, fica por perto”.

Essa proximidade atinge seu maior brilho quando estou mais fraca, no cerne da invisibilidade e vulnerabilidade perante Deus. Ele redefine minhas circunstâncias sem precisar mudá-las. Quando isso acontece, estar oculta deixa de me incomodar, porque passo a dividir com Jesus a imensa dor da rejeição humana. Ele não é mais apenas alguém familiar. Ele é aquele cujos dedos calejados e sujos de terra seguram gentilmente as partes sensíveis de meu coração, as partes expostas e sangrentas de mim. É ele que ama me ver exposta em sua presença, inclinando-me.



Logo depois de ter filhos, Nate e eu decidimos que os sábados, e não os domingos, seriam nosso dia de descanso sabático. E os sábados são meu lembrete semanal do quanto eu resisto a ficar vulnerável.

Ficamos de pijama o dia todo. Fazemos chá várias vezes. Nate e eu lemos a Bíblia e outros livros enquanto as crianças constroem refúgios na vizinhança ou em seus quartos. Fazemos caminhadas, deixamos a roupa suja sem lavar e não arrumamos a cozinha – apenas por algumas horas. Respiramos, absorvendo novas ideias e antigas verdades sobre esse Deus que nos ama e nos oculta perto de si. Leio poesia. Parece maravilhoso, mas, por volta das duas da tarde de todo sábado, aquele temido sentimento vai entrando em meu peito. O descanso das horas livres acaba, e entro no espaço vazio da tarde. Começo a pensar: *Quem sou eu com todo este tempo que não utilizei para coisa alguma?*

Aos sábados, sou lembrada do motivo pelo qual tento manter cheia a agenda de domingo a sexta. Espaço demais e tempo sem lista de tarefas a cumprir e mundos para mudar fazem com que me sinta nua. Exposta. *Quem sou eu sem minhas realizações? Quem sou sem minha lista de tarefas?*

Assim como Adão e Eva no jardim do Éden, nossa humanidade precisa ser convencida a deixar de esconder-se do Senhor. É geralmente mais fácil obedecer às regras divinas do que permitir que a nossa alma se incline para uma rendição mais completa a ele. A rendição é algo vulnerável, e essa escolha de mostrar vulnerabilidade a Deus requer prática. Guardar o sábado torna essa prática frequente; e frequentemente dolorida.

Chego àquelas tardes sentindo uma combinação de vazio, inquietude e incerteza. Mas Deus sempre segura a minha mão e abre para mim um novo mundo – meus pensamentos mais profundos, meus verdadeiros sentimentos, as emoções quase despercebidas que mantive soterradas sob as ocupações.

Eu costumava dizer: “A vida para aos sábados na casa dos Hagerty” — isso na época em que eu ainda me agarrava aos vestígios da crença de que a produtividade é o tutano da vida. Mas o sentimento vazio que persistia nos dias em que a vida “parava” improdutivamente me tornou vulnerável e por fim abriu um outro lado de mim para Deus, o lado que me incitava a ir além da obediência e me render. Agora digo: “A vida acontece aos sábados em nossa casa”. Os sábados são meu momento menos ocupado, mais frágil; menos realizações, mais presença. Sábados são meu momento de me apaixonar um pouquinho mais por Deus. Cada sábado é um passo em direção a uma rendição mais profunda.



Nosso lar é um meio de cultura de laboratório. O fato de existirem oito corpos não significa oito personalidades e oito tipos físicos diferentes. Em nossa casa, temos oito inícios únicos que nasceram em três países com culturas diferentes.

Há quem diga que meu penúltimo filho, Bo, ou minha bebê de colo, Virginia – os que vieram de meu ventre – são “meus próprios”, mas todos os meus filhos são meus próprios. Apesar disso, ao mesmo tempo em que percebo a individualidade de cada um, às vezes comparo Bo aos demais na tentativa de reconhecer e compreender qualquer diferença na forma como ele e os irmãos se relacionam comigo e buscam proximidade.

Há alguns anos, quando passei uma noite longe da minha família, deitei-me no quarto do hotel, conversei com Deus e tive uma avalanche de entendimento sobre meus filhos – e sobre a bela e confiante vulnerabilidade.

“Colo, por favor.” Era como se eu enxergasse mentalmente os olhos bem abertos e os braços estendidos de Bo.

Meu bebê me olha com expectativa e repete essa única frase todos os dias mais vezes do que sou capaz de contar. Foi a primeira coisa que ele aprendeu a falar. Às sete e meia da manhã, ele já está resmungando essas palavras com voz de sono e o corpo pronto para ser embalado. Às nove e meia, é um pedido de alívio. Ele ficou com os irmãos e agora precisa da segurança dos braços da mãe. Às vezes, a frase vem acompanhada de lábios trêmulos e olhos cheios de lágrimas.

“Colo, por favor”: era o pedido incessante da criança que sabe comportar-se. Pedido para sair do mundo de brinquedos e dos irmãos bagunceiros e voltar para o lugar da segurança absoluta. Sou lembrada, o dia todo, de que existe alguém que precisa de mim; que *sabe* que precisa de mim.

Outros quatro precisam de mim tanto quanto ele. Mas jamais tiveram a oportunidade de dizer: “Colo, por favor”. Seus pedidos de colo são escondidos por trás de olhos que não choram ou que choram na tentativa de me manipular a amá-los. Vergonha e rejeição podem empurrar goela abaixo o “Colo, por favor” deles na tentativa de dizer: “Nunca mais quero sentir a dor de precisar e não

receber; então não farei o pedido que me deixa no chão com os braços estendidos para cima sem ninguém para me pegar”.

“Colo, por favor” é um pedido perigoso para aqueles que questionam o amor. Em algum momento após termos aceitado a Jesus, a vida nos ensinou que o pedido de colo se restringe aos bebês. E não queremos parecer bebês diante de Deus.

*“Em verdade vos digo”, disse Jesus, “que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus”* (Mt 18.3). Este versículo está na parede da casa de nossas avós e em histórias em quadrinhos. Nós o conhecemos de cor. Porém, se formos honestos, confessaremos que não gostamos dele.

Eu prefiro não ser como uma criança. Não quero gaguejar as palavras ao falar em um grupo. Não quero ficar de olhos vermelhos na igreja por causa de uma “conversa” que tive com o meu marido no carro. Não quero estar chegando aos 40 ainda precisando perguntar a mim mesma: *O que será que houve aos 15 anos que me faz lutar com esse assunto até hoje?*

Não quero babar e usar fraldas.

Para dizer a verdade, não gostaria de precisar de Deus.

Ao invés disso, quero abandonar a fraqueza e fazer anotações para uma pregação de cinco pontos sobre como aumentar meu amor por Deus. Afinal de contas, não seria muito mais agradável aprender as duras lições sobre o amor em um sermão bem organizado do que na bagunça da vida? No entanto, o Senhor continua me convidando a desnudar-me em sua presença, sentar-me diante dele, derramar meu coração, fazer perguntas e esperar suas respostas. *Ser vulnerável e permanecer vulnerável* é um convite e tanto num mundo que elogia e recompensa os invulneráveis. As 12 vezes por dia em que me irrita ao ser lembrada de minha fraqueza são os momentos nos quais Deus quer ouvir minha voz hesitante dizendo: “Colo, por favor”.

As lágrimas de carência se tornaram um tesouro em nossa casa. Quando a dor se derrama nas versões de 8, 10 ou 11 anos de: “Colo, por favor”, nós comemoramos. Abraçamo-nos longamente para reafirmar que corações vulneráveis e expostos são corações prestes a ganhar vida.

Ei, você que está escondido! Quais são as áreas em que você mais luta para ser forte? O que faz você ter um colapso em um dia qualquer? O que o faz querer mandar uma mensagem apavorada a um amigo, ou se esconder atrás de uma tela de computador, ou procurar algo na geladeira para comer? Em que áreas da sua vida você está treinando para ser durão?

Convide Deus para entrar nessas áreas.

Às vezes, essas áreas da nossa vida são inteiramente familiares, mas, outras vezes, é preciso prática para reconhecê-las. Examine a Palavra e peça que Deus lhe ensine sobre você e sobre *e/le* bem na área mais machucada e fraca de sua vida.

Maria soltou os cabelos e, ao fazê-lo, causou espanto entre os que estavam presentes. Entretanto, com esse único ato, ela se afastou da autoproteção em direção à presença de Deus; a uma rendição mais profunda ao Senhor. O momento dela pode ser nosso todos os dias. Peça a Deus que o ajude a soltar os cabelos em vulnerabilidade, em adoração — por ele.

Meu bebê me pede colo mais ou menos com a mesma frequência com a qual eu preciso pedir colo a Deus. Meu coração vulnerável e seu coração vulnerável precisam rotineiramente subir no colo de Deus. Quanto mais buscarmos o Senhor, mais cresceremos, e nos cantos ocultos no nosso coração, mais dispostos estaremos a escolher novamente a vulnerabilidade; a ir aos pouquinhos em direção a uma rendição mais profunda a Deus e à sua história para a nossa vida. Ao reconhecer nossa fragilidade diante dele, ele nos oferece força e sabedoria. O salmista entendeu essa verdade quando orou: *“Eis que amas a verdade no íntimo, e no oculto me fazes conhecer a sabedoria”* (Sl 51.6).

Pare de esconder-se de Deus. Apareça, vulnerável e exposto perante ele com novas forças. *Sua* força. Sente-se a seus pés e permita que o calor dos olhos carinhosos de Deus o atravesse. Veja o que é mais vulnerável em você e corresponda.



### **Para continuar estudando**

Gn 3.7-11 | Gn 3.21 | Sl 5.3 | Sl 7.9 | Sl 18.6 | Sl 22 | Sl 26.8 | Sl 27.5 | Sl 31 | Sl 34.18 | Sl 51 | Sl 63.5-7 | Sl 91.4 | Sl 119.151 | Sl 145.18 | Os 2.14-15 | Mt 18.3 | Mt 27.35-37 | Jo 1.16 | Jo. 12:3 | Jo. 15:9 | Rm. 8:1-2 | Rm. 11:17-18 | 1 Co 11.15 | 2 Co 4.7-12 | 2 Co 5.15-20 | 2 Co 12.7-10

# SEIS

## O CONVITE A MARAVILHAR-SE

### Treinando os Olhos para Enxergar a Beleza de Deus

*“E encheu-se a casa do cheiro do unguento.” (João 12.3)*

**H**ope vinha trabalhando havia dias em um projeto incompreensível, mas que demandava muito tempo.

Ela carregava seus lápis de cor em uma bolsinha que ela pegava sempre que lhe sobrava algum tempo. Ela escondia discretamente o que estava fazendo em uma cesta de livros ao lado de sua cama quando íamos lhe dar boa noite na hora de dormir. Estava tão empolgada com sua criatividade secreta quanto com o momento da revelação.

Finalmente, chegou o dia em que ela veio ao meu quarto na ponta dos pés com as mãos atrás das costas. Era como se estivesse tão conectada ao projeto que tanto a arte quanto seu corpo precisassem trazer essa surpresa sagrada aos sussurros.

“Olhe, mamãe”, ela me disse ao mostrar as páginas dobradas. Seu rosto brilhava com a doce confiança de uma criança que sabe ter criado algo belo. Ela passara semanas trabalhando em expectativa pela minha alegria – ela sabia que eu adoraria o trabalho. E claro que adorei; daquele jeito pelo qual uma mãe vê a concentração, o suor e a persistência como o resultado concreto de qualquer projeto.

Ela havia escrito um livro: um livro! Minha filha, ainda aprendendo a ler, havia copiado desenhos de outros livros e reunido frases para “contar a história de Jesus”. O Evangelho estava um tanto misturado com desenhos de *Uma Casa na Planície* e *Paddington Bear* – uma versão infantil de como Deus abrange todo o seu horizonte.

Ela queria ser igualzinha à mamãe: uma escritora. Não importava que ela ainda estivesse apanhando das palavras de três e quatro letras, porque minha filha queria ser como eu.

Os filhos com frequência imitam os pais. Aos 5 anos, eu queria ser professora exatamente como os meus pais. Nosso filho Caleb costumava empurrar um carrinho de bebê caindo aos pedaços ao lado de Nate enquanto Nate cortava a grama. Três de nossas meninas mais velhas já andaram pelo banheiro calçando meus sapatos de salto, falando de sair com os maridos e de ir a casamentos. Antes dos 2 anos de idade, Bo fez um bebê com um porco de pelúcia. Ele carregava o porco da mesma maneira que eu o carregava. Enquanto estou digitando isso, Lily, de 11 anos, está ao meu lado com uma pilha de livros de poesia e um bloco de desenho, igual à mamãe.

Somos, todos nós, criados para carregar uma imagem. Está em nosso DNA.

Deus nos fez para reproduzir a semelhança com alguém; com ele.

**“E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança” (Gn 1.26)**

Então é natural que procuremos imagens para carregar em nossa história. E imitamos aquilo que vemos. Essa imitação começa quando somos bebês e continua enquanto crescemos. Durante a metamorfose de crianças em adultos, ou começamos a ver Deus em nossa história ou começamos a olhar ao redor em busca de uma imagem para reproduzir. Frequentemente, fazemos um pouco de cada.

No dia a dia, essas pequenas decisões de olhar para Deus ou olhar para as pessoas à nossa volta podem parecer insignificantes — mas somente até que sejamos acuados pelas circunstâncias ou inseridos numa temporada de invisibilidade. Nesse momento, a imagem que tivermos escolhido imitar revelará sua natureza: eterna ou temporal, verdade ou fachada.

“*A candeia do corpo são os olhos*” disse Jesus (Mt 6.22), e meus olhos podem voltar-se para muitas direções durante um dia qualquer sem que eu sequer saia de casa. É possível que eu veja minha melhor amiga do primeiro ano vencer uma corrida de mães e filhas e o editorial de outra amiga ser publicado no *New York Times*. Posso ver minha irmã viajar para a Europa e a primeira venda da empresa que minha prima fundou. Posso ver que um conhecido da igreja passou a manhã com a Bíblia e uma xícara de chá. Posso ver tudo em apenas uma olhada para uma tela.

Contudo, quando estou *off-line*, posso ver uma mãe que levou os quatro filhos com menos de 5 anos (todos com roupas combinando e cabelos penteados) a um café, e um vizinho chegando de uma corrida de cinco quilômetros. Posso ver um gramado com menos ervas daninhas do que o nosso, um carro com menos ferrugem e uma casa que tem piscina. Posso ver uma mãe em boa forma física empurrando sem esforço um carrinho de bebê e outra com um lindo par de sapatos novos.

É bom notar e admirar tudo isso desde que eu já tenha certeza de qual é a imagem que estou reproduzindo e dos pensamentos de Deus a respeito das centenas de minutos do meu dia que ninguém mais vê.

Mas tudo isso passará a ser sutilmente destrutivo se, ao contemplar essas imagens, eu me esquecer de voltar os olhos para Deus. Com frequência, elas se tornam uma lista de tudo o que sou *menos*: menos organizada, menos responsável, menos espiritual, menos atlética, menos bonita.

Nós nos tornamos aquilo que contemplamos. Quando estamos prontos a imitar ou catalogar o que nos falta, a saída não está na autocrítica ou na criação de um plano rigoroso de aprimoramento pessoal. A válvula de escape é aquilo que contemplamos. Deus nos convida a voltar os olhos para ele a fim de reproduzir sua imagem.

Deus não é apenas o criador da beleza. Ele é a própria beleza. Nós nos transformamos naquilo que contemplamos, e essa beleza cresce dentro de nós sempre que escolhemos contemplá-lo.



Imagino que, embora o vidro de óleo perfumado que Maria carregava no pescoço estivesse bem fechado, ele ainda deixava escapar sua fragrância. Posso vê-la em minha mente aquecendo o recipiente entre as mãos e passando os dedos pela vedação, sentindo aquele leve traço de perfume.

A própria Maria pode ter sido um tanto parecida com aquele recipiente. Talvez, ela mantivesse o coração tão bem fechado quanto ele, dando apenas pequeninas doses do perfume para a família e os amigos.

Até que ela encontrou Jesus.

À medida que ela o conhecia, ela só queria conhecê-lo ainda mais e ser conhecida por ele. Ela queria ser como Jesus e lhe dar mais daquilo que havia reservado cuidadosamente só para ele.

Na noite em que seus dedos trêmulos quebraram o gargalo do frasco, seus sentidos se aguçaram. Essa mulher, cujos dias estavam envolvidos em deveres e praticidade, assentou-se assombrada, enlevada. Seu coração acelerou-se em amor enquanto o aroma do bálsamo, não mais apenas um traço, a envolveu e a inundou. A extravagância se espalhou por aquele cômodo e pela casa toda.

Foi algo íntimo e arrebatador, rico aos sentidos de qualquer um que tivesse olhos para enxergar o que estava realmente acontecendo no momento em que aquela mulher se entregava, quebrando aquele recipiente. Afinal de contas, ela não se limitou a ver a beleza de longe, mas a absorveu.

Ela o adorou com o óleo, com os cabelos desarrumados. Ele passou a ser ainda mais belo para ela. E ela estava tornando-se quem era de verdade ao aproximar-se dele.

Todos ali sentiram o perfume da unção. Todos os presentes podiam decidir olhar para Jesus – humildemente radiante – ou para ela e uns para os outros, criticando tal desperdício.

Mas os olhos dela viam somente Jesus.



Eu mal chegara a me sentar no canto de leitura do quarto quando parei para olhar pelas portas de vidro que dão para o alpendre dos fundos e para o quintal. O céu estava subitamente em chamas coloridas. Vermelho escuro com luzes douradas iluminava meu quintal, desenhando silhuetas das minhas árvores favoritas. Aquela imagem do pôr do sol me é tão pouco familiar que tive um sobressalto ao vê-la.

Geralmente, quando o sol se põe, estou preparando uma refeição para alguns esfomeados ou enfiando as crianças em pijamas e camas. Mas, naquela noite em particular, Nate havia levado todos para o treino de basquete, e eu havia tirado um tempo, aproveitando a quietude da casa após o frenesi de encontrar garrafinhas d'água, calçar tênis e “dar só mais uma mordida”.

Durante os cinco minutos que o sol levou para se pôr, fiquei extasiada. Cheguei às lágrimas. *Tu pintaste o céu para mim*, sussurrei como um lembrete para mim mesma e como reconhecimento a Deus, porque aquilo era obra divina.

Seus bilhetinhos de amor estão escondidos por todo lugar. Todos os dias em meu quintal, há um pôr do sol. Todos os dias, há ali uma beleza fascinante. A beleza de Deus é feita para ser contemplada, para ser *recebida*.

“Se quiser ver a verdadeira beleza, olhe para a face de Jesus”, escreveu o pregador Charles Spurgeon.<sup>[6]</sup> Há beleza nas linhas de sua face, na humanidade que ele abraçou por mim e por você. Mas temos a tendência de olhar de relance – até mesmo para Deus. A vida à velocidade da luz tem pouco espaço para contemplação. Estamos cada vez mais acostumados a esperas de três minutos e compras em um clique. E seguimos esse padrão no relacionamento com Deus. Queremos as manchetes. Ou aguardamos na expectativa de ordens dadas em tom seco e impessoal. Ou esperamos passar correndo pela vida e de repente nos sentamos por 30 minutos querendo de alguma forma encontrar foco, embora o nosso coração esteja acelerado nas outras 23 horas e meia do dia. Queremos olhar com atenção para a beleza de Deus, mas velocidade e beleza raramente coexistem.

Temporadas de invisibilidade nos convidam a desacelerar, prestar atenção à beleza tão frequentemente obscurecida pela pressa, cultivar a mesma maravilha que uma criancinha experimenta ao encontrar uma borboleta pela primeira vez. As “pequenas coisas” da vida – o pôr do sol por trás da silhueta das árvores no inverno, gansos voando em formação perfeita, as faias brilhando no outono, o bilhete de amor rabiscado deixado pelo marido sob o bule de café – são meros reflexos de uma outra beleza. “Deus criou coisas inferiores para serem sinais que apontam para realidades espirituais superiores”, escreveu George Marsden sobre a percepção de realidade de Jonathan Edwards. “O universo em si foi uma linguagem complexa empregada por Deus. Nada nele foi acidental. Tudo aponta para um sentido superior”.<sup>[7]</sup> O fato de isto nos passar despercebido revela que não estamos enxergando a beleza em sua forma mais verdadeira: Jesus.

Quer estejamos ou não atravessando uma temporada de invisibilidade, quer estejamos ou não passando por uma fase ocupada, precisamos fazer uma pausa por tempo suficiente para *olhar*. Esse olhar não é passivo. Olhar para a beleza de Deus aumenta nosso desejo de receber mais dele. Pode alimentar nosso desejo de olhar outra vez — e outra vez.

Ao nos aproximarmos de Deus com o coração aberto, atento e faminto, não apenas nos posicionamos para ver sua beleza, mas também para permitir que ela nos transforme.

Vi um relance da beleza divina quando Hope foi batizada — imersa em água, com um vestido por cima das roupas de banho, exposta e ao mesmo tempo oculta enquanto dizia a uma dúzia de olhos que ela havia entregado a própria vida a Jesus. Respirei profundamente naquela tarde de domingo, absorvendo o fato de que aquela criança e a vida dela descansavam mais firmemente nas mãos do Senhor do que eu acreditava.

Vi a beleza de Deus quando Lily pulou do carro que a havia levado à nossa pousada em Uganda gritando “Papai!” ao ver pessoalmente pela primeira vez o rosto do pai. Naquela noite, levantei os olhos para além do medo do que poderia acontecer naquela adoção; ter um relance do que Deus estava operando me encheu de fé.

Vi a beleza de Deus na noite em que Nate me pediu em casamento e no dia, meses antes, em que eu soube que me casaria com aquele rapaz. Jamais esperara encontrar o tipo de amor que Nate me oferecia. Ele me intimidava e às vezes me fazia recuar. Mas Deus me mostrou conhecer minhas necessidades melhor do que eu quando separei um tempo para olhar a beleza existente na busca daquele rapaz.

Vi a beleza de Deus no rosto rude de uma adolescente que entregou pela primeira vez o coração ao amor de Deus. Ao parar e olhar, tanto quanto eu podia ver do lado de fora, comecei a

acreditar que a beleza divina seria capaz de se sobrepor a qualquer escuridão.

Vi a beleza de Deus no eclipse lunar da noite passada no qual milhões de olhos permaneceram fixos. E sou transformada por esse olhar quando percebo que, por trás desses momentos, há um Criador, convidando-me a ver sua criação e ele próprio como o melhor investimento que meus olhos podem fazer.

Mas é mais difícil para mim ver a beleza de Deus no final de uma tarde, nos milhares de minutos no meio dos meus dias que não parecem dignos de ser fotografados, colocados em um álbum ou compartilhados com outras pessoas. Ele nos diz, em sua Palavra, que a sua glória está constantemente disponível, e está presente em todos os dias; cada um deles.

**“Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Não há linguagem nem fala onde não se ouça a sua voz. A sua linha se estende por toda a terra, e as suas palavras até ao fim do mundo.” (Salmos 19.1-4 ACF)**

São meus olhos que precisam ser treinados para vê-la naqueles minutos.

Com demasiada frequência, deixamos momentos de silêncio e contemplação para os outros, os monges ou os poetas – os indivíduos naturalmente contemplativos, aqueles que consideramos desajustados sociais ou gigantes espirituais. Presumimos que esses períodos de quietude e invisibilidade em Deus não são para os extrovertidos, os sociáveis, os normais. Não somos assim esquisitos ou profundos, e então sequer tentamos, como se passar tempo olhando longamente para Deus fosse somente para eremitas esquisitos ou super-heróis espirituais.

Contudo, quando nos privamos de prestar atenção a Deus na quietude e nos detalhes, nós nos privamos de alimento para a alma, ficando famintos da fonte de nossa vida, que é o ato anticonvencional de assentar-nos aos pés do Senhor e vê-lo em cada momento bagunçado e maravilhoso de nossos dias.

Escolhemos maravilhar-nos quando olhamos para Deus e conversamos com ele – até mesmo, e talvez especialmente, nos momentos incomuns. O autor e pastor Eugene Peterson escreveu: “O objetivo da oração é deixar o mundo das ansiedades e entrar em um mundo de maravilhas. Decidimos deixar um mundo centrado no ego e entramos em um mundo que gira em torno de Deus. Desejamos deixar um mundo de problemas e entrar em um mundo de mistérios. Mas não é fácil. Estamos acostumados a ansiedades, egos e problemas; não estamos acostumados a maravilhas, Deus e mistérios”.<sup>[8]</sup>

Maravilha significa abrir um pouquinho os olhos para enxergar Deus, que está nos vendo *o tempo todo*.

Mas a maravilha é tímida às vezes. Ela passa despercebida para corações que se recusam a procurá-la nos detalhes da vida.

Assim, Deus nos oculta.

Sim, mesmo depois da briga de família, do pneu furado e da terceira consulta médica da semana – fatos desconhecidos para quem está fora de nosso mundo –, Deus nos chama a maravilhar-nos. Ali, podemos pedir que ele fale conosco. Ali, podemos encontrar vida em sua Palavra. Ali, podemos voltar-nos para perto dele. Uma vida voltada a procurar as maravilhas divinas naqueles momentos do dia é uma vida que está aprofundando suas raízes fortemente no amor.



Apenas a lua ilumina a noite. As crianças estão na cama, mas ainda não dormiram. Abro e fecho a porta da frente com cuidado para que pequenos ouvidos não me ouçam.

Saio para a noite, de chinelos, envolta em um céu azul que se desbota para negro. Caminho lentamente pela frente de nossa casa. Aprecio a quietude e as paredes que me separam do ruído da lava-louças, da vibração da secadora de roupas e das batidas

distraídas dos pés de Caleb na parede enquanto ele lê deitado na cama.

Começo a orar, e meu interior passa a preencher a quietude com ruído. Estou falando com Deus e me ouvindo ao mesmo tempo. Nunca é simples me aquietar.

Depois de algumas voltas na frente de casa, percebo algo, ouço algo que não havia notado quando minha mente ainda estava cheia do dia.

O barulho dos grilos é alto, e há um ritmo nesse ruído. Há algo mais fazendo barulho. Viro a cabeça para ouvir melhor. *O que será que ainda está acordado às oito da noite?*

Ouço movimento na grama alta que nos separa das árvores; cervos ou coiotes talvez. E uma coruja pia ao longe. A intensidade da brisa aumenta, e as folhas balançam, despertas, e fazem notar sua presença. De certa forma, a noite aqui fora é mais barulhenta do que a hora do jantar dentro de casa. Há um mundo aqui fora que se recusa a silenciar, a ficar quieto e a descansar.

Sorrio. Entendo essa recusa. A cacofonia é a trilha sonora de meus dias. Mesmo as partes despercebidas do dia fazem barulho. Há o constante zumbido da secadora que despeja pilhas de roupas para serem dobradas, os gritinhos de crianças agitadas e até o ruído de fundo de ondas do oceano produzido pela máquina no quarto do andar de cima – muitas vezes nos esquecemos de desligá-la mesmo quando ninguém está dormindo.

O silêncio não acontece por acaso. Nunca.

Nem mesmo aqui fora.

Quietude interna requer prática. É fruto da invisibilidade – de uma vida voltada para Deus, uma vida que busca maravilhar-se nele – e que precisa ser cultivada.

Nossa cultura de ritmo acelerado, nossa conectividade crescente com amigos de todos os lugares, nossas infinitas listas

de tarefas e, por vezes, até as noites mais silenciosas que dão espaço para que nossos pensamentos soltos e profundos ganhem volume são obstáculos à comunhão que aprofunda o nosso coração. Talvez, tudo o que esteja contra nosso chamado de contemplar a beleza de Deus apenas reforce nossa necessidade de procurá-la.

Elizabeth Barrett Browning foi feliz ao retratar essa realidade em seu poema épico “Aurora Leigh”:

*A Terra está repleta dos céus,*

*E cada simples arbusto em chamas de Deus.*

*Mas somente quem vê remove os sapatos,*

*Os demais se assentam em volta dele e apanham frutinhas.*

Somente aqueles que veem a beleza divina permeando o ordinário são capazes de recebê-la e considerá-la santa.

Deus ama interromper nossos dias com sua presença. Ele está sempre falando, chamando-nos de volta – de volta para aquilo que realmente nos faz viver –, convidando-nos a fazer uma boa pausa a fim de voltar os olhos para ele.

Quando minha filha Eden grita do quintal: “É uma pomba!” em uma tarde cheia de atividades, espio da janela do andar de cima e vejo um pássaro pousado na calçada; e algo se move dentro de mim. Um beija-flor que caberia na palma de minha mão paira sobre minhas zínias na frente de casa, e minha rotina diária para. O sol bate nos cabelos de Bo quando ele olha para Nate, e, naquele momento doce e ordinário, sinto Deus chamando minha atenção com essa mensagem de amor sussurrada.

Nem sempre notei coisas assim. Notava os passarinhos quando eles sujavam meu carro e reparava nas árvores quando suas folhas entupiam minhas calhas. Eram apenas coisas que precisavam de cuidado, de limpeza, de atenção. O sol nascendo

pela manhã me cegava quando estava correndo, e o crepúsculo não passava de uma transição para a hora de dormir.

Deus falava, mas eu estava envolvida demais em minhas tarefas para ouvi-lo.

Mas quando Deus me ocultou em circunstâncias difíceis e nos mal-entendidos de outras pessoas, dentro dos limites do que outros chamariam de comum, tive tempo para perceber esses furtivos bilhetes de amor. Comecei a ouvir o Senhor dizendo mais do que instruções para viver como uma boa cristã.

Ele queria meu afeto, não meu trabalho; desejava minha inclinação voluntária à rendição.

Os céus estavam declarando a glória, a maravilha e a beleza de Deus, e, nessas fases ocultas, eu estava ciente de que o desejo mais profundo de meu coração era vê-lo — em todo lugar.



Dois anos atrás, entrei numa fase em que tinha um novo bebê e um novo livro, ambos precisando de tempo e atenção concentrada. No meio do frenesi de atender a essas necessidades, percebi que estava esperando que a vida de alguma maneira desacelerasse a fim de que eu pudesse me dedicar a Deus. Claro que eu lhe dava meu tempo, mas minha mente e meu coração não estavam totalmente ali. Eu não estava totalmente inteira em sua presença.

Eu tinha uma lista mental de tópicos que discutiria com Deus quando eu finalmente encontrasse tempo para descansar. Não estava ignorando a necessidade de descansar diante de Deus e assentar-me a seus pés. Pelo contrário, estava trabalhando duro para chegar lá. Assim que minha lista de tarefas estivesse completa, isso aconteceria. Estava tratando o momento a sós com Deus como algo que acontecia quando todo o resto já estivesse em dia, não algo que eu pudesse decidir fazer em meio a outros afazeres.

Então, instituí algo que chamei de “hora das maravilhas”. Em meio a cuidar das crescentes necessidades de meus filhos, da publicidade para o livro e das pilhas de roupas lavadas para o inverno – meias extras, casacos e luvas, todas as semanas –, comecei a reservar tempo para maravilhar-me, para contemplar o Senhor.

Escrevi “hora das maravilhas” em minha agenda várias vezes por semana. Esse era um tempo separado de meu devocional matinal, e bem no meio de horas em que eu poderia ser produtiva. E o fiz como uma maneira de obrigar minha agenda a expressar aquilo que meu coração queria dizer: *Jesus, sentar-me a teus pés nunca é perda de tempo*. Durante a hora das maravilhas, eu escolhia confiar a Deus uma parte de minha vida à qual eu me agarrava com unhas e dentes: meu tempo.

Eu fechava a porta do quarto, pendurava uma chave antiga marrom na maçaneta para sinalizar aos pequeninos do lado de fora que eu não queria ser interrompida, e então eu me abria para Deus. Alguns dias, eu lia os Salmos; outros, os evangelhos. Às vezes, lia poemas que elevavam meus olhos para o Senhor ou um livro que me levava a uma compreensão maior de sua mão em minha vida.

Eu declarava com a minha agenda: *O Senhor, Deus, é a melhor coisa que tenho para hoje*. Minha lista de tarefas poderia ser diminuída, mas minha hora das maravilhas era uma forma concreta de me esconder em Deus, de escolher a maravilha da santidade e não a produtividade. Era uma ação em direção a entregar minha história a Deus pela entrega da minha agenda, dos meus compromissos e de desperdiçar meu tempo com ele.

Continuo incluindo horas das maravilhas em minhas semanas, e continua não sendo fácil. Tenho de lutar por esses momentos. Os dias são cheios. E quando digo lutar, refiro-me à batalha travada dentro de mim. Sempre parece mais fácil fazer as compras da semana do que me sentar em silêncio para conversar com Deus. Contudo, um movimento nessa direção, mesmo minúsculo (dez minutos talvez), cria um caminho para me maravilhar ao longo do

tempo. Conforme a vida se torna cada vez mais cheia de afazeres – mais roupas para lavar, mais momentos em que meus filhos me pedem para deitar-se comigo e conversar, mais ideias na cabeça para colocar no papel, mais amigos em profunda necessidade –, continuo, lentamente, a organizar minha vida para o objetivo que comecei a aprender quando cancelei os planos de chorar sobre a minha Bíblia depois de mais um chá de bebê: olhar para Deus, guardada em um lugar oculto, é o que me traz de volta à vida.



Ainda não totalmente desperta pela manhã, com um ar de irritação materna apenas levemente disfarçado, deixei meus quatro filhos mais velhos no treino de futebol com garrafas d'água, bolas e embalagens com lanchinhos. Pensei que seria agradável dar umas voltas ao redor do campo para clarear as ideias. Assim, coloquei Bo, de 2 anos de idade, no carrinho e saí sem rumo definido, querendo apenas caminhar e acalmar-me. O caos matutino para aprontar todos a tempo havia acabado com meus nervos. Estava difícil gostar de minhas crianças naquele momento; e impossível gostar de mim mesma. Aquilo me lembrava o motivo pelo qual não organizávamos atividades tão cedo pela manhã com frequência.

Em dias assim, preciso simplificar tudo a uma passagem, que faz parte do treino de meus olhos para maravilhar-se: *“Falarei da magnificência gloriosa da tua majestade e das tuas obras maravilhosas. E se falará da força dos teus feitos terríveis; e contarei a tua grandeza”* (Sl 145.5-6)

Acelerei o ritmo e empurrei o carrinho com mais força do que o necessário, mas precisava daquilo para me livrar das frustrações da manhã. Recitei aqueles versículos mentalmente uma dúzia de vezes enquanto relembrava os últimos 45 minutos de tentativas de sair com todos. Era a criança chateada porque a garrafinha dela tinha menos gelo do que ela queria. Era a caneleira perdida. Era o bebê chorando e a cadeirinha suja de comida da semana passada que eu havia me esquecido de limpar.

Então, esta frase interrompeu meu desabafo: “*Contarei tua grandeza*”.

Não havia sido uma manhã excelente. Eles estavam mal-humorados. Eu estava irritada. Eles estavam atrasados. Eu estava irredutível. Eles se juntaram a um grupo de crianças brancas como a neve, com famílias que pareciam muito mais intactas, olhando de fora, do que a nossa. Essa manhã tinha a ver com muito mais do que futebol, e quase nada era ótimo aos meus olhos. Mas eu encontraria o Senhor aqui.

*Será que é um bom momento para olhar para trás e relembrar?,* pensei. *Para declarar a grandeza do Deus que derrubou montanhas de obstáculos burocráticos para trazer nossos filhos para casa? O Deus que os trouxe hoje para jogar futebol com a barriga cheia de café da manhã e uma mamãe que lhes pediria perdão assim que o treino acabasse? O Deus que fizera esse bebê no carrinho à minha frente após meu útero ter ficado estéril por 12 anos?*

Um relance de cor no chão atraiu meus olhos, e desviei o carrinho de uma pequenina casca de ovo azul brilhante.

“Olhe, Bo!”, eu disse apontando, “um filhote de passarinho estava dentro daquele ovo!”

“Ovo. Ovo. Ovinho!”, Bo foi repetindo cada vez mais alto. Voltei ao caminho, e minha mente retornou aos Salmos: “*Falarei da magnificência gloriosa da tua majestade e das tuas obras maravilhosas [...] e contarei a tua grandeza*”.

A cada frase daquela passagem, o bater errático de meu coração se ajustava, voltando ao ritmo normal. Eu estava dizendo a verdade à minha alma como uma respiração boca-a-boca. A manhã ainda parecia uma bagunça. Eu estava aliviada que nosso hóspede de longo tempo não houvesse assistido àquilo, e não tinha vontade alguma de contar o ocorrido a Nate depois. Mas eu queria pedir perdão aos meus filhos. Eu havia passado longos anos sem jamais pedir perdão ao meu marido no início de nosso casamento, e o

desejo de arrependimento era forte. Deus estava trabalhando em mim.

Continuando a caminhada, Bo interrompia meus pensamentos vez ou outra com: “Oh!”, apontando maravilhado para uma árvore, depois para um carro e outra vez para a casca de ovo ao passarmos por ela na volta. E agora ela não saía mais de minha cabeça. Essa casca significou mais para mim do que o invólucro descartado de um filhote de passarinho. Aquele pedacinho da ordem criada por Deus levantou uma pergunta que eu vinha fazendo em relação à minha vida, mas não havia colocado em palavras até aquele momento: *O que é grandeza para ti, Deus? O que são tuas obras maravilhosas?*

Eu havia testemunhado a grandeza de Deus na decisão milagrosa de um tribunal em Uganda que dera a duas crianças um lar em nossa família. Meu casamento é uma maravilha – passamos pela ascensão e queda de um negócio e pela ascensão e queda do nosso coração endurecido. Meus filhos, embora me parecessem desordeiros naquela manhã, estavam tendo o coração restaurado. Tudo isso eram obras maravilhosas.

Mas a casca de ovo e o treino de futebol ali perto...  
Maravilhas?

Deus me convidava a reconsiderar as infinitas oportunidades ao meu redor para me maravilhar. Havia oportunidades para reverenciar a Deus até mesmo nos momentos improváveis, e meus olhos precisavam ser treinados para vê-las, assim como meu coração precisava ser treinado para envolver-se nelas. Deus estava disponível, a cada minuto, mas minha carne estava inclinada à independência. Eu não havia sido treinada para vê-lo na casca de ovo ou no treino de futebol.

Pude ver a maravilha de Deus no olhar que Nate me deu do outro lado do balcão da cozinha na noite anterior depois de ouvir-me encorajar uma criança, sabendo que, para mim, seria mais fácil criticá-la. Fiquei admirada com Deus quando minha filha, cuja

história é dolorosa, segurou minha mão na igreja ao cantarmos: “Vejo os céus invadindo este lugar”. Fui convidada a me maravilhar mais tarde no mesmo dia quando fechei a porta do quarto para clamar pela ajuda divina com outra criança (difícil no momento).

Ele foi maravilhoso quando não tive tempo para pedir oração às minhas amigas, mas consegui parar e falar com o Senhor em meio ao caos e senti a paz avassaladora que só pode ser atribuída a Deus.

E via maravilha em meus filhos. Para os demais espectadores daquele jogo, eram apenas jogadores, mas eles mesmos estavam começando a entender que eram filhos quando ninguém estava olhando; ninguém além de mim mesma, de Nate e de Deus.

Sim, a casca de ovo e o treino de futebol são maravilhas. Essas coisas são lindas porque apontam para um Deus Criador que vê e organiza os detalhes gloriosos da vida. Que coloca as mãos em *meus* minutos. Essas coisas têm o poder de me fazer olhar para ele; eu só preciso permitir que isso aconteça. Elas têm o poder de tocar meu coração se eu permitir que me envolva nelas.

Dezenas de minutos todos os dias são perpassados por tais maravilhas, cheios de potencial para atrair nossos olhos a Deus.

Nossos olhos inquietos, com as mesmas oportunidades de fixar-se em coisas que não alimentarão a nossa alma, precisam ser treinados a vê-las. Precisam ser treinados a enxergar a face de Jesus.

*A casa se enche do perfume do bálsamo. Toda a terra se enche de sua glória. Minha alma se enche da consciência de suas maravilhas hoje.*

E logo mais, estou relaxando, sentada diante de Deus nos pequenos momentos do dia, tirando o relógio do pulso e olhando somente para ele.



## **Para continuar estudiando**

Gn 1.26-27 | 1 Rs 19.11-12 | Sl 5.3 | Sl 16.8 | Sl 17.6 | Sl 19.1-4 | Sl  
27.4 | Sl 45.10-11 | Sl 65.1 | Sl 81.10 | Sl 139.1-6;16-18 | Sl 145.5-6  
| Ct 2.14 | Os 6.6 | Mt 6.22 | Lc 22.39-45 | Jo 11.28-37 | 2 Co 3.18 |  
2 Co 4.16-18 | 2 Co 10.12

# SETE

## A EXTRAVAGÂNCIA SECRETA

### Desperdiçando-nos em Deus

*“Por que é este desperdício?” (Mateus 26.8)*

**E**u estivera de terninho e sapatos de salto desde as cinco da madrugada e, depois de uma manhã cheia, estava no aeroporto esperando o voo do começo da tarde de volta para casa – de volta para casa e para o marido, mas não para os filhos. Foi alguns anos depois de minha temporada na loja da North Barracks Road, mas alguns anos antes que o sofrimento da infertilidade tomasse conta de minha alma.

Eu havia recentemente começado a querer *mais*. Queria mais de meu emprego de suporte comercial. Não estava cansada dele e nem mesmo cansada da parte burocrática ou das viagens, mas estava cansada de correr atrás de metas de vendas e de um contracheque. Queria mais do que produtividade e sucesso. Eu queria contato com Deus, significado e qualquer coisa que fizesse diferença, mas fosse mais difícil de mensurar.

Eu havia terminado o dia de trabalho e me sentia cansada, mas meu coração estava faminto, e aquela fome era algo que estava começando a agradar-me. Então orei: *Deus, quero te encontrar aqui neste aeroporto.*

Encontrá-lo exigiria aquietar meu interior o suficiente para ouvir e responder. O tipo de diálogo que eu vinha aprendendo a ter com Deus floresceu quando passei a vê-lo como uma troca: minha

mente por seus pensamentos, meu medo por sua segurança, meus sussurros por suas respostas. A caminho do restaurante e perto do portão de embarque, vi um senhor de idade sendo empurrado em uma cadeira de rodas. Orei para que Deus soprasse vida e vigor em seu corpo frágil. Vi outro homem correndo na velocidade em que minha mente normalmente funcionava, e orei para que seu coração acelerado viesse a conhecer Jesus. Vi uma jovem com os olhos vazios, e orei para que ela tivesse o coração preenchido por aquilo de que mais precisava. Percebi novamente que as pessoas ao meu redor não eram meramente interessantes. Eram criaturas feitas por Deus. Eu queria conversar com ele sobre o que ele havia feito.

*Deus, o que o Senhor vê no homem atrasado para pegar seu voo? E o da cadeira de rodas; como o Senhor vê o coração dentro daquele corpo alquebrado? Ao invés de olhar para as pessoas como faces na multidão, eu pedia para vê-las com seus olhos e respondia com orações de um minuto: Deus, quero te encontrar neste aeroporto.*

Ninguém sabia dessa conversa mental que eu estava tendo com Deus. E eu estava começando a gostar dessas trocas.

No restaurante, peguei o último lugar disponível no bar, que estava cheio de viajantes com bagagens de mão. Ao subir na banquetta e passar os olhos pelo cardápio laminado, notei o homem sentado ao meu lado. Ele parecia alguém com idade para aposentar-se, mas estava vestido como um empresário. Fui atraída para ele da maneira como somos atraídos a alguém totalmente diferente de nós, mas com quem sentimos uma estranha conexão.

*Talvez eu deva compartilhar o evangelho com este homem,* pensei. Fiz meu pedido e abri meu livro, tentando me concentrar na leitura enquanto permanecia alerta para o que me parecia ser um toque de Deus.

Dez minutos depois, quando a garçonete trouxe meu pedido juntamente com o do homem ao meu lado, notei que havíamos

optado pelo mesmo prato. Fiz um comentário desajeitado sobre a comida, procurando uma maneira de começar uma conversa. Mas minha voz, talvez baixa demais pelo nervosismo, perdeu-se em uma rajada de anúncios do sistema de som do aeroporto. Ele não me ouviu. Voltei ao meu livro, resignada a ter entendido errado as deixas de Deus.

O livro que eu estava lendo explorava o conceito de permanecer na videira ilustrado em João 15. O autor usava a noção de enxerto das plantas para ilustrá-lo. Após horas de apresentações aos clientes, com os pés latejantes, minha mente era incapaz de absorver as palavras. Eu lia e relia o mesmo parágrafo, mas não o compreendia. E subitamente veio uma sugestão à minha mente: *peça que o homem ao lado o explique a você.*

*Ai, ai,* pensei.

Por mais que eu quisesse ouvir de Deus, eu sabia que humanos por vezes ouvem errado e pensam que seus devaneios são a voz divina. *O que fazer?* Falar com o homem e me arriscar a passar vergonha e criar uma situação constrangedora? Ou não falar com ele e me arriscar a perder o que poderia ser a resposta de Deus à minha oração para encontrá-lo naquele aeroporto?

*Bem, pelo menos não o verei nunca mais,* pensei. E decidi falar com o homem.

“Com licença”, eu disse, muito mais alto dessa vez, quase gritando para compensar meu nervosismo.

Ele se assustou. “Sim?”, respondeu erguendo as sobrancelhas, como o chefe autoritário de algum recém-formado.

“Você sabe algo sobre enxerto?”, gaguejei.

“O quê?”, ele perguntou.

*Oh não.* Eu teria de repetir tudo. Aquele executivo sequer parecia saber o que a palavra significava.

“Enxerto, senhor. Sabe algo sobre enxerto?” Meu rosto queimava de tão vermelho.

“Engraçado você perguntar isso”, ele comentou.

Vi seus olhos se enchendo de lágrimas. Meu coração começou a acelerar.

“Eu me formei em agricultura na faculdade com especialização em enxertos. Tenho uma empresa de equipamentos agrícolas, mas me afastei do que realmente amava.”

Agora eu tinha certeza de que estava ouvindo o meu coração, e não somente sentia os batimentos.

Ele se ajeitou em sua banquetta, tirou os óculos e esfregou os olhos. E passou a explicar entusiasticamente os detalhes de como os galhos de uma árvore são enxertados em outra como se estivesse me contando uma história empolgante. Mostrei-lhe o parágrafo do livro e lhe fiz algumas perguntas. Ele fez tudo ficar tão claro.

Não tenho certeza se fiquei mais surpresa de que a sugestão de falar com aquele homem tivesse realmente vindo de Deus, ou se foi por Deus ser pessoal o suficiente para me encontrar naquela banquetta do restaurante do aeroporto. Aparentemente, Deus também estava alcançando aquele homem enquanto ele comia seu hambúrguer com batatas fritas. Ele me agradeceu após nossa conversa como se tivesse sido lembrado de seu amor juvenil por plantas e por enxertos, um amor que precisava ser redescoberto.

Doze anos depois, essa conversa continua sendo minha viagem de negócios mais memorável; até hoje. Não me lembro do lugar para onde eu tinha ido nem de quem encontrei. Lembro-me dessa viagem unicamente porque me senti vista e ouvida por Deus.

Deus apareceu quando eu estava de terninho e salto alto, e piscou para mim. Compartilhamos um segredo. Naqueles dias de apresentações a clientes, planilhas e reuniões por telefone, o Senhor estava sussurrando: *Quero me encontrar com você aqui.*

Aquilo que eu antes teria considerado perda de tempo – conversar com Deus em meio a um dia cansativo – tornou-se, ao contrário, alimento para meu coração faminto. Foi um presente de invisibilidade durante uma temporada na qual o meu trabalho consumia toda a minha atenção durante o expediente.

A moeda de Deus é a comunhão – um relacionamento que cresce e se aproxima; um relacionamento que é cultivado quando ninguém está olhando; um relacionamento que não é acessado apenas quando sentimos necessidade de sua ajuda, mas em todos os momentos isolados que pontuam nossos dias cheios de compromissos. Trata-se de uma profundidade de relacionamento que alimenta o recipiente de maneiras que a produtividade e as realizações não podem reproduzir.

Que desperdício. Que lindo desperdício.



“Por que é este desperdício?": uma condenação em forma de pergunta. É uma das frases mais poderosas da história de Maria, dita pelos que a observaram derramar uma fortuna sobre os pés de Jesus. Ela já se acostumara aos olhares de desprezo dos líderes religiosos, mas aqueles eram os amigos de Jesus – a condenação deles talvez fosse mais desconcertante para ela.

Entretanto, Maria já havia passado por aquilo, frustrando os que valorizavam sua produtividade mais do que sua paixão. Ela já havia sido criticada pela irmã, Marta, por desperdiçar tempo aos pés de Jesus, mas Jesus havia elogiado sua escolha. Ela havia descoberto o que realmente importava. E estava transformando isso em um hábito, revelando seu amor e ofendendo os que não eram capazes de lidar com o desperdício. “Por que é este desperdício?”, eles perguntavam. Suas palavras os impediam de expressar um amor que eles provavelmente temiam tanto quanto desejavam. Eles também haviam estado próximos de Jesus. Havia descoberto que existia algo incrivelmente diferente naquele homem, mas estavam aparentemente presos aos antigos padrões

que tratavam aquele tipo de devoção como desperdício. Agora que ela havia demonstrado o que mais valorizava, todos sabiam que ela era diferente. Certamente, tamanha extravagância deveria ser desperdício. Afinal de contas, o que ela teria em troca daquilo?

Desperdício — no conceito deles. Algo precioso — no conceito dele.

*“Onde quer que este evangelho for pregado em todo o mundo, também será referido o que ela fez, para memória sua” (Mt 26.13).* Jesus aplaudiu a escolha de Maria, e nos convida a fazer o mesmo hoje: viver em amor extravagante – até mesmo, e talvez especialmente, em nossa invisibilidade.

A doação escondida e extravagante a Jesus às custas de serviço cristão produtivo para o público será sempre algo ofensivo. Sim, até para os cristãos. Sim; isso pode ser constatado em toda a Palavra de Deus. Leia os versículos abaixo de olho nesse amor extravagante e sem limites que talvez aconteça às custas de produzir algo para o Senhor:

**“Senhor, eu tenho amado a habitação da tua casa e o lugar onde permanece a tua glória.” (SI 26.8)**

Sua casa é rica; é onde Deus está. Fique por ali só um pouquinho mais do que você costuma ficar e, ao longo do tempo, não parecerá mais estranho organizar sua agenda em torno do tempo que você passa ali.

**“Uma coisa pedi ao Senhor, e a buscarei: que possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida.” (SI 27.4)**

Quando formos para o céu, não descobriremos um novo e misterioso anseio por Deus. Treinamos e cultivamos isso aqui. Fomos feitos para isso: desperdiçar tempo em sua companhia. Sentar-se a seus pés não é um tolo desperdício de tempo. É treino de força para o céu.

**“E Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.” (Lc 10.42)**

Jesus disse isso sobre uma mulher que abriu mão de produtividade e se arriscou a ser criticada para sentar-se com ele e aprender dele.

**“Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças.” (Dt 6.5)**

A invisibilidade transforma trabalhadores zelosos em pessoas que amam a Deus. Para continuar amando, devemos resistir à cultura. Para resistir à cultura, precisamos continuar amando. O escritor Henri Nouwen descreve isto da seguinte maneira: “Quando mais me afasto do lugar em que Deus habita, menos sou capaz de ouvir a voz que me chama, e mais me embaraço nas manipulações e jogos de poder do mundo”.<sup>[9]</sup>

Em algum momento, derramar as economias de sua vida nos pés de Jesus tornou-se uma decisão fácil para Maria — render-se ali. Ela não o fez por obrigação ou culpa. Ela o fez por um amor extravagante e arrebatador.

Ela estava *perdidamente* apaixonada.



Uma década e meia após meu verão no acampamento das Adirondacks, a rotina de meus dias de maternidade não mudou tanto assim. Ainda segue um padrão e ainda é repetitiva. Acordar, preparar o café da manhã, arrumar tudo depois do café da manhã, preparar o almoço, arrumar tudo após o almoço, planejar o jantar. Arrumar a mesa para vários corpos esfomeados, tirar a mesa. Voltar ao início. Os mesmos jeans são usados, lavados, dobrados e usados novamente várias vezes por semana.

As fraldas acabam no mesmo dia em que chega o novo lote.

Alguns usariam uma palavra como “encurralada” para descrever uma existência como essa. Confesso que tenho dias de fraqueza em que eu me sinto tentada a fazê-lo também.

Lágrimas de ex-órfãos caem, corações são sutilmente transformados, e o bebê aprende uma palavra nova – tudo nas oito horas que ninguém vê. Mas estes são apenas os poucos minutos entre as longas horas varrendo o chão, apagando luzes, amarrando sapatos e limpando saliva.

*Isso é tudo?* é a pergunta que me vem à cabeça.

Meu dia pode parecer diferente do seu, mas desconfio de que a mesma pergunta o assombre.

Aos 22 anos, antes das crianças, eu estava falando sobre Jesus a alunos de segundo grau – futuros agentes de transformação do mundo. Histórias de vidas transformadas faziam valer a pena as longas horas de verão no salão de jantar e as tardes de trabalho administrativo no ministério durante a semana.

Minha vida tinha propósito, um propósito que eu era capaz de medir a partir de cada vida. Hoje, com seis filhos, eu poderia fazer o mesmo e treinar a mim mesma daquela maneira, descobrindo histórias que fizessem o tédio valer a pena. Aquele momento da tarde quando vejo minha garotinha sentada ao piano compondo uma canção baseada em sua Bíblia me faz pensar: *Há algo além de fraldas sendo mudado aqui. Pelo menos, não estou desperdiçando meu tempo.* Quando vejo quatro deles, com diferentes histórias dolorosas, deitados de costas no trampolim, rindo, gritando e pulando, esqueço quanto tempo levou para preparar o jantar.

Talvez você faça o mesmo. Passamos nossos dias, você e eu, atrás de histórias como esta que façam tudo valer a pena. Estamos constantemente atentos para encontrar novas maneiras de infundir em nossa vida corriqueira um impacto mensurável. Nós nos agarramos a pequeninos sinais de que as nossas atitudes fazem a diferença, deixam uma marca na Terra, seja nas conquistas brilhantes de nossos filhos, na promoção do trabalho ou no ministério que iniciamos. Ser pais parece valer a pena especialmente quando vemos nossos filhos florescerem, e o

negócio ou o ministério parecem merecer nosso esforço quando está crescendo.

Mas e se o verdadeiro objetivo de deixar nossa marca na Terra seja reverberar no céu? E se houver uma possibilidade de impacto – impactar o coração de Deus com a nossa devoção invisível – que exceda em muito esses momentos de tentar fazer a diferença?

As horas corriqueiras podem superar aquele único momento da semana de fazer a diferença, se nelas encontramos a Deus e nos derramamos a seus pés. E se, no meio da rotina, pudéssemos *desperdiçar* e agir como Maria aos pés de Jesus?

Sem a visão do que nos está disponível ao sentar-nos a seus pés no lugar oculto, ficamos inquietos. Essa inquietude é poderosa o suficiente para nos fazer começar novos projetos, fazer trabalho voluntário, montar fundações, mergulhar em novos ministérios. Muitos grupos pequenos são iniciados, blogs são escritos e livros publicados por pessoas que estão ansiosas por sair do esconderijo. Tudo isso pode ser algo belo no tempo de Deus. Mas, fora de hora, apenas perpetuará a inquietude, a ansiedade pela “próxima dose”. Nós nos tornamos caçadores de emoções que perdem a maior emoção. Treinamos a nós mesmos para satisfazer-nos com pouco.

E assim Deus nos sussurra: *Não saia deste lugar oculto e corriqueiro* – não monte a fundação, não busque um novo ministério, não se defenda dos críticos, não comece o próximo blog – *ainda. Encontre-me... aqui.*

Temos cada minuto do dia para sentir a mão de Deus em nossas costas e seu hálito como uma brisa em nossa pele, gentilmente nos despertando. Sua beleza está próxima, desconcertantemente próxima.

Temos cada minuto do dia para nos lançar a seus pés. A fim de alcançar a morada, vê-lo e conhecê-lo, precisamos nos permitir a quietude e as perguntas. Precisamos nos inclinar para perto, e

não para longe, daquilo que pode vir da invisibilidade dolorosa em Deus.

Fomos sequestrados.

O armário, o canto, o lugar onde fomos escondidos da multidão é onde o sussurro de Deus se torna um contato transformador com o amor divino. Todas as salas de espera da vida, os lugares de desperdício nos quais a única pergunta é: “Quando vou conseguir sair daqui?” são os lugares onde Deus gosta de revelar-se a nós.

O desperdício do amor extravagante que derramamos aos pés de Jesus nunca é perdido. Aquele amor nos expande, não nos diminui. Não fomos feitos para dosar nosso amor. Fomos feitos para a extravagância.



### **Para continuar estudando**

Dt 4.29 | Dt 6.5 | Sl 26.8 | Sl 27.4 | Sl 41.12 | Sl 119.130-32 | Pv 8.17 | Jr 9:23-24 | Mt 6.33 | Mt 26.8-9 | Lc 10.39-42 | Jo 12.43 | Gl 1.10 | Ef 3.17-19 | Cl 3.23

# OITO

## AS NECESSIDADES AO NOSSO REDOR

### Mudando o mundo aos pés de Jesus

***“Pois este unguento podia vender-se por grande preço, e dar-se o dinheiro aos pobres.” (Mateus 26.9)***

**A**noite ainda cobre o mundo, mas estou acordando. Aperto a soneca do alarme para mais alguns momentos de repouso, mas minha mente já está acelerando para o dia, arrastando junto as oportunidades perdidas no dia anterior.

Penso em uma mulher que encontramos de vez em quando. Órfã adulta e ainda sem família, ela precisa de mais do que uma conversa ocasional e um sorriso. *Será que eu deveria tê-la convidado para jantar quando a vi ontem?*

Eu havia passado os olhos por uma postagem de um blog sobre o sofrimento dos refugiados sírios: *Deveríamos abrir nossa casa?*

Lembro-me do irmão de um vizinho que está no hospital: *Alguém está organizando refeições para eles. Deveria ter sido eu?*

Eu recebera uma mensagem com a foto de uma criança em um lar temporário: *Temos um quarto sobrando. Deveríamos adotar outro filho?*

As necessidades são infinitas. E isso antes do café da manhã. Tudo acontecendo antes mesmo de eu ter saído da cama.

Tenho tempo e recursos, e o mundo tem necessidades. Não seria esta uma equação com uma única resposta correta: eu?



Meus recursos estão à disposição de Deus. Ele pode às vezes me pedir para assumir riscos a fim de atender àquelas necessidades e fazer mais do que penso ser capaz. Mas erro ao pensar nos recursos, seja tempo, dinheiro ou unguento de nardo, como meros meios de troca — como se atender a necessidades fosse a única coisa, ou a coisa mais importante, que Deus quer de mim. Se suprir necessidades for meu foco primário, deixarei de lado um passo fundamental: a amizade com o Rei. Antes de atender a uma necessidade, preciso ouvir Deus sussurrando sobre a questão. *“Já vos não chamarei servos”, disse Jesus a seus seguidores, “porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho feito conhecer”* (Jo 15.15).

Amigos conversam. Amigos compartilham, abrem o coração e participam das histórias uns dos outros. Carregam o peso uns dos outros. E às vezes simplesmente estão presentes.

Presumimos com frequência, entretanto, que Deus de alguma forma anseia por uma única coisa: nosso esforço nota DEZ para *finalmente* consertar este mundo errado; como se ele estivesse ansiosamente esperando que alguém dentre nós respondesse e se saísse bem. Damos, e ele nos devolve. Erramos, e ele retém seu amor.

Calculamos nosso valor com base em nossa capacidade de atender às necessidades à nossa volta. E quando somos honestos sobre as partes mais escuras do nosso coração, temos de admitir que nossas ações em prol de outros podem às vezes ser tentativas

de sentir-nos bem em relação a tudo o que somos capazes de fazer para Deus.

Porém, para um amigo, tempo é um investimento do coração, não apenas das mãos.

Amigos passam tempo juntos.

Todos os dias, sou inundada por oportunidades de mudar o mundo ao atender às necessidades que se apresentam ao meu redor. Qualquer servo pode suprir uma necessidade, mas e os filhos? Filhos amados fazem tarefas em troca de casa e comida, ou em troca de amor? Como os pais reagiriam se os filhos de bom grado limpassem a casa e cortassem a grama, mas se recusassem a passar tempo e conversar com eles, as pessoas que os amaram e cuidaram deles por toda a vida? Sabemos que não é assim que as coisas deveriam funcionar em uma família saudável, mas tratamos o Senhor dessa maneira frequente e subconscientemente. Damos a ele o que pensamos ser nossa obediência ao mesmo tempo em que resistimos a uma entrega interior mais profunda.

Sou constantemente sobrecarregada pelas necessidades do mundo, mas minha necessidade mais importante é de interromper esse ciclo de reações reflexas aos clamores do mundo a fim de poder cultivar minha amizade com Deus. É ali que aprendo que os amigos de Deus realmente mudam o mundo. É ali que adquiro a profundidade de amizade que me ensina a atender corretamente às necessidades do mundo.

Quando permito que a amizade com Deus se torne minha prioridade – conversando com ele, ouvindo dele, permitindo que sua Palavra dê formato à minha maneira de pensar –, eu me alinho com uma agenda que ajuda a atender às necessidades de outros. Entretanto, ao invés de ser impulsionada por minha limitada análise de custo-benefício, passo a ter acesso à sabedoria do maior rei da terra e dos céus. Ao me aproximar dele, meus sentidos despertam. Deixo de ser um trabalhador eficiente e produtivo para passar a ser um amigo que pode tocar, ver e interagir com Deus. Passo a amar

as coisas e as pessoas que ele ama – com minhas ações, meu tempo e minha presença.

Apaixonados sempre trabalharão mais do que trabalhadores.

Assim como Maria com seu unguento fragrante, quero me consumir por Jesus. Quero mover seu coração com um derramar extravagante. O mundo muda a partir de interações como esta. Ao invés de correr freneticamente para atender à última necessidade, aos poucos tento moldar a minha vida para derramar-me aos pés do Senhor – para lhe dar o melhor de meu amor, talvez em cem pequenos relances por dia. É por meio dessa conexão que ouço o coração divino bater pelas carências ao meu redor e entendo sua perspectiva sobre meu papel. Quando carrego seu coração, aprendo como e quando responder ao clamor das outras pessoas.

Estamos treinando para uma vida de amizade com Deus, uma eternidade. Mas treinamento e amizade parecem ser conceitos antagônicos. Treinamos para corridas, para aprender piano e para conquistar novas habilidades profissionais. Fazemos aulas sobre paternidade e aulas de informática. Mas amizade? Isso não é algo que deveria simplesmente *acontecer*?

Não exatamente.

Quando seres interativos que vivem num mundo focado em produtividade encontram um Deus relacional, *precisamos* treinar como estabelecer uma amizade com ele. Precisamos aprender a fazer uma remodelagem. Gastar tempo com o Senhor em oculto nos orienta para esse processo.



Atender às necessidades do mundo a partir do alicerce de nossa amizade com Deus requer prática. Não é algo natural para nós, mas é possível. Aqui estão algumas ideias sobre como desenvolver algo que não parece natural: a amizade com Deus.

## ***Olhe para Deus primeiro — todos os dias.***

Para mim, o treino começa pela manhã enquanto ainda estou na cama, antes mesmo que os primeiros raios de luz batam na janela, antes que eu seja sujeita à vulnerabilidade que acompanha um novo dia. Estou mais sensível nesses momentos de transição pela manhã logo que acordo de seis ou sete horas de sono e sonhos. Desimpedidos e soltos, meus pensamentos são imediatamente populados por vozes que não vêm de Deus clamando por atenção — desde as caraminholas inseguras de meu coração até uma repetição da conversa do dia anterior sobre as necessidades que estão bem à minha frente. Ou outras vezes minha mente se fixa no quanto vou precisar de um *chai latte* (chá picante) para conseguir funcionar.

Mas aprendi que as manhãs são os momentos em que Deus me segura, em que me pega no colo. Amo estas palavras do salmista: “*Pela manhã ouvirás a minha voz, ó Senhor; pela manhã apresentarei a ti a minha oração, e vigiarei*” (Sl 5.3).

É pela manhã que frequentemente fico mais suscetível aos pensamentos que passam por minha cabeça. Eu poderia acordar na defensiva, mas Deus ama receber-me quando estou mais vulnerável.

Durante quase um ano, acordei todas as manhãs com o hino “Preciso de ti a cada segundo” tocando em minha cabeça e levando-me a despertar. Era como se Deus estivesse me relembrando que eu *era* assim carente. Eu havia disfarçado minhas fraquezas por tanto tempo que parecia libertador finalmente admitir — logo pela manhã, quase como um pronunciamento sobre meu dia — o quanto eu precisava de Deus.

Agora, quer eu acorde, quer não com o hino soando em meus ouvidos, minhas primeiras palavras em quase toda manhã são: “Deus, preciso de ti”. No momento mais sensível e vulnerável de meu dia, eu me posiciono como alguém carente e atento. Decido

ouvi-lo, olhar para ele, ao invés de correr atrás da miríade de outras coisas que exige a minha atenção.

Trata-se de um reconhecimento suave, mas intencional de amizade com Deus. Em vez de me contentar com um relacionamento transacional, eu o vejo entrando nos minutos quietos e pequenos de meu dia; os momentos quase imperceptíveis. E quero que ele esteja ali – não apenas porque preciso de ajuda, mas porque gosto de sua presença.

Se eu passo muito tempo durante o dia – minutos demais lendo meus e-mails ou andando pela casa perdida em pensamentos, ou presa à ira de uma discussãozinha com Nate ou as crianças – sem ancorar minhas percepções e perspectivas nas verdades bíblicas, o dia me denuncia, e eu me denuncio. Fico ansiosa, o clamor das necessidades ao redor fala mais alto do que a voz divina, e a paz circunstancial passa a ser meu objetivo. Então, em vez disso, aprendo a ser criança com meu bebê.

Meu bebê, Bo, quentinho em seu pijaminha ao acordar, não consegue correr pela casa com a confiança habitual até que eu o pegue no colo, leia algumas histórias e passe os dedos por seus cabelos bagunçados. Também sou assim com meu Pai celestial. Preciso que ele me pegue para poder ser fraca e sentir-me segura nos braços de alguém que me ama independentemente do que o dia trazer. Preciso de colo. Acordo vulnerável, e quero entregar esta vulnerabilidade a Deus.

Dou a ele o meu melhor amor; em primeiro lugar.

E minhas raízes se aprofundam.

***Permita-se começar pelo ponto onde você se encontra e começar pequeno.***

Em um ano quando eu estava no ministério em tempo integral, nossa equipe separou um dia inteiro de janeiro para oração. Entramos nos carros, dirigimos algumas horas até um local de retiro

e passamos o dia jejuando e orando pela vida dos estudantes e de suas famílias.

Nós nos espalhamos pela enorme sala de reuniões, separando um espaço pessoal para pedir a Deus que se movesse por meio das pessoas que ele havia colocado em nossa vida e em nossos ministérios. De hora em hora, o motivo de oração mudava. Nós nos ajoelhávamos. Ficávamos em pé com os braços erguidos. Nós nos reuníamos em pequenos grupos e dávamos voltas no prédio, soprando nas mãos para mantê-las aquecidas. Com o coração e o corpo, incluindo o estômago vazio, queríamos dizer a Deus: *Buscamos a ti em primeiro lugar por esse ministério.*

Foi um dia intenso e memorável, mas talvez não como deveria ter sido para mim. Lembro-me principalmente de minha apatia e agitação.

Estava inquieta, olhando o tempo todo para o relógio. Meu corpo não estava habituado a jejuar, e minha mente não estava acostumada a orar nem sequer por uma hora, quanto mais durante o dia todo. Eu me sentia um atleta de escola participando das Olimpíadas.

Sabia que a oração é a verdadeira obra de Deus, mas não era capaz de participar. Não me encaixava ali. Estava entediada, Deus parecia distante, e meu estômago roncava.

*Acho que minha aptidão é envolver-me com ações práticas para Deus mesmo, não apenas conversar com ele,* decidi ao olhar para meus colegas ali em volta, que pareciam estar sem fome e absortos na oração.

Durante anos depois daquele dia, sempre que surgia o assunto de um período de oração mais extenso, eu me dizia: *Alguns conseguem orar muito; outros não. Faço parte do segundo grupo.* Minha mente voltava àquele dia de tédio, indiferença e desconcentração.

Uma década depois, eu estava colocando Lily na cama e dando-lhe um beijo com uma oração silenciosa: *Deus, cura esse coraçõzinho ferido*. Eu tinha quatro filhos, e passar um dia, ou mesmo uma hora, em oração não estava em meus planos para a próxima semana ou o próximo ano. No dia seguinte, eu lavaria mais roupas e louças e encararia um dia exatamente igual àquele – os mesmos problemas de ser uma mãe exausta com mais necessidades do que era capaz de cuidar.

Porém, àquela altura da minha vida, minhas orações de um minuto estavam multiplicando-se, sutil e consistentemente me envolvendo em conversas mais longas com Deus, conversas que já iam além de meu devocional matutino, invadindo as partes do meu dia nas quais eu estava mais inclinada a produzir do que a ter comunhão.

Relembrei aquele janeiro distante de oração estendida, e comecei a entender melhor por que eu não era capaz de gastar o tempo concentrada em Deus, algo que parecia fácil para os demais naquele lugar. Um dia todo de conversa com Deus – em uma época na qual a minha mente estava voltada para o impacto, e Deus era meu técnico e não alguém com quem eu queria gastar tempo – era algo intangível demais para o meu coração imaturo. Eu não estava no ponto ainda. Só tinha olhos para o impacto do ministério e me relacionava com Deus como se ele fosse alguém que poderia me fazer chegar lá, não como alguém em cuja companhia eu queria passar o tempo. Ele me era pouco familiar; apenas um conhecido.

Contudo, em algum ponto entre aquele dia de janeiro e a noite de minha oração sussurrada por Lily, eu havia começado a enxergar o Senhor como um amigo. Lenta e imperceptivelmente, eu deixara de vê-lo como o técnico que sempre me estimulava a esforçar-me mais, e passara a vê-lo como um Pai amoroso que queria dividir seu coração comigo. Em consequência, minhas conversas com ele foram deixando de ser os pedidos diários de ajuda com as tarefas e tornando-se orações sussurradas ao longo do dia todo; uma

corrente de pequenas orações. É assim, afinal, que se conversa com os amigos: frequente e abertamente.

E assim aquelas pequenas orações foram tornando-se mais intencionais. Eu orava frases das Escrituras subindo e descendo as escadas, picando cebolas, buscando a correspondência. Eu me permitia fazer pequenos pedidos, e grandes também, lembrando-me de que Deus se importava tanto com os momentos ordinários quanto com os significativos.

*Fortalece meu interior*, eu orava Efésios 3.16 nas ocasiões em que o medo e a ansiedade anuviavam meus pensamentos.

*Abre tu os meus olhos, para que veja as maravilhas da tua lei*, orava Salmos 119.18 sempre que a Palavra de Deus começava a parecer um livro de escola ao invés da carta de amor que eu lera tantas vezes. Eu queria um novo começo no dia seguinte.

*Cria em mim, ó Deus, um coração puro*, eu orava Salmos 51.10 quando estava irritada com as minhas crianças e mal-humorada com a vida.

Em outros dias era: *Deus, por favor muda o coração dela*, sobre a atitude de uma das minhas filhas. Ou: *Fortalece as partes fracas do Nate*, em vez de reclamar dele para mim mesma. Ou: *Ajuda-a a dormir, Deus*, ao fechar a porta do quarto depois de colocar Eden na cama.

Eu estava trocando pensamentos de ansiedade – imaginando o que um amigo pensava sobre mim, temendo o resultado do comportamento de meus filhos, preocupada com a conta atrasada – por pequeninas orações da Palavra. (Deus estava começando a permear as minúcias de meu dia.) Eu começava aquelas conversas como poderia começar a falar com um novo amigo. *Aí está um pouquinho sobre mim. Agora me conta um pouco a teu respeito.*

Ao passo que a minha vida de oração antes costumava girar em torno de clamar a Deus pelas grandes coisas – salvação para

um adolescente, dinheiro para uma adoção, mais impacto para um ministério –, agora eu olhava para as pequenas coisas. *Deus, estou cansada. Será que o Senhor poderia vir e me revigorar em minha exaustão? Ou: Estou me sentindo sobrecarregada pela lista de hoje. O Senhor me traria paz neste momento?*

Pequenas orações falam mais sobre Deus do que sobre nós. Elas reconhecem que ele é grande o suficiente para receber e responder um pedido pequeno. Ele começa de onde estamos, e às vezes precisamos começar pequenos — de pijama talvez, como crianças. E ainda assim, Deus parece responder com mais do que sabemos pedir. Por meio de minhas pequenas orações, comecei a notar um crescimento sutil, uma nova fome de Deus. Minhas oraçõezinhas estavam abrindo espaço em meu espírito para ouvir a voz de Deus e criando expectativas de uma interação agradável ao invés de um monólogo.

Quando as necessidades do mundo clamassem alto demais, eu poderia ver essas novas conversas com Deus, minuto a minuto, como perda de tempo. Ou poderia encará-las como conversas com um Amigo capaz de fazer abundante e excessivamente mais do que eu poderia pedir ou imaginar – por mim e por meu intermédio — ao experimentarmos juntos a vida.

### ***Siga o exemplo de Jesus permanecendo ligado a Deus***

Jesus conversava com Deus.

Aquele que *era* a imagem de Deus – feito de Deus, carregando o todo de Deus, vestindo a expressão mais completa de Deus em carne – conversava com Deus.

E o fazia frequentemente.

**“E, levantando-se de manhã, muito cedo, fazendo ainda escuro, saiu, e foi para um lugar deserto, e ali orava” (Mc 1.35).**

**“Ele, porém, retirava-se para os desertos, e ali orava” (Lc 5.16).**

**“O qual, nos dias da sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que o podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia” (Hb 5.7).**

É comum tratarmos a oração como uma questão de disciplina. Ainda que a disciplina seja um ponto de partida para conversar com Deus e uma ferramenta para aqueles que necessitam de estrutura, ela não era a base da comunicação de Jesus com Deus.

Para Jesus, as conversas com Deus aconteciam por desejo, não por disciplina. Ele se mantinha próximo de Deus; ligado a Deus.

Eles já eram um – Deus e Jesus – unidos no Espírito, e, mesmo assim, Jesus amava estar com o Pai, que também o amava. Jesus nos convida a partilhar essa unidade com o Altíssimo. Ele assim orou por nós: *“E não rogo somente por estes, mas também por aqueles que pela tua palavra hão de crer em mim; para que todos sejam um, como tu, ó Pai, o és em mim, e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”* (Jo 17.20-21).

Jesus orou para que nossa unidade com Deus fosse como a dele, não fruto do dever, mas do desejo; da amizade.

Recebemos um pequeno toque de Deus – o princípio de uma ideia, um sonho que pode impactar o mundo à nossa volta, um empurrãozinho capaz de mudar circunstâncias – e corremos atrás desse toque sem olhar para sua fonte. cremos que a obra de Deus, em nós e por nosso intermédio, visando a atender às necessidades do mundo é a maior demonstração do Senhor em nossa vida. Embora ela seja significativa e com frequência muito relevante, podemos fazer a obra com tamanha fúria a ponto de perder as dezenas de oportunidades de conversar com Deus em amizade ao longo do percurso, de aquietar-nos para ouvir os sussurros divinos enquanto trabalhamos.

Sentimos o mesmo desconforto que a história de Maria causou nos que estavam presentes naquela noite. O desconforto se transforma em julgamento e então em desprezo – até olharmos para as partes ocultas de nossa vida e reconhecermos: *Sinto-me melhor quando sou produtiva e melhor ainda quando sou reconhecida pelo que fiz.*

Deus, no entanto, continua a atrair-nos de volta para a amizade com ele e para novos níveis de compreensão dos motivos por trás de nossos esforços.

Jesus, cuja tarefa era salvar o mundo todo, separava tempo para estar com Deus. Ele se afastava regularmente das multidões carentes – formada por corpos não curados, por pele leprosa e famílias destruídas – a fim de comunicar-se com o Pai, seu Amigo. E o Pai não somente precisava do Filho, mas o amava. Jesus disse: *“Como o Pai me amou, também eu vos amei a vós; permaneci no meu amor”* (Jo 15.9).

É para esse tipo de relacionamento, a troca de amor, que somos convidados.

Esse tipo de relacionamento (que nos convida para assentar-nos lado a lado para conversar) não é apenas uma rápida injeção de afeição que nos é dada para podermos fazer o que Deus quer de nós. É um amor capaz de penetrar nosso âmago e de nos transformar ao olharmos para Deus e recebermos o que ele oferece com as mãos estendidas. Por meio dessa comunhão, veremos nossas famílias, nosso bairro e o nosso mundo com novos olhos enquanto ele nos concede mais de si.

### ***Fale a Palavra de Deus — em voz alta.***

Eu nunca tinha visto Nate orar a Palavra de Deus em voz alta assim até chegarmos a Uganda.

Havíamos ido por impulso, um forte empurrão do Senhor, e gastado o dinheiro que ainda não tínhamos, tudo em um esforço

de adotar duas crianças que o sistema legal do país talvez nem nos entregasse. Ficamos ali por quase seis semanas, mas estávamos preparados para permanecer por meses sem ter certeza de quando voltaríamos.

Aqueles foram os dias mais loucos da nossa vida de casados. Nate estava inflamado por uma santa determinação, e eu estava com medo. Em um relance, a coisa toda parecia não passar de uma cruzada tola para salvar crianças que ainda não nos conheciam e que poderiam ter ainda mais sequelas se o processo de adoção desse errado, destruindo suas esperanças. Nosso futuro estava nas mãos de um juiz desconhecido e de um sistema bastante inflexível.

Encontramos nosso advogado na recepção da pousada onde estávamos hospedados. Ele foi agradável, porém sincero. A situação não era muito favorável a nós. Ele nos advertira a não ir, mas acabamos correspondendo a suas expectativas em relação aos americanos irracionais, mas determinados, que achavam que alguns dólares e boas intenções forçariam as circunstâncias a seu favor. Mas ali estávamos. Havia forte probabilidade de voltarmos logo aos Estados Unidos milhares de dólares mais pobres e sem as crianças que desejávamos que se tornassem nossos filhos.

Então, eu ficava deitada sem sono sob o mosquiteiro (que parecia servir para prender os insetos do lado de dentro ao invés do lado de fora) pensando obsessivamente nas possibilidades enquanto Nate roncava ao meu lado. Contudo, ele orava pela manhã. Com a Bíblia na mão, ele caminhava ao redor da pousada, falando em voz alta a Palavra de Deus. Eu já ouvira Nate ensinar a Palavra e o vira passar muitas manhãs com seu exemplar gasto da Bíblia no colo e uma xícara de café nas mãos. Mas não o ouvira orar daquela maneira: em voz alta, como se estivesse pregando para si mesmo.

E lá ia ele: passava em frente ao cão de guarda inquieto, sob os varais com roupas secando nos fundos e por trás da guarita. Volta após volta, manhã após manhã, por quase seis semanas.

Descobrimos que o gabinete do juiz fechava mais cedo naquela temporada.

Nate andava e orava a Palavra de Deus.

Faltavam mais dois documentos em nosso processo.

Nate rodeava a casa com a Bíblia na mão, a boca aberta, pregando a Palavra para si próprio.

O veredito sobre nosso caso não havia saído no dia previsto.

Lá ia ele ao redor da pousada.

**“As palavras que eu vos digo são espírito e vida” (Jo 6.63)**

Antes de irmos para Uganda, Nate e eu havíamos tratado certas partes da Palavra de Deus como meros clichês e regras para viver bem. Elas haviam sido diretrizes morais – até estarmos desesperados para que fossem muito mais.

Quando Nate começou a proclamar a Palavra, nosso relacionamento com as Escrituras mudou e aprofundou-se. As palavras e passagens bíblicas não eram mais ordens ou códigos de conduta enviados por um Deus distante e intangível. Eram a Verdade viva, a Verdade amorosa, a Verdade, e destacávamos cada pedacinho dela enquanto Nate as proferia em voz alta ao redor da pousada e para dentro do seu coração.

Enquanto eu o observava da janela, comecei a dizer baixinho as mesmas palavras que Nate dizia como estímulos para a minha própria conversa com Deus. E a cada dia que passava, eu notava uma mudança sutil. Não estava mais simplesmente ouvindo as palavras; eu as estava metabolizando. Eram alimento vivificador, nutrição para as minhas raízes no amor de Deus.

A Palavra de Deus ganha outro formato quando não apenas a lemos, mas a *ouvimos* de nossa própria boca. *“De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus.”* A Mensagem coloca da seguinte forma: *“A questão é: antes de confiar, vocês precisam*

*ouvir. Mas a não ser que a Palavra de Cristo seja pregada, não há nada para ouvir”.*

Noite após noite, eu me deitava na cama, coberta pela noite úmida da África, perdida em meus pensamentos, medos e expectativas do que poderia acontecer com base no que nosso advogado dizia. Todos os dias, ouvíamos especulações desfavoráveis dos funcionários do gabinete do juiz. Líamos histórias e postagens desanimadoras de outros que haviam estado na mesma situação. Porém, quando Nate lia a Bíblia em voz alta, nós nos baseávamos em algo completamente diferente. Em seu livro *Orando com os Salmos*, Dietrich Bonhoeffer escreveu: “A riqueza da Palavra de Deus deveria determinar nossa oração, não a pobreza de nosso coração”.<sup>[10]</sup>

Nate e eu aprendemos a verdade profunda de que “*a palavra de Deus é viva e eficaz*” (Hb 4.12). É poderosa o suficiente para mudar um coração, para alterar uma situação, para modelar pensamentos e percepções. Há somente uma Verdade, uma fonte de informação que nos permite realmente ver além das limitações – e às vezes das mentiras – de nossas circunstâncias. E podemos substituir essas limitações e mentiras pela verdade proferida em voz alta.

Um minuto de cada vez.

Há dias em que caminho ao redor de nossa casa bem cedinho e recito os Salmos para meu próprio coração, da mesma maneira como Nate fazia tantos anos atrás. Do lado de dentro, adormecidos, estão os dois pequeninos que trouxemos para casa daquela viagem repleta de oração. Elevo esses coraçõezinhos feridos com palavras de verdade vez após vez.

Em família, também cantamos a Palavra de Deus às vezes. Embora nem todos sejam bons cantores, há algo importante em colocar melodia num trecho das Escrituras que faz com que aquelas palavras penetrem mais fundo. Quase todas as canções *pop* que fizeram sucesso em minha adolescência ficaram gravadas

em minha memória. Estou fazendo compras e me pego cantando com o som ambiente músicas nas quais não pensava por umas duas décadas. A música é capaz de esgueirar-se por nosso pensamento racional e penetrar no nosso sistema operacional. É por isso que cantamos a Palavra de Deus mesmo desafinadamente. Quero não apenas me lembrar dessas verdades daqui a 20 anos, mas também desejo que se tornem parte de mim. Quero que moldem meu pensamento.

Você também pode fazer isso. Escolha uma frase da Palavra de Deus. Diga-a em voz alta no chuveiro ou quando tira o carro da garagem para ir trabalhar. Aquiete o barulho do trânsito ao seu redor com o som de sua voz proferindo a Palavra do Senhor, ou algo fácil de lembrar, e observe o que acontece com o seu coração conforme a verdade divina começa a falar mais alto do que o restante do ruído do dia a dia. “Deixados a nós mesmos”, escreveu o pastor Eugene Peterson, “oramos a algum deus que afirma o que queremos ouvir ou à alguma parte de Deus que somos capazes de compreender. Mas é essencial que falemos com o Deus que fala conosco”.<sup>[11]</sup>

O crescimento em Deus – buscá-lo e enraizar-nos nele – não é algo passivo. Temos a verdade de Deus, e podemos *usá-la*. Podemos colocá-la em nossos lábios e dizê-la, cantá-la e declará-la, porque é a verdade.

### ***Adore a Deus.***

Quando nos ajeitamos meio de lado na grande poltrona de couro, aquela que já estava rachada e desbotada quando a adquirimos, nós dois conseguimos caber. O corpinho de Caleb, usando o pijama do ano anterior, espreme-se contra o meu quando nos sentamos ao redor do fogo antes que as crianças vão para a cama, e fico pensando o que será que pode sair da boca daquele menininho.

Ele ainda é um mistério para mim. Estava aprendendo a andar quando o adotamos, e por isso não se lembra de sua vida antes de tornar-se um Hagerty. Ele sorri e mexe no colarinho como Nate, e passa horas pendurando brinquedos do guarda-corpo do andar de cima com barbante. Ele é engraçado e barulhento, a essência de um garoto, mas há dias em que seus olhos se enchem de nuvens. Elas ameaçam sua leveza de garotinho. Ele tem uma história que um dia servirá de alimento para suas conversas com Deus, mas, no momento, ele ainda não está pronto e nem sequer é capaz de conversar.

Acho que o meu filho também é um mistério para si próprio.

Aquelas nuvens de perda e dor aparecem alguns dias, e ele é incapaz de expressar por palavras os sentimentos intensos que elas trazem à tona; então, ele reclama. Algo dói. É aquela dor surda outra vez. Porém, como uma criancinha lida com o tipo de perda que enfrentou antes sequer de saber andar?

Cada um de meus filhos processa seu sofrimento de maneira diferente. Uma sobe no meu colo, quase toda semana, e diz: “Estou tendo um dia tão, tão difícil”. Ela faz a conexão com seu passado, uma época em que eu nem sequer fazia parte de sua vida. Sua dor é tangível para ela. Outra chora em segredo enquanto passo meses me preparando para entrar na pequena parte de seu coração que ela me permitirá explorar quando estiver pronta para conversar.

Mas Caleb sobe em árvores, procura falcões e traz ratos de estimação para casa; um dia, descobrirá que a bravura faz parte de um coração desnudo. Até lá, espero com ele. E adoramos juntos. Pegamos uma frase da palavra de Deus que fale a respeito de quem é o Senhor e a repetimos a ele e à nossa própria alma.

Certa noite, com Caleb sentado a meu lado na velha poltrona, estávamos adorando a Deus com base em Lucas 2, a parte em que as hostes celestiais de anjos anunciaram seu nascimento aos pastores.

“Deus, você não reservou seus segredos para os ricos ou para os reis”, disse Caleb. “Você os contou às pessoas com quem ninguém se importava.”

Ele ainda não cresceu o suficiente para verbalizar seu sofrimento, para perguntar a Deus o motivo de sua história ter acontecido como aconteceu. Mas é capaz de se enxergar na história bíblica de outros que viveram uma existência aparentemente insignificante, mas foram notados por Deus. Pela adoração, Caleb está experimentando uma linguagem que descreve o amor e os olhos de Deus em relação aos que passam despercebidos. Suas palavras de adoração estão guiando seu coração, construindo uma maneira para que ele processe aquilo que sentirá e experimentará no futuro. Tal é o poder insano e transformador da adoração. Usamos nossas palavras para adorar a Deus e, nesse processo, nós descobrimos que estamos sendo curados de falsas percepções a seu respeito.

Caleb e eu estamos ensinando a nossa alma a olhar para Deus maravilhada, a lhe dar o louvor que ele merece e ama mesmo quando não sentimos nada. Esta, talvez, seja uma das partes mais críticas da adoração: *mesmo quando não sentimos nada*.

Na adoração, escolhemos um trecho da Palavra, vemos o que ele diz sobre Deus e o repetimos para o Senhor e para a nossa própria alma. Moldamos as nossas palavras para a adoração em meio ao que quer que estejamos sentindo.

Nossas emoções revelam bastante sobre como enxergamos Deus, mas, se estiverem desgovernadas, estas emoções poderão tornar-se uma barreira à adoração. Quando escolhemos praticar a adoração sem embargo do que sentimos, nossas palavras nos elevam e nos fazem superar essa barreira em direção a uma conexão mais profunda com Deus. É por isso que começamos a adorar onde quer que estejamos – sem clichês ou “idioma de crente” para suavizar a realidade. Partimos das circunstâncias da vida, mal-humorados, sobrecarregados, cansados ou com raiva.

Adoração significa: *Sim, meu coração não está muito disposto a adorar, mas não tem problema. Vou começar assim mesmo.*

Adoração é uma forma de lembrar a nossa alma de quem Deus é conforme a sua palavra. Tiramos os olhos do que não somos e das circunstâncias imperfeitas e formamos palavras ao redor da beleza e da verdade do Senhor. A adoração irriga nossa amizade com Deus. Ele ama quando o louvamos com os lábios e treinamos o coração para contemplá-lo ao invés de olhar para o que não somos quando adoramos.

***Reconheça a verdade sobre você mesmo à luz de quem Deus é.***

Uma correção gentil e corriqueira havia colocado minha pré-adolescente em uma espiral descendente de vergonha, em direção a uma parte escura de seu coração que questionava seu valor aos olhos de Deus. E não foi a primeira vez. Ex-órfãos demonstram aquilo que os outros são bons em esconder. Ela é jovem demais para ter aprendido a ocultar a vergonha, e Nate e eu não queremos que ela aprenda. Queremos que a vergonha apareça e saia, exposta perante Deus e pronta a ser gentilmente tratada pelas mãos divinas.

Então, naquela noite em que ela estava outra vez cheia de vergonha, permiti que ela não fosse dormir com as outras crianças. Pegamos nossos cadernos, canetinhas coloridas e as Escrituras. A porta de entrada dela é a arte.

Abri a Bíblia nos Salmos, em um versículo que me sustenta e equilibra quando estou mais sensível e envergonhada: *“Livrou-me, porque tinha prazer em mim”* (Sl 18.19)

Ela começou a escrevê-lo, letra por letra, e eu orava, percebendo, enquanto isso, como parecia impossível que uma garotinha de 11 anos, com aquela história, fosse capaz de entender o prazer de Deus. Todos nós preferiríamos ser

trabalhadores e realizadores ao invés de ser simplesmente pessoas que amam a Deus. Trabalhar parecia mais simples e fácil, algo a nosso alcance, para a antiga órfã e eu.

À medida em que ela desenhava cuidadosamente as letras com sua caneta, percebi que sua mente divagava, e comecei a dizer em voz alta todas as coisas que eu amava nela, coisas que tenho certeza de que Deus também ama.

“Você sabia que ele ama quando você dança na cozinha pensando que ninguém está vendo? Ele amou a pintura das montanhas que você fez pro papai. Ele ama quando você canta no chuveiro.”

Ela continuava desenhando, mas agora estava prestando atenção. Passei para o verbo “gostar”, mais parecido com “deleitar-se”, mas mais difícil de ser entendido por um coração voltado a realizações.

“Ele gosta quando você joga basquete usando galochas. E naquele dia em que você tentou andar de bicicleta na neve, ele realmente se alegrou.”

Ela sorriu, quem sabe começando a gostar daquelas partes de si própria, já que Deus gostava delas.

“Ele gosta quando você lê na cama debaixo das cobertas, tarde da noite. Ele gosta das suas gavetas bem arrumadas. Ele a criou com este gosto pela ordem.”

“Mamãe”, ela disse olhando para mim, “será que sou a única pessoa do mundo que acha difícil acreditar que Deus gosta de mim?”

“Não”, respondi. Ela tocara no anseio mais profundo do coração humano, o coração capaz de pregar o amor de Deus em um minuto e torturar-se a respeito de um erro insignificante no minuto seguinte. Todos lutamos para crer que Deus se deleita em nós. Seria esta uma das maiores barreiras à nossa comunhão com

Deus: crer que aquele que nos fez não gosta tanto de nós, mas, ao contrário, mal nos tolera?

Não leio a passagem de Salmo 18.19 e passo a crer na hora que Deus se alegra em mim. Mas quando declaro esse versículo a ele – como minha garotinha e eu fizemos naquela noite enquanto ela desenhava e eu orava –, algo dentro de mim é transformado e se move um pouco mais para perto de crer.

Grande parte da distância entre nós e Deus poderia ser diminuída se deixássemos sua palavra nos informar quem ele é e quem somos nele. Quando enxergamos Deus mais claramente, nós nos vemos mais claramente.

Minha menininha está aprendendo a deleitar-se naquilo que Deus ama e percebendo um pouquinho mais a cada dia que ela é o objeto de seu prazer.



Resmungaram em tom de crítica. *“Pois este unguento podia vender-se por grande preço, e dar-se o dinheiro aos pobres”* (Mt 26.9). Criticaram Maria não apenas por aquilo que ela fizera, mas pelo que não fizera, e trataram tal omissão como uma falha moral.

Esse deve ter sido o comentário mais doloroso que ela tinha ouvido, especialmente vindo de pessoas que ela provavelmente amava e nas quais confiava — palavras que a deixariam vulnerável e ferida ao extremo se ela tivesse se importado mais com o que as pessoas pensavam do que com aquilo que Jesus pensava. Embora aquele derramamento viesse das profundezas de seu ser, certamente teria sido mais fácil oferecê-lo sem que ninguém ficasse sabendo. Expor-se aos olhos das pessoas em um momento tão particular foi um sacrifício por si só.

Talvez, os comentários deles refletissem os medos dela: *Será que eu deveria ter feito algo mais importante com este unguento?* Talvez, ela tenha duvidado de si própria em um relance de

insegurança. Mas ela já o fizera. Ela derramara as economias de sua vida sobre os pés e o chão. Não havia como voltar atrás.

Ela pode ter visto caras fechadas momentos antes de derramar o unguento, mas não importava mais. Ela acabou de experimentar o que era bom; outra vez. Desperdiçara o melhor de si por amor. E ele a recebeu como amiga.

Ela seria uma das pessoas a falar a respeito de Jesus aos outros; ela que serviu, que se doou. Mas, naquela noite, seu serviço começou com desperdício somente a Deus. E gosto de pensar que, ao derramar-se a seus pés, ela mudou o mundo.



### **Para continuar estudando**

2 Cr 16.9 | Sl 5.3 | Sl 18.19 | Sl 25.14 | Sl 51.10 | Sl 86.12 | Sl 105.2  
| Sl 119.18 | Sl 141.8 | Sl 147 | Sl 149.4 | Os 2.16 | Mt 26.9 | Mc  
1.35 | Lc 5.16 | Jo 6.63 | Jo 10.27 | Jo 10.30 | Jo 15.9 | Jo 15.15 |  
Jo 17.20 | Rm 10.17 | 2 Co 4.18 | Ef 3.16-21 | Ef 5.18-20 | Cl 3.16 |  
Hb 4.12-13 | Hb 5.7 | Tg 4.8 | Ap 2.2-5

# NOVE VOZES

## Ouvindo a verdade de Deus acima do ruído e das críticas

*“E a reprendiam severamente.” (Marcos 14:5 - NVI)*

**H**á alguns anos, em meu aniversário, saímos para jantar com a família toda. Com várias crianças e uma conta corrente recém-esvaziada pelas adoções, um jantar assim se tornava um evento. Eu estava sentindo a idade especialmente naquele ano, mas também sentia uma espécie de euforia parecida com a maneira como uma criança de 8 anos se sentiria em seu aniversário. Esse jantar seria bom. As crianças haviam sido avisadas que aquela noite não era para elas. Eu havia arrumado os cabelos, fazendo cachos. E não estava vestindo calças de moletom.

Chegamos cedo e fomos conduzidos à mesa no restaurante quase vazio. Mas a garçonete que nos atenderia começou mal. Revirava os olhos a cada pedido que fazíamos, resmungava baixinho e colocava nossas bebidas na mesa como um burocrata ocupado carimbando passaportes. Ela não sabia que aquele era meu dia de comemorar. Não sabia que eu já havia alimentado minhas quatro crianças duas vezes naquele dia e arrumado cada uma delas antes de chegar ali. Havíamos até cortado as unhas de todos; unhas *dos pés*.

A garçonete estava envolvida demais em sua própria história para prestar atenção à minha. Os olhos das crianças se arregalaram ao presenciarem sua inegável irritação por trás da bandeja com as bebidas. Entre um copo d'água e outro, sussurrámos às crianças: “É aqui que praticamos o amor de Deus”.

Eles sorriram, chamaram-na de senhora e foram particularmente bem-educados. Nate lhe deu o dobro da gorjeta habitual e contou o fato às crianças. Foi fácil para eles – e para nós – amar naquela noite, porque a garçonete não tinha nenhuma relação emocional conosco.

Mas e quando *existe* a relação emocional? Amar quem nos trata mal quando nosso coração está envolvido no relacionamento, quando as palavras duras tocam diretamente nossos medos, ou quando os maus-tratos duram anos e estamos em uma espiral de raiva e dor.

Já experimentei as duas coisas: a dor quando alguém em quem eu confiava e admirava feriu meu coração com mãos insensíveis, e as palavras ásperas de alguém – nem tão importante assim – tocando diretamente o ponto central dos meus medos. Enfrentei ondas de mal-entendidos e julgamentos, frequentemente dos mais difíceis de se deixar passar. Mas também aprendi que, escondida por trás dessas ondas, está uma das melhores circunstâncias para se buscar a Deus.

*Como tu me vêes, Deus?* não é uma pergunta que pensamos em fazer quando o mundo nos trata como achamos que merecemos.

*Quem sou eu no teu ponto de vista, Deus?* não é uma conversa transformadora quando os espelhos relacionais ao nosso redor fazem com que nos sintamos bem.

As palavras de Jesus nos instruindo a dar a outra face são ótimas até que sejamos criticados ou mal compreendidos e precisemos entender como Deus nos vê naquele momento.

Quando sou prejudicada ou criticada injustamente, quero revidar. Quero cerrar os dentes e me defender; conseguir justiça. Quero que as pessoas ao meu redor fiquem ao meu lado.

Mas quando outro ser humano não me enxerga com clareza, tenho a oportunidade de perguntar a Deus quem eu sou. Quando sofro julgamento ou maus-tratos, posso abrir, em minhas orações, um espaço no qual uma única voz importa. Quando mãos ásperas ferem aquilo que é sensível em mim, posso me aproximar daquele cujas mãos me criaram.

Então, de certa forma, quem me trata mal está me dando um presente: o presente de me jogar nos braços de Deus. O que se passa no lugar secreto entre Deus e eu está fora do alcance daquela pessoa, sendo ainda mais especial por esse motivo.

Às vezes, quando estou sob os olhos gentis do Senhor, vejo que meu oponente nem está tão errado assim; e que eu não estou tão certa. Outras vezes, ainda me sinto ferida e incompreendida. A verdadeira batalha aqui não é para vencer, para que eu saia por cima, mas para conquistar novos lugares do meu coração para a perspectiva amorosa de Deus a meu respeito.

Se cremos que uma vida derramada diante de Deus é nossa mais bela expressão, cada acusação ou mal-entendido carrega em si a oportunidade de adentrar essa beleza, embora de maneira diferente da que teríamos escolhido.



Se formos capazes de encontrar um lugar onde fazer uma pausa no frenesi, a resposta ficará clara: aqueles que se opõem a nós quando mais precisamos ser defendidos são os mesmos que nos fazem buscar conversas secretas com Deus, conversas que nos transformam. Deus nos defende como nenhum ser humano é capaz de fazer, mas não ficamos sabendo disso a não ser que não nos reste outra opção além dele.

Posso permitir que os que me julgam mal me ajudem a ser cada vez mais uma filha, a garotinha do Papai que o procura sempre que é maltratada. Posso abençoar os que me amaldiçoam por causa da maneira como Deus sussurra para mim quando sou maltratada. À luz do Senhor que me ama, posso encarar meu medo de não ser amada. Thomas Merton colocou isso da seguinte maneira: “Se devemos amar sinceramente e com simplicidade, temos, em primeiro lugar, de vencer o medo de não ser amado”.<sup>[12]</sup>

Por que eu deixaria de lhes dar – aos críticos, aos julgadores, aos que me entendem errado – a outra face, minha veste favorita, minha cansada segunda milha?

**“Bem-aventurados sois vós, quando vos injuriarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós” (Mt 5.11-12).**

Lemos estas palavras e mesmo assim nos surpreendemos quando nossos melhores esforços na vida cristã não resultam em aplausos cristãos. *Basta fazer a obra de Deus, e as pessoas verão e celebrarão*, pensamos. Esquecemos que quem nos deu o mapa para seguir a Deus foi um homem que foi reiteradamente perseguido pelas autoridades religiosas de seu tempo, que foi abandonado por praticamente todos os seus seguidores no final da vida e então brutalmente morto.

Queremos que o nosso trabalho seja reconhecido, e que o nosso impacto seja lembrado — e será, mas somente por Deus. Nenhum ser humano pode nos dar um reconhecimento capaz de satisfazer os desejos mais profundos do nosso coração. Em vão, buscamos nas pessoas o reconhecimento que somente Deus é capaz de dar.

É por isso que precisamos rever a maneira como enxergamos e reagimos aos maus-tratos. Quando conseguimos vê-los como uma maneira de nos refugiarmos em Deus, eles ganham um significado novo. Nas mãos de Deus, tornam-se uma ferramenta que ele usa para redirecionar o coração do ser humano a fim de

buscar nele seu próprio valor ao invés de buscá-lo em outros seres humanos. Quando aprendemos a apreciar aquilo que acontece no lugar secreto, vamos em direção ao que ele quer nos oferecer quando somos maltratados.

Qualquer um de nós convive com mal-entendidos e desafios de relacionamento, os arranhões que recebemos quando a nossa vida esbarra na vida de outra pessoa. Seu melhor presente hoje pode ser aquela pessoa que o entende errado ou se opõe a você. Seu adversário pode ser na verdade um advogado, aquele que o conduz para mais perto de Deus.



O que Maria esperava que os demais dissessem a seu respeito quando ela soltou os cabelos e derramou sua herança aos pés de Jesus? Talvez, ela tenha precisado superar dias de medo, sabendo que estava por fazer algo estranho e malvisto. Talvez, ela estivesse tão focada em adorá-lo que nem lhe passou pela cabeça o que as outras vozes diriam. Talvez, seus pensamentos de dúvida tenham sido seu maior inimigo. Ou pode ser também que aquele ato nem sequer tenha sido planejado! E se o impulso de devoção tiver encoberto até mesmo o pensamento sobre a opinião dos demais?

Maria já havia revelado seu coração àquele Salvador na estrada poeirenta, conversando com ele depois que as multidões foram para casa. Ela tinha um histórico com aquele Homem nos espaços particulares de seu coração e nos momentos privados do seu dia. Para ela, a voz dele havia-se tornado maior do que qualquer outra voz, do que qualquer outro som.

Mas, naquela noite, as críticas foram duras; agressivas. Não havia estranhos ali. Eram pessoas que ela conhecia bem, pessoas cuja opinião ela prezava. De suas partes mais frágeis, essas pessoas disseram palavras que atingiram os pontos mais frágeis

de Maria. Eles sabiam onde bater. Sabiam usar as críticas que ela própria provavelmente fazia a si própria.

Mas Maria desenvolvera o hábito de valorizar mais a voz de Jesus do que todas as outras.

Ela sabia que estava ali somente por ele.



“Não estou conseguindo ouvir a Deus”, disse minha filha de 10 anos ao encarar o próprio pecado. Ela havia despejado palavras rancorosas contra os irmãos e estava tendo dificuldades para mudar de atitude e se arrepender. Ela estava furiosa, e minha sugestão de que ela se aquietasse por alguns minutos e conversasse com Deus apenas lhe deu mais munição para continuar expressando sua raiva. Sua atitude era ao mesmo tempo defensiva e derrotista, não admitindo seu erro e sentindo-se incuravelmente errada e presa em um círculo vicioso. Acho que isso é algo que atinge pessoas de qualquer idade. Essa juvenzinha estava descobrindo que acusações e críticas não vinham apenas de fontes externas, mas igualmente de vozes interiores. Quando a acusação é interior, torna-se impossível simplesmente sentir o golpe e seguir em frente. É necessário desafiá-la e lutar com ela.

Os pensamentos de minha filha estavam fermentando havia horas após uma discussão sobre os ovos do café da manhã. Eu podia ver nos olhos dela que os seus pensamentos sombrios estavam dominando. Ela havia sido escravizada por eles, reagindo cegamente ao que ecoava em sua mente. Não era de se estranhar que ela tivesse dificuldade para lidar com um mero pedido de colocar a mesa do jantar.

E ela não conseguia compreender a oferta divina de bondade por seu arrependimento que gentilmente a dirigia a mudar. Esse incidente apenas lhe provou o que ela já sentia: ela estava errada; era uma situação ruim.

Pensei rápido, peguei um caderno e comecei a desenhar. Desenhei o contorno de sua cabeça, deixando vazio o espaço de dentro, vazio da voz de Deus como ela havia descrito e exatamente como se sentia, embora eu soubesse que sua mente estava cheia de outras vozes.

“Fale exatamente quais pensamentos passaram por sua cabeça hoje à tarde”, eu disse. “Vamos dar uma olhada mais cuidadosa no que está aí dentro.”

Custou um pouco para que ela se convencesse, mas fizemos uma lista. Nela, estavam afirmações como: “Sou uma pessoa má”, “Não sou uma boa irmã” e “Eu sempre estrago tudo”. Para cada pensamento que ela mencionava, eu fazia um rabisco dentro da cabeça do meu desenho. Quando terminamos, não havia mais nenhum espaço em branco ali. Não sobrou espaço em sua mente para nada além dos pensamentos acusadores.

“Então, onde está o espaço para ouvir a Deus?”, perguntei mostrando o caderno.

Ela deu um sorrisinho.

“Eu entendo, filha”, falei sentando-me mais perto dela. “Sou quase 30 anos mais velha do que você, e também consigo perder todo o espaço em branco de minha mente em um só dia. Minha mente se enche de coisas que me impedem ouvir Deus”.

Talvez você saiba como é isso.

Ela estava apenas começando a aprender algo que continuo precisando treinar para sobreviver no Senhor: cada pensamento importa. Os pensamentos que não se inclinam para Deus dão acesso a outro deus. Mas uma vida frenética deixa pouco espaço para avaliarmos esses pensamentos rebeldes. Deixa pouco espaço para que seu descanso e sua paz nos preencham, e para que a sua verdade invada nossa cacofonia mental.

Seguir o relógio, cumprir os compromissos marcados e as nossas listas de tarefas, perseguindo a adrenalina do que vivemos

– sim, mesmo a adrenalina da boa obra a serviço do Reino – são atitudes que impedem a mente de encontrar repouso. A decisão rápida de abrir mão da quietude para ler a atualização de alguém na rede social mantém nossa mente em alta velocidade, sem espaço para considerar quais dos nossos pensamentos estão alinhados aos pensamentos de Deus e à sua Palavra. Assim como minha filha ouve a frase constante: *Eu só estrago tudo*, deixamos o ruído tomar conta de partes incertas do nosso ser, e com frequência nem sequer percebemos.

O espaço em branco do dia é um presente de Deus. Somos convidados a descobrir o espaço em branco da nossa mente no qual ele pode escrever. O som da máquina de lavar enquanto dobramos as roupas limpas, a quietude das duas da tarde antes que as crianças desçam do ônibus escolar com suas mochilas e risos, o suspiro de uma oração quando nos sentamos diante de uma boa refeição... Todos esses momentos nos relembram, por comparação, do ruído que domina a nossa mente no resto do tempo.

Uma coisa é livrar-se do ruído. Outra coisa diferente é saber convidar o Senhor a ocupar o espaço em branco.



É terça-feira à tarde.

O bebê está dormindo, e as crianças estão brincando no quintal. Nate está trabalhando em casa, alternando a atenção ao computador com a atenção aos chamados: “P, achamos uma tartaruga, venha ver!”, “Já está na hora do lanche?” e “Podemos descer a ladeira de bicicleta?”. A babá eletrônica faz o ruído de fundo enquanto entro no carro para ir até um café próximo. Terças à tarde são minha hora de escrever.

Enquanto me afasto de casa, meus pensamentos são mais ou menos assim: em primeiro lugar, lembro-me de todas as coisas

que deixei de fazer em casa. *Acendi o forno? Esqueci de conferir a lição de Lily. Oops, o pão para o jantar ainda está no freezer.*

Deixada a si própria, essa linha de pensamento pode ir rapidamente de: *Será que devo voltar?* para um questionamento do meu próprio meu valor e do meu chamado: *Onde eu estava com a cabeça quando decidi escrever? Quem eu penso que sou?* Quando entro no café, peço uma bebida e escolho onde me sentar. Estou deprimida, menos entusiasmada para escrever depois de ter-me lembrado de tudo o que eu “deveria” estar fazendo e de todas as explicações sobre como sou incapaz de fazer absolutamente qualquer coisa.

Então, vejo de relance uma jovem ali perto, escrevendo em seu computador; um trabalho de escola, talvez, ou um livro? Ela parece determinada. Aqueles pensamentos desordenados continuam, e estou vulnerável: *O mundo não precisa de outra escritora. Já há tanta gente dizendo tantas coisas, qualquer coisa. Para que eu iria ajudar a aumentar o ruído?* A ideia de escrever que estivera em minha mente por alguns dias subitamente parece ridícula. Eu a risco das minhas anotações.

*É melhor eu simplesmente me distrair com um livro hoje,* penso eu, e junto-me aos incontáveis escritores, pintores, contadores, professores e fotógrafos que abrem mão de mostrar a glória de Deus presente em seu interior em troca de uma mentira.

Junto-me às mães que voltam para a cozinha cinco minutos depois de dar boa noite às crianças, envergonhadas do tom que acabaram de usar. *Eu sabia que não conseguiria ser uma boa mãe.* Junto-me aos pintores que arrumam o equipamento para uma tarde de diversão com Deus apenas para terminar o dia com uma tela vazia. *Se não consigo fazer tudo certinho é porque não estou pronto para tentar.* Junto-me aos banqueiros, advogados e arquitetos que passam o tempo no trânsito culpando-se por não ter atingido os objetivos que consideravam obrigatórios. *Por baixo desse terno, eu não passo de um fingido incompetente.*

As acusações mentais não são simples autoavaliações. São setas de um inimigo que ataca a nossa vida e a nossa busca de Deus. *“Porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne”* (Ef 6.12). O inimigo ataca nossos pontos fracos, justamente aqueles que poderiam trazer maior glória de Deus para a nossa vida, e somos enganados. O inimigo, afinal de contas, tem a intenção de destruir tudo o que é bom. Quando aceitamos que mentiras vergonhosas falem mais alto do que aquilo que realmente somos, perdemos uma oportunidade de encontrar Deus. Enquanto damos ouvidos às mentiras de Satanás e as aceitamos, Deus continua a nos chamar: *Envolva-me na área em que você se sente envergonhado ou inferior. Eu soprarei minha verdade sobre os seus pensamentos obscuros.*

Quando ouvimos a cacofonia de vozes acusadoras dentro de nós, não somos obrigados a render-nos a elas. Podemos atacá-las falando a verdade: *“Porque nossa luta não é contra o sangue e a carne”*. Reconhecemos que Deus nos fez para combater nossos pensamentos mentirosos: *“Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis”* (v. 13).

Nos lugares ocultos, podemos ver como a Palavra de Deus é uma arma poderosa e não um bordado bonitinho em um quadro na parede ou conselhos gerais para uma vida boa. Ela atinge nosso interior, até os pensamentos e as intenções mais profundas, e nos expõe ao Deus que nos criou para lutar ao seu lado contra as mentiras interiores. *“Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração. E não há criatura que não seja manifesta na sua presença; pelo contrário, todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas”* (Hb 4.12-13).

E como lutar contra as vozes acusadoras? Anote seus pensamentos derrotistas, aqueles com os quais você costuma

concordar — pensamentos como: *Nunca vou mudar*, ao ver as partes de você mesmo que estão há tanto tempo paradas e inflexíveis; pensamentos como: *Não vale a pena perder tempo comigo*, após um momento de vulnerabilidade com um amigo; pensamentos como: *Essa vai ser outra daquelas derrotas monstruosas*, ao lançar-se a em algo novo. Se você permitir, pensamentos como esses controlarão suas emoções e ações. Trata-se de acusações e mentiras do inimigo. Se, ao percebê-las surgir sorrateiramente, você conseguir vê-las como realmente são, renuncie a cada uma delas com a verdade de Deus. Recuse-se a acreditar nelas. Encha a boca com vida, reconhecendo que “*a morte e a vida estão no poder da língua*” (Pv 18.21). O poder está em falar a verdade.

Ao invés de dizer para si próprio: *Nunca vou mudar*, renuncie à mentira de que o coração é eternamente inflexível. Arrependa-se por ter concordado com tais pensamentos que não combinam com a Palavra de Deus. Apoie-se no poder de Deus de agir em você ainda que seus medos digam o contrário. Quando orar por si próprio, repita para Deus: “*Aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus*” (Fp 1.6).

Ao invés de pensar: *Não vale a pena perder tempo comigo*, renuncie à mentira de que você é imprestável e não merece ser amado. Arrependa-se por concordar com essa mentira e peça que Deus ouça o clamor de seu coração por ter um amigo que conheça sua dor. Use as palavras do salmista: “*No dia em que eu clamei, tu me acudiste e alentaste a força de minha alma*” (Sl 138.3). A Palavra de Deus é a ferramenta para lutar contra esse tipo de murmúrio tóxico.

Ao invés de pensar: *Isso vai ser outra daquelas derrotas monstruosas*, renuncie à mentira de que o pior está por vir. Arrependa-se por desprezar a esperança de Jesus em sua vida e por concordar com expectativas desesperançosas. Peça que Deus desperte sua vida de oração e lhe mostre novamente como ele o ouve. Use as palavras do salmista:

**“São muitos os que dizem de mim: Não há em Deus salvação para ele. Porém tu, SENHOR, és o meu escudo, és a minha glória e o que exaltas a minha cabeça. Com a minha voz clamo ao SENHOR, e ele do seu santo monte me responde.” (Sl 3.2-4)**

Na Palavra temos ajuda, especialmente contra as mentiras que tantos de nós aceitamos como parte da vida. Com frequência, encontro a ajuda de que preciso nos Salmos, que às vezes são chamados de livro de oração da Bíblia.

O livro de Salmos inclui orações que se aplicam à extensão da experiência humana, desde orações de ações de graças a orações de lamentação e confissão. Deus nos dá essas orações não apenas para nos ajudar a expressar nossos pensamentos e emoções, mas também para nos permitir ouvir sua verdade acima do ruído do mundo. O pastor e escritor Tim Keller disse a respeito dos Salmos: “Não devemos apenas lê-los; devemos mergulhar neles a fim de que moldem a maneira como nos relacionamos com Deus. Os Salmos são a maneira divinamente ordenada para aprendermos a devoção ao nosso Deus”.<sup>[13]</sup> Os Salmos demonstram ser possível trazer Deus até nós – com todas as nossas emoções – e confiar que ele é poderoso para nos transformar.

Quando me sinto incapaz, desesperada e sozinha, oro: *“A minha alma está apegada ao pó; vivifica-me segundo a tua palavra”* (Sl 119.25).

Quando cometo algum erro muito grande, oro: *“Purifica-me com hissopo, e ficarei limpo; lava-me, e ficarei mais alvo que a neve”* (Sl 51:.7)

Quando me sinto ansiosa, oro: *“No dia em que eu clamei, tu me acudiste e alentaste a força de minha alma”* (Sl 138.3).

E quando me sinto desprezada e despercebida, oro: *“Guarda-me como a menina dos olhos, esconde-me à sombra das tuas asas”* (Sl 17.8).

Oro quando me sinto indefesa e só. Escolho, com minhas palavras, desnudar-me perante Deus ao invés de ficar distante e autoflagelar-me por ter errado o alvo. Minhas emoções – aquelas que uma agenda cheia e uma vida aparentemente produtiva me ajudariam a evitar – são um caminho para conversar com Deus. Os lugares ocultos de meu coração são expostos, e o Senhor me responde.

Quando permitimos que os Salmos ou qualquer verdade bíblica penetrem nos espaços em branco da nossa vida e da nossa mente, vencemos uma das batalhas mais significativas que existem. Aprendemos a inclinar-nos a Deus para vencer. Assim como aconteceu com minha filha, nossa mente frequentemente se enche de miríades de pensamentos aleatórios, e sobra pouco espaço para receber os pensamentos de Deus. Quando aquelas palavras passam do estágio de entrar por um ouvido e sair pelo outro, quando as deixamos penetrar em nós – lendo, memorizando, repetindo, cantando e orando-as –, descobrimos que nosso espaço livre se expande.

“[Os Salmos] foram escritos para que fossem orados, recitados e cantados”, escreveu Keller, “para ação e não para mera leitura”.<sup>[14]</sup> Passa a ser menos difícil esvaziar nossa mente do ruído e perceber que os espaços em branco não são momentos vazios do dia ou partes desocupadas da nossa mente. São plenos de significado. E se expandem.

Ao amanhecer, ao meio-dia, à noite e em uma dezena de momentos entre eles, a Palavra de Deus é nossa aliada. Leia-a. Repita-a. Cante-a. Para viver e florescer em Deus em meio ao ruído e às vozes de nossa era, precisamos nos envolver em sua Palavra. Não apenas uma vez por dia ou uma vez a cada três ou quatro dias; não podemos viver sem a Palavra. Assim nos inclinamos a Deus no oculto. Nós nos inclinamos a ele no fim da tarde, ao ver o sol refletido na poeira da mesinha de centro, repetindo sua Palavra contra as mentiras que infestaram nosso dia.

Nós nos inclinamos a ele no sábado livre, pedindo que Deus fale em meio ao vazio e nos lembre que, nele, não há vazio.

A Palavra de Deus é poderosa contra nosso tráfego interno. Ela é capaz de penetrar em nossa alma, até nas partes que escondemos de nós mesmos. Ela atinge nosso espírito com o Espírito Santo, soprando vida ao entrar ali. Ela substitui o ruído interno da vida – as críticas, as comparações e o que “deveria” ter sido – pela verdade daquilo que Deus vê, pensa e sente. E esse som é maravilhoso.



É o início da noite, e as crianças estão na cama. Ouço o tique-taque do relógio que passara despercebido até então. Posso ouvir a quietude.

Eu poderia estar fazendo muitas outras coisas. Ao mesmo tempo, porém, recebo um convite: *Permita-se ouvir a minha voz. Expresse suas emoções pelos Salmos. Sente-se comigo em silêncio. Esqueça as vozes e os ruídos.*

Não escrevo em meu blog sobre essa troca. Não tiro uma foto. Só Deus e eu sabemos os detalhes de nossa conversa. E uma hora depois, a única evidência de que foi um tempo bem empregado está dentro de mim. Meu coração cresceu. O Senhor amou minha companhia não planejada. Ele respondeu. Ele amou a oportunidade de maravilhar-se com a perfeição de sua obra em mim.

É hora de dormir, e não fiz nada produtivo; estou de mãos vazias.

Foi uma noite incrivelmente bem-sucedida.



**Para continuar estudando**

Sl 17.8 | Sl 51.7 | Sl 119.25 | Sl 138.3 | Pv 18.21 | Ct 2.14 | Is 26.3 |  
Zc 3.1-5 | Mt 5.11-12 | Mt 5.39 | Mc 14.3-9 | Jo 10.10 | Rm 2.4 | 2  
Co 10.4-6 | Ef 6.10-20 | Fp 1.6 | Fp 4.8 | Hb 4.11-13 | 1 Pe 2.21-25 |  
1 Pe 4.12-14

# DEZ

## TEMPOS DE SEDE

### Aprendendo a Ansiar pela Presença de Deus

*“Mas a mim, nem sempre me tendes.” (Marcos 14.7)*

**A**ntes de adotar nossos filhos, fomos avisados de que a adoção acabaria conosco. Se você entrasse em minha cozinha às cinco da tarde daquele primeiro inverno após uma das adoções, poderia perfeitamente acreditar nisso. Eu certamente acreditava na época.

O sol se punha mais cedo a cada dia, e minha filha afundava com ele. Era um motivo diferente por dia. Não havia comida suficiente no jantar, o chão havia ficado sujo demais ou o esbarrão de um dos irmãos em seu cotovelo a fazia berrar. Noite após noite, lidávamos com os soluços, sabendo que era mais fácil para ela chorar pelo leite derramado do que tratar o foco de sua dor, a perda que nenhuma criança de cinco anos deveria ser obrigada a enfrentar.

Então, nós a segurávamos enquanto chorava e pensávamos se haveria algum dia normal novamente. A cada noite, ao fazer as crianças vestir o pijama, eu estava cansada, carente e confusa. Não havia um livro que me dissesse o que esperar de uma criança com aquele passado, aquela mistura particular de sofrimento e perda. Não havia estratégia que me ajudasse. Eu precisava de Deus.

Aquele foi um tempo de tanta luta para nossa família que sim, seria possível dizer que estávamos arruinados. Mas havia uma mudança em curso dentro de mim que começara anos antes e ainda

não terminou. Ao invés de fugir de minhas fraquezas, comecei a aceitá-las.

Comecei a gostar dos benefícios de desvendar meu coração aos pés de Jesus, que nunca prometia que eu teria forças próprias. Eu estudava sua expressão em relação a mim quando eu nada levava para a conversa além de lágrimas. Em sua Palavra, ele promete cuidar dos corações partidos. Comecei a perceber que não eram os outros, aqueles de quem eu sentia pena e que observava do conforto da minha vida, que carregavam um coração partido. Era eu. O coração partido era o meu.

Meus filhos não me arruinaram. Eu estava arruinada muito antes de eles surgirem. Eles, no entanto, foram responsáveis por criar circunstâncias que demonstraram a minha enorme fraqueza. Sou terrivelmente fraca, na verdade. Não estou mais arruinada agora do que estava quando minha vida funcionava como um relógio; as roupas limpas eram imediatamente dobradas e eu sabia o que esperar de cada dia. A questão é que agora sou capaz de enxergar claramente minha ruína. Posso ver o quanto necessito de Deus.

A partir de minha fraqueza, e da sua, pode surgir uma gloriosa sede de Deus. Aquilo que alguns dizem ser o nosso fim, a nossa ruína, pode levar-nos para mais perto de Deus do que qualquer um dos melhores dias que já tivemos. Pensamos: *Quando eu chegar lá [naquele lugar enganosamente forte], poderei descansar, ficar satisfeito, ser confiante, mudar o mundo e [preencha a lacuna]*. E imediatamente passamos a envidar esforços embaraçosos para fugir de qualquer situação que nos deixe indefesos. Somos capazes de qualquer coisa para sentir-nos fortes outra vez, ainda que essa força seja uma ilusão. Mas o convite de Deus para nós é e sempre será: *Morra para essa ilusão de força que você construiu. Só então você encontrará aquilo pelo que sempre ansiou*. Ele nos criou para depender dele mesmo quando só queremos depender de nós mesmos.

Hoje em dia, Hope rodopia pela cozinha, Caleb esconde livros debaixo das poltronas para ler entre uma tarefa e outra, e Lily pinta para nós quadros melhores do que qualquer um que eu poderia comprar. Eden canta hinos no chuveiro, e Bo está aprendendo a me aconchegar e a segurar minha mão quando estou doente. Amo esses momentos ideais quando meus filhos estão felizes e de bem com a vida. Mas esses melhores momentos não são os que trazem à tona o melhor de mim. São os momentos sem brilho, nos quais essas crianças fazem com que eu deseje descansar nos braços de Deus, o lugar onde desmorono e onde ele vem com poder. Choro, e ele me trata com carinho. Estou sobrecarregada, e ele é gentil.

Estou buscando; sedenta. E ele responde.

À medida que permito que a fraqueza se torne sede de Deus, e à medida que me permito sentir esta sede ao invés de fugir dela, sou capaz de me tornar a melhor versão de mim.



Você já deve ter visto esse versículo na porta da igreja ou no quadro bordado na casa da vovó: *“Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma”* (Sl 42.1). Talvez estivesse escrito em uma caligrafia bonita abaixo de uma imagem de um cervo majestoso bebendo em um riacho sobre o qual o sol se refletia. É uma cena tranquila e idílica. Mas e se o salmista tivesse em mente algo diferente disso? E se a corça estivesse desesperada de sede? Uma corça que *ofega* por água poderia estar fugindo para salvar a vida, procurando água freneticamente.

Talvez, você já tenha experimentado uma versão dessa sede física desesperada. Talvez, você tenha estado sob um calor intenso, sem água por muitas horas ou muitos quilômetros. É uma situação extremamente desconfortável. Também é incrivelmente vulnerável. Quando você está desidratado e sedento, a sede tudo controla e domina.

E se esta sede desesperada fosse a cena sobre a qual o salmista estava falando? Uma alma tão cheia de anseio por Deus que nada mais importa; uma sede que na verdade é boa, um indicador de crescimento atual e futuro.

Embora pareça contraintuitivo, os espaços da nossa vida onde Deus parece não estar presente são às vezes aqueles em que mais crescemos. Se formos capazes de conviver com a sede por tempo suficiente, permanecendo naquela situação de fraqueza e necessidade, encontraremos mais de Deus.

Uma vez a cada meia dúzia de anos, volta-me à memória a mesma lembrança, o mesmo convite — cada vez com um pouco mais de clareza e uma prontidão crescente a apoiar-me nele em minha fraqueza.

Logo após o nascimento de nosso primeiro filho biológico, que foi nossa quinta criança, lembro-me daquele sentimento familiar retornando, aquele que me dava a impressão de estar afundando enquanto os demais continuavam a flutuar. Meus filhos “maiores” tinham necessidades emocionais que cresciam no mesmo ritmo do corpo deles, mas eu era uma só, uma mãe para todos. Agora eu tinha *cinco* deles. Peguei-me mantendo um registro mental das necessidades de cada um e de minhas falhas, permitindo que um silencioso aumento de ressentimento com a minha fraqueza humana permeasse os meus pensamentos. A tentação de “apagar” aquela fase em que me sentia mais fraca e incapaz estava sempre ali.

Mas Deus me lembrava da minha necessidade de permitir a sede. Eu o ouvia enquanto amamentava o bebê e entre as necessidades emocionais que surgiam no dia a dia. Eu o ouvia ao diminuir o ritmo para avaliar a situação, e não apenas mergulhar em meus pensamentos e medos. Era um convite; apoiar-me nele.

Foram necessários tempos ocultos, tempos desesperados, para que eu praticasse a aceitação das minhas fraquezas e não simplesmente as desprezasse. Onde eu antigamente reagia a

experiências de fraqueza com a adição de uma nova rotina espiritual ou a busca de uma nova oportunidade de ministério ou a reprovação de minha sede desconfortável, eu agora orava algo assim:

*Quero mais de ti, ó Deus*

*Cresce em meu interior.*

*Tenho sede. Sacia-me, Deus.*

Eu poderia ter amenizado a sede com soluções temporárias. Cada dia estava cheio de distrações que tentavam tirar minha atenção daquele vazio desconfortável que eu sentia. Eu era uma seguidora de Deus incapaz de *sentir-lo*, e tudo o que eu queria era não me sentir mais daquele jeito — não ficar tão seca e vulnerável. *O que há de errado comigo?* Mas a sede aparecia vez após vez na minha leitura de sua Palavra:

**“Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente; a minha alma tem sede de ti; meu corpo te almeja, como terra árida, exausta, sem água.” (Sl 63.1)**

**“A ti levanto as mãos; a minha alma anseia por ti, como terra sedenta.” (Sl 143.6)**

**“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.” (Mt 5.6)**

**“Ah! Todos vós, os que tendes sede, vinde às águas; e vós, os que não tendes dinheiro, vinde, comprai e comei; sim, vinde e comprai, sem dinheiro e sem preço, vinho e leite.” (Is 55.1).**

“Encontre a lacuna e a preencha” havia sido meu modo de vida com Deus até então. Mas agora eu estava em uma situação desesperada, e precisava da liberdade para dizer: “Estou vazia. Não tem problema que eu esteja vazia e permaneça vazia por um tempinho”. Tal admissão levou a esta oração: *Eu realmente quero mais de ti, ó Deus. Quero mais do que já experimentei e tenho até agora.* E me permiti experimentar a secura da sede sem tentar nenhuma solução própria.

Entender que ter sede não era algo errado e que até poderia, pelo contrário, aumentar minha busca de Deus me trouxe um novo

entusiasmo. Eu lia sua Palavra e orava com mais expectativa. Eu esperava de olhos abertos. Eu o via em lugares onde não o havia visto antes e de maneiras que não havia permitido que ele viesse até mim.

Nos primeiros anos após a adoção, eu tinha medo quando as feridas profundas de cada criança se manifestavam de alguma forma. Sentia-me tanto despreparada para reagir quanto insegura sobre o que estaria por vir – por eles e por mim. A fraqueza deles fazia com que eu sentisse mais agudamente a minha própria. Eu queria desistir de mim mesma. Não sentia ter absolutamente nenhuma capacidade de perseverança ao encarar meus próprios abismos.

“Deus, faz alguma coisa, *qualquer* coisa, para mudar isto. Para mudá-los”, eu orava, desesperada por não me sentir mais tão vulnerável; desesperada para protegê-los da dor, da deles e da minha. Mas Deus usou aquele desespero para intensificar a sede em minha alma; uma sede que eu não sentia quando meus filhos e meu lar pareciam normais, quando eu não tinha a impressão de estar tão exposta; uma sede que proporcionava a oportunidade de buscar, de me apoiar, de ficar naquela situação interna de necessidade desesperada.

Em uma cultura cheia – cheia de compromissos, de tarefas, de oportunidades e de pessoas e janelas digitais voltadas para vidas que não são a nossa –, Deus nos chama a resistir às distrações e buscar os momentos de sede, nossas fases de fraqueza. A sede é nossa aliada. Precisamos ter sede de Deus.

Esse é o maravilhoso paradoxo da vida espiritual. Jesus nos convida a aproximar-nos dele e nos faz esta promessa: “*Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a vida eterna*” (Jo 4.14).

Resta, no entanto, o seguinte enigma: continuamos sedentos do Senhor.

Antes dos céus, antes da plenitude, antes do fim do vazio, podemos descansar em meio à sede nesse anseio por Deus. Quando nossa sede de Deus aprofunda a consciência do quanto precisamos dele, nossa capacidade de encher-nos do Senhor aumenta. Não somente o vemos como a fonte das águas, mas também desenvolvemos uma sede constante e crescente de beber *aquela* água. Nossa sede é a maneira como Deus nos atrai. Os sedentos não apenas o encontram; eles *florescem* em Deus. Bebem com profunda satisfação. E beber faz com que sintam mais sede daquilo que um dia virá.



**“Mas a mim, nem sempre me tendes.”**

Jesus acabara de anunciar sua morte iminente em um jantar elegante. Ele tinha o hábito de subverter convenções sociais.

Ele não falara com Maria, mas com os demais convivas que a haviam criticado justamente na noite em que ela se derramara. Aqui, em um momento no qual ela estava tão vulnerável, Jesus deixou claro que não estaria na Terra por muito mais tempo.

Talvez, sua fala a tenha chocado. Ou, talvez, tenha simplesmente confirmado a triste verdade da qual ela já suspeitava. Ela veria sua face, seu sorriso, aquele olhar que ele lhe dava com frequência, apenas por mais algum tempo. Então, viria a dor aguda de sua ausência, ainda mais acentuada por ela ter contemplado aquela face. Era seu amor que provocava tamanho anseio por ele. Suas lembranças daquele homem-Deus aos pés de quem se assentava alimentariam o anseio por estar em sua presença que não cessaria até que chegasse o tempo.

Maria foi levada da sede à satisfação e à sede outra vez, apenas para ansiar por uma satisfação eterna num dia que ainda viria. A sede e a saciedade em Deus estariam nela pelo resto de seus dias.

Eram suas fases de crescimento em Deus.

E naquela noite, ainda que a sede pudesse voltar, ela se viu transbordando ao derramar seu amor aos pés de Jesus.



Bo estava com seis dentes, e apenas Nate era capaz de enxergar todos eles.

Nós sete estávamos à mesa rindo com as brincadeiras do garotinho de 1 ano. Gostasas gargalhadas e um único monossílabo (em vários níveis de decibéis) serviam para descrever quase tudo. Para os irmãos, o bebê era mais divertido do que um trenzinho elétrico. E à mesa do jantar, papai provocava aquela criança.

Então ali estava ele, tão parecido com o pai e sentado a quatro cadeiras de distância, mostrando todos os dentes para uma direção só.

“Vi suas fotos de bebê, papai, e ele é igualzinho a você na mesma idade”, disse Hope casualmente entre uma mordida e outra.

“O cabelo dele está ficando da mesma cor que o seu, e os olhos também são azuis”, disse Eden. “Sabe, papai, acho que ele é igualzinho a você.”

“Que é isso”, respondeu Nate. “Melhor esperarmos pra ver como ele será.” Em outras conversas parecidas, ele lembrava Caleb de quantas pessoas diziam que ele era igualzinho ao pai, a não ser pela cor. Eu também faço isso; um pouco por hábito e um pouco para acalmar a terrível dor da perda.

Quando as garotas começaram a discutir a cor dos cabelos, Nate intervém: “Seu cabelo é da mesma cor do da mamãe”. Elas discordam. Dizem que o meu é mais claro.

Estão todos comendo e participando da conversa sobre cor de cabelo, cor dos olhos e os diferentes tons de pele de cada um (uma conversa corriqueira em nossa família). Participo inquieta das risadas, mas o momento me parece carregado.

Nate e eu queremos que cada um de nossos filhos conheça e experimente o Deus cuja face está firmemente voltada para eles. Este é o Deus que quer curar o coração de cada um deles, corações que em breve podem encher-se de dor pelas páginas vazias de seu álbum de bebê – as primeiras, tão pouco naturais. Quando chegar este dia, queremos que eles saibam que podem chorar aos pés do Senhor. Podem derramar o sofrimento que sentem ao entender que não poderão ver aqui na Terra o rosto das belas mulheres que os deram à luz.

Quando a dor faz com que eles finjam que aquelas perdas nunca aconteceram, desejamos que nossos filhos sintam as mãos de Deus erguendo seu queixo e olhando em seus olhos com infinita compreensão. Queremos que recebam um toque gentil do Deus que veio não apenas curar seus ossos quebrados, mas fazer seu coração despedaçado cantar. Entretanto, para que isto aconteça, é necessário que eles sintam a dor, sintam o anseio por algo mais. Se os blindarmos ou encontrarmos uma forma de ensiná-los a evitar a dor e a sede de suas histórias, nós lhes daremos permissão para ignorar as partes mais cativantes de seu Deus.

O mesmo vale para você e para mim. Se eu constantemente evitar minha sede espiritual, abrirei mão de experimentar ser preenchida pela natureza de Deus, aquele que não apenas reconhece meu deserto, mas também me dá uma fonte bem ali. O riso é um dom incrível, e a nossa família se aproveita dele sempre que pode. É algo que cura. No entanto, se Nate, ou eu, ou alguma das crianças recusar-nos a olhar e a sofrer por nossas perdas, poderemos perder nossa história mais profunda em Deus.

Enquanto estivermos na Terra, *teremos* sede de Deus. E ele responderá. Pode não ser da maneira que esperamos ou de acordo com o nosso cronograma, mas ele prometeu atender os sedentos. É sua maneira de lidar conosco. Ultrapassar a concordância intelectual com esse fato e chegar a vivê-lo,

juntamente com o Senhor, é o que nos liberta do ressentimento de estar em situações que revelam nossa sede intensa.

As feridas e necessidades das minhas crianças me relembram o quanto preciso de Deus. *Tenho sede de mais do que um gole rápido.*

Uma inesperada tarde de solidão faz com que me sinta estéril de uma maneira que eu não havia notado no dia anterior por causa da agenda cheia. *É agora que percebo precisar dele. Tenho sede de que ele venha e se encontre comigo.*

Ser uma face na multidão me faz desejar ser vista. *Tenho sede de reconhecimento dos pequenos movimentos da minha vida. Mas a verdadeira sede é a de seus olhos sobre mim.*

Sou capaz de abraçar a sede quando ela me leva a buscar Deus nos lugares secos.



Gentilmente.

*“Eis que eu a atrairei, e a levarei para o deserto, e lhe falarei ao coração”* (Os 2.14). São estas as palavras que Deus usou ao falar sobre seu povo desobediente com o profeta Oseias, o qual tinha uma esposa desobediente chamada Gômer. O plano de Deus exigia um deserto – um clima árido, poeirento e hostil. Nosso equivalente atual ao deserto pode ser o cantinho onde estamos escondidos; nosso cubículo anônimo, nosso papel de coadjuvante, a mamada do bebê às três da manhã, a 15ª consulta médica com uma criança doente ainda sem diagnóstico, o 136º dia no trânsito, o templo da igreja lotado, a sexta-feira à noite de solidão, o turno monótono no supermercado que mal dá para pagar as contas.

É ali, onde quer que fique seu deserto, que Deus prometeu nos falar com gentileza.

O que parece um deserto inóspito – as fases de invisibilidade e os espaços ocultos de nossos dias que expõem o quanto

estamos secos por dentro – não é suficiente para atrapalhar o criador da chuva. É nele que nossas raízes se aprofundam no solo em busca de água. É a única maneira de sobreviver à seca.

**“Porque derramarei água sobre o sedento e torrentes, sobre a terra seca; derramarei o meu Espírito sobre a tua posteridade e a minha bênção, sobre os teus descendentes; e brotarão como a erva, como salgueiros junto às correntes das águas.” (Is 44.3,4)**

Ele é nossa água: esse maravilhoso Deus. Seus olhos nos conhecem – nos conhecem por completo. Seus braços são fortes e nos seguram. Seus sussurros sopram vida e renovam o que está velho.

Bebemos dele – desta água viva – e desejamos beber mais. É tão boa assim. Este homem-Deus é *tão* surpreendentemente bom, melhor do que qualquer outra coisa que possamos experimentar para saciar nossa sede. Não estamos presos nos momentos secos e ocultos nos quais ninguém nos vê; pelo contrário, somos convidados a aprofundar nossas raízes no Deus que está bem ali; a esperar o suficiente para ouvir a voz carinhosa de Deus falando conosco mais alto do que qualquer circunstância.

A sede nos faz buscar a Deus não apenas como aquele que cura, mas como aquele que pode *nos curar*. E vemos a água se derramar sobre o deserto.



### **Para continuar estudando**

Sl 33.16-22 | Sl 34.18 | Sl 42 | Sl 63.1-8 | Sl 81.10 | Sl 84.1-4,10 | Sl 119.20,81 | Sl 143.6 | Sl 147.3-10,11 | Pv 27.7 | Is 41.18-20 | Is 44.3-4 | Is 55.1 | Is 61.1-3 | Os 2.14 | Mt 5.6 | Mt 9.15 | Mc 14.7 | Jo 4.1-26 | Jo 6.33-35 | Jo 7.37 | 2 Co 12.8-10 | Ef 3.19 | 2 Tm 2.13

# ONZE

## DEUS É POR NÓS

### Cura no Lugar Oculto

*“Ela fez o que pôde.” (Marcos 14.8)*

“**M**amãe, acho que Deus quer que eu lhe conte por que não gosto da Etiópia”, disse um dia minha filha de 5 anos assim sem mais nem menos.

Eu estivera esperando esse dia, e ele havia chegado uns cinco anos antes do que eu esperava. Naqueles primeiros anos desde que ela chegara em casa, qualquer menção à Etiópia era o suficiente para que ela fechasse a cara.

“Amamos a Etiópia!”, eu havia dito à atendente etíope de um café, ao colocar o protetor em um copo quente. Ela havia reparado nas minhas crianças e identificado algo familiar no rosto delas, e elas a haviam notado também. Mas, ao sairmos dali, ouvi minha pequenina dizer baixinho: “Eu não amo a Etiópia”.

À medida que suas habilidades linguísticas e cognitivas progrediam, eu fazia perguntas na tentativa de entender aquele desprezo, mas era em vão. Orávamos em particular, Nate e eu, sabendo que os segredos guardados por aquela pequenina acabariam tornando-se tóxicos se não viessem à luz.

Foi somente quando quatro de nós estávamos na Uganda correndo atrás da papelada de nossas outras duas filhas que senti Deus me dizendo: *Agora. Agora ela está pronta para conversar.*

Por coincidência, isso aconteceu no dia em que havíamos marcado um tempo de mãe e filha após termos conhecido as outras duas e enquanto esperávamos a burocracia. Dei a mão à minha pequena, e caminhamos pela estrada empoeirada até o lugar mais próximo onde poderíamos tomar uma xícara de chá. Ela falava sem parar sobre o que lhe viesse à mente, feliz com a atenção exclusiva da mamãe.

Enquanto ela tomava leite no canudinho, abriu seu diário de oração na página de um desenho que havia feito de uma cabana marrom. Ela se lembrava. Eu não tinha certeza de que se lembraria.

Os minutos seguintes pareceram anos enquanto eu ouvia minha garotinha falar sobre assuntos de garotas crescidas – coisas que eu não havia ensinado a ela, coisas que ela vira acontecer, não na TV ou em um filme. Era como se ela tivesse crescido de repente, subitamente capaz de articular sua dor, sua perda e seu desapontamento – e todas as cenas que os haviam causado – com uma coerência que não combinava com sua idade.

Segurei as lágrimas e continuei a ouvir. Estava atordoada com aquela narração vívida e com sua habilidade de comunicação. Tantas peças do quebra-cabeças se encaixaram naquela conversa. Lacunas em nossa compreensão sobre ela foram preenchidas.

Quando ela terminou, nós conversamos. Oramos para pedir que Jesus revelasse como ele se sentia a respeito dela e como a vira naqueles anos solitários.

Fiquei ali sentada, orando: *O que devo fazer agora com esses cacos de vidro, a lembrança de sua dor?* E vi a resposta em seu rosto. Era algo assim: *Agora que lhe contei tudo, mamãe, o que tem para o almoço?* Havia acabado, pelo menos por enquanto – diário fechado e entregue para mamãe guardar —, e o peso finalmente tinha sido removido daqueles ombros de 5 anos de idade que não tinham condições de carregá-lo.

Dali em diante, ela ficou mais leve. Depois daquela conversa, ela passou a ser uma viajante em suas brincadeiras, alguém que

passava com frequência pela Etiópia. “Quero voltar à Etiópia um dia e falar de Jesus para eles”, ela me disse recentemente.

Deus carregou aquela parte de seu fardo. “*Sara os de coração quebrantado e lhes pensa as feridas*” (Sl 147:3). Minha garotinha desde cedo encontrara o caminho para escapar das feridas. Ela estava relembrando e reconhecendo a dor – a dor que cria espaço e vazio e busca a cura em Deus.

Também é assim que vejo, às vezes, o processo superar as dores e cicatrizar as feridas. Uma amiga diz algo que dói e, ao invés de dar de ombros mentalmente ou criticá-la em pensamento, pergunto a Deus: *Por que isso doeu?* Tiro a atenção daquela pessoa e me volto a Deus. Pergunto-lhe a respeito de mim mesma: *O que há em mim que tu queres curar? O que há em mim que necessita de teu toque por ter me machucado com aquelas palavras?*

Ao apresentar minhas feridas, grandes ou pequenas, a Deus, sempre me surpreendo com a maneira como ele vem para curar tudo — até mesmo as partes de mim que eu pensava não ter conserto, ser “minha personalidade” ou “minha história”.

Tantas das pequenas dores ou manias obstinadas que aceitamos em nós mesmos são lugares da nossa vida que Deus é capaz de curar, nos quais ele pode soprar sua perspectiva. Porém, para que ele fale palavras de cura sobre feridas antigas, temos de reconhecer a existência destas feridas.

Minha filha começou cedo. Ele a conduziu até ali. Essa foi a primeira de muitas conversas semelhantes que ela teria com ele ao longo do tempo.

Ele ama curar o que está despedaçado.



Em um domingo após o culto, eu conversava com novos amigos – novos para mim, para nós e nossa história. Eu sabia que, ao olhar

para nossa família aos domingos, eles viam faixas coloridas nas cabeças e sapatos bonitos no único dia da semana em que todos estávamos razoavelmente bem arrumados. Eles viam resgate e redenção na mistura de peles claras e escuras, e viam meus bebês se revezando no colo de Nate durante o louvor. Mas eu via o que eles não viam. Eu sabia o que estava por detrás de vestidos estampados e camisas bem passadas. Eu havia segurado aquelas mesmas crianças no colo enquanto reclamavam de ter pesadelos outra vez, e outro chorava sem motivo aparente – e ao mesmo tempo, por todos os motivos.

Uma das meninas chegou ao meu lado durante aquela conversa com os novos amigos. Ela estava cheia de dor pelo dia anterior, embora estivesse vestida como se o sonho americano fosse sua invenção. Quando meus novos amigos lhe fizeram algumas perguntas, ela olhou para baixo e para longe. Resmungou baixinho por trás das mãos nas quais costuma esconder-se quando está insegura. Estava cansada, e aquele convite para conversar com estranhos sorridentes apenas aumentava seu cansaço. Porém, se não soubesse a história dela, você pensaria que era apenas outra pré-adolescente mal-educada.

Um pouco depois, a conversa terminou, e estávamos vestindo nossos agasalhos e andando até o estacionamento. Entrei no carro, chateada e envergonhada.

Minha filha não havia “se comportado”.

Naquela conversa de três minutos, eu me senti aprisionada pelo julgamento imaginário de pessoas que mal conhecia.

*Como posso acabar com isso?, reclamei de minha filha aparentemente mal-humorada. E se ela ainda não conseguir olhar nos olhos de alguém quando tiver 30 anos? Como poderei levá-la a qualquer lugar se ela continuar se comportando assim?*

Naquela manhã, eu me sentia como se tivesse falhado em cumprir o papel da mãe espetacular que trazia a redenção ao coração de sua filha. Muito pelo contrário, parecia que eu estava

sendo permissiva com crianças desrespeitosas, permitindo um comportamento egoísta por não tê-la repreendido imediatamente.

Três minutos após uma conversa de três minutos, eu estava acabada. Olhei pela perspectiva de outra pessoa e assumi que era o ponto de vista verdadeiro – em relação a mim e à minha filha.

No caminho de casa, respirei fundo e me senti pior pelo que estava borbulhando em meu coração do que pelo que havia de fato acontecido. Horas depois, finalmente me sentei perante Deus, pedindo-lhe que me desse sabedoria e curasse aquelas partes de mim.

Minha reação àquela breve conversa na igreja me mostrou meus próprios medos. Eu tinha medo das opiniões dos outros e medo da trajetória de vida de minha filha. Dava mais importância às opiniões das pessoas do que à opinião de Deus. Dava crédito aos meus medos ao invés de confiar nele. Minhas reações não eram simplesmente a projeção de minha tendência a preocupar-me. Eram um reflexo da minha necessidade de Deus.

A cura começa com o reconhecimento de que estamos quebrados, despedaçados. O processo de ver a Deus como aquele que cura começa enxergando em nós mesmos a necessidade de cura.

E então Deus nos esconde. Ele nos coloca em situações nas quais a opinião dos outros não nos ajudam, onde não conseguimos ver além de nossos medos. É ali que ele fala conosco. E o anseio que resulta de estar oculto nos torna mais conscientes de nossas feridas e mais receptivos à cura divina do que ficaríamos em meio aos aplausos do mundo.



O perfume foi mesmo desperdiçado. Os críticos de Maria estavam certos em dizer que ele poderia ter sido vendido, e o dinheiro dado aos pobres. Mas Jesus defendeu o sacrifício dela.

“Ela fez o que pôde”, Jesus falou àqueles céticos. Estas são as palavras de um Salvador encarnado, capaz de ver o ato de Maria – e suas feridas – de outra maneira.

Ele não a via como alguém que continuaria machucada, mas como alguém que precisava de cura e lindamente a havia buscado. E ele a curou ao falar com ela, transformando aquele desperdício em beleza.

Maria fez uma oferta àquele que a curou com sua própria presença. Não sabemos detalhes das feridas de Maria ou por que ela buscava aquela cura, aquela inteireza de Deus. Talvez, os motivos fossem relacionamentos, escolhas autodestrutivas, inveja ou medo. Mas Jesus havia visto tudo antes daquela noite. Ele a protegeu até com a maneira como sua experiência foi relatada. Ele fez com que sua história se tornasse parte do Evangelho e lhe deu um papel de destaque em sua ressurreição. E foi assim que Maria, com toda a sua bagagem e as suas faltas, ungiu-o para o sepultamento com aquele desperdício de óleo perfumado. Aquela mulher tão machucada que estava sendo curada preparou o Salvador para ser curado – e para curar o mundo.



Eu já passara dos 30 quando reconhecia pela primeira vez uma das feridas mais importantes de minha história: a perda de meu pai.

Meu pai foi meu herói. Um dia, ele me viu correndo em um parque e disse durante o jantar: *“Você leva jeito pra correr. Vou ensiná-la a correr de verdade”*. Uma década e meia depois, eu ainda amarrava as sapatilhas para participar de corridas. Meu pai dirigiu dez horas para me assistir terminando minha primeira maratona.

Uma memória vívida que tenho da sala de estar de minha infância é meu pai sentado comigo ouvindo meus desabafos de adolescente. Eu não o cansava. Meu pai amava processar a vida comigo. Levava-me a aulas de teatro e treinamento vocal sem

jamais tentar me dissuadir de meu sonho de ser atriz. Meu pai sonhava comigo. Com ele, a vida parecia não ter limites.

Mas tudo mudou num dia quente de agosto quando eu tinha 14 anos. Voltei de bicicleta da casa de minha melhor amiga e encontrei meu pai jogado no sofá. Sua dor nas costas havia voltado para valer. Muitas cirurgias depois, meu pai não jogava mais tênis nem corria comigo. Ele estava preso a uma cadeira de rodas e dormia em uma cama que havíamos trazido para a sala de estar do térreo.

Eu aparentemente reagi bem a tudo aquilo, como a maior parte de nós faz quando nossa infância vira de cabeça para baixo. “Crianças são resilientes”, eles dizem. O que querem dizer é que crianças aprendem a lidar com a situação até não aguentar mais.

Meu pai e eu ainda éramos próximos. Ele mal dormiu na noite anterior ao meu embarque para a Europa durante umas férias da faculdade. Ele vivia minhas aventuras comigo, estivesse fisicamente presente ou não.

Meu pai morreu jovem de um câncer agressivo um mês após meu aniversário de 32 anos. Mas foi somente anos depois, quando eu já tinha cinco filhos, uma agenda lotada e uma hipoteca que eu entendi o que acontecera aos meus 14 anos; entendi como a ocasião em que meu pai adoeceu pela primeira vez afetou a maneira pela qual eu passei a enxergar a vida dali em diante.

A invisibilidade e a solidão da maternidade foram responsáveis por diminuir meu ritmo o suficiente para que eu percebesse. Com cinco crianças agitadas e ninguém prestando atenção aos meus dias, eu vi que minha busca de aprovação por parte dos líderes mais velhos era um anseio pela validação de meu pai, algo que ele não pôde me dar quando eu mais precisava. Eu havia passado grande parte de minha juventude correndo mais, esforçando-me por novos objetivos e superando meus limites – tudo na tentativa de receber um sorriso de meu pai, que já não estava comigo. Anos após sua morte, sendo uma jovem mãe, eu ainda buscava aprovação e validação, mas não havia adultos por perto às duas da

tarde de terça-feira. Deus me escondeu dos olhares de aprovação que eu procurava a fim de que eu pudesse encontrar o olhar dele.

Durante semanas e meses de conversa com Deus sobre a perda que eu aprendera a enterrar tão profundamente, o Senhor tratou minhas feridas. (Nem sempre basta uma única tarde, como aconteceu com minha filha em Uganda.) Ele me lembrou de que me vira naquele período em que meu pai estava doente. Ele tinha palavras de validação para mim nas Escrituras que reavivaram meu coração. Elas ultrapassavam de longe qualquer palavra que um líder de confiança pudesse dizer ou a aprovação da pessoa cuja afirmação eu mais queria.

Deus me chamou para ser curada mesmo depois que eu achava que já estava curada. *Eu não ficara de luto por meu pai quando ele morrera?*, pensei comigo. Eu sempre havia dito que já estava de luto por meu pai mesmo antes de sua morte já que ele passou por um longo e doloroso declínio. O que eu não via, e que era provavelmente mais correto, é que eu jamais vivera o luto pela *vida* de meu pai.

As lágrimas chegaram. Como é que só depois de tanto tempo de ausência paterna eu me esforçava para lembrar cada detalhe sobre ele? O cheiro de suor no sábado pela manhã quando o meu pai voltava do jogo de tênis com os amigos... Como me sentia segura quando era pequena e ele se ajoelhava ao lado da minha cama para contar histórias e alimentar minha imaginação... A emoção de dividir um barquinho com ele no mar, atravessando ondas com o dobro de minha altura, sem medo algum por causa de sua companhia...

*Por que isso aconteceu comigo, Deus?*, exclamei em meio ao choro.

E Deus abriu a parte de meu coração na qual eu havia enterrado meu pai sem chorar por ele, a parte na qual deixei de me lamentar pelos momentos da minha infância e juventude que se

havam perdido por causa da doença que o tirara – sua essência pelo menos – de nós.

Deus não estava curando-me para que eu “ficasse curada” e me tornasse mais útil para a obra. Ele estava curando-me para que eu soubesse que ele é aquele que cura. Ele estava aproximando-se de mim pela cura. Eu estava ferida naquele lugar onde experimentava a dor antiga que cobrira minha vida como uma nuvem. Porém, quando vi Deus como Curador, aqueles pedaços quebrados deixaram de parecer tão pesados ou impossíveis. Eu queria apresentá-los ao Senhor porque o via responder por causa de sua natureza. Eu queria mais daquela proximidade que sentia quando estava despedaçada diante dele.

Quando nossas feridas encontram aquele que cura, começamos a viver em novos lugares de restauração ao invés de nos esforçarmos para evitar as velhas dores. Isaías escreveu o seguinte:

**“O SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do SENHOR e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo SENHOR para a sua glória. (Is 61:1-3)**

Crescemos à medida que somos curados, à medida que reconhecemos nossa necessidade de cura, à medida que nos permitimos sentir sede e aprofundar nossas raízes em terreno invisível.



Tenho sonhos vívidos e frequentes, mas não havia sonhado com meu pai nenhuma vez desde seu funeral até anos depois, quando finalmente me permiti chorar por ele.

Sonhei que me encontraria com uma pessoa influente para discutir meu primeiro livro, que tinha sido publicado recentemente. Eu havia sido convidada para ir à casa daquela pessoa e estava respondendo suas perguntas nervosamente. Do outro lado da sala, vi um homem na faixa dos 30 anos com cabelos vermelhos muito familiares, jovem, bonito e confiante. Ele olhou para mim, e reconheci meu pai instantaneamente – meu pai, o professor, técnico de tênis e apaixonado pela vida de quem eu me lembrava. Ele estava com a idade que tinha quando eu estava com 7 ou 8 anos, na época em que havia uma marca permanente de seus joelhos no tapete ao lado da minha cama.

Quando meus olhos encontraram os dele, ele nada falou. Não chegou mais perto. Apenas deu aquele sorriso tranquilo e orgulhoso que um pai dá aos filhos.

E piscou.

Então, subitamente ele já não estava mais ali assim como o sonho. Eu estava completamente acordada às três da manhã; arrasada. Eu havia visto meu pai outra vez do jeito como me lembrava dele. Ele entrara em uma conversa sobre minha maior vulnerabilidade no momento – minha criatividade, minha história, apresentada para que os outros pudessem lê-la e criticá-la como quisessem.

Aquele era o pai que levava uma cadeira dobrável a todas as minhas corridas, mas não pôde estar presente quando meu primeiro livro foi lançado cinco anos e um dia após sua morte.

Em minha vulnerável expressão de criatividade, eu precisava da aprovação do papai. Precisava da aprovação de Deus. Mas não havia percebido minha necessidade desesperada da afirmação de Deus até recebê-la naquele sonho. Deus respondeu ao meu sofrimento, aos meus lamentos chorosos, de uma maneira que trouxe cura a todo um período de minha vida que meu pai não havia presenciado.

Quando reconhecemos que estamos feridos, passamos por “estirões de crescimento” em Deus. Enquanto eu lidava com a perda de meu pai, Deus foi carinhoso, pessoal e paciente. Cresci ao me permitir sofrer pela perda – durante muito mais tempo do que esperava –, e Deus, com sua presença naquele processo, curou aquele pedaço partido de meu coração. As feridas antigas no coração não me desqualificam para receber seu amor. Pelo contrário, chamam sua atenção. Ele nos cura – de fora para dentro.



### **Para continuar estudando**

Sl 19.12 | Sl 34.18 | Sl 51.1-17 | Sl 139.1-10 | Sl 147.3 | Pv 23.10-11  
| Ct 2.3 | Is 55.8-9 | Is 61.1,3 | Ez 47.12 | Mc 14.3-9 | Jo 1.4-5 | Ap  
22.2

# DOZE

## SUSSURROS SANTOS

### Abraçando os Mistérios de Deus

*“Que ela guarde isto para o dia em que me embalsamarem.”  
(João 12.7)*

São 16h09. Minhas crianças estão quietas brincando no sótão. O bebê ainda vai dormir durante pelo menos mais meia hora. Eu havia reservado o horário das 16h para parar e respirar, minha “hora maravilhosa”. Mas já estou nove minutos atrasada, e minhas tarefas me atormentam. Essas são as duas semanas mais ocupadas da primavera. Havia meses, eu acompanhava sua aproximação no calendário. A Páscoa está chegando, e receberemos 20 pessoas para a comemoração que fazemos todos os anos. Tenho duas palestras para preparar e o prazo de um livro para cumprir logo em seguida. Descansar parece um luxo imerecido.

Mas desligo o computador, fecho as portas do escritório e saio, afastando-me dos sinais do que deixei por fazer. Amarro meus tênis e saio para uma caminhada pelo parque ao lado de casa.

A temperatura é de pouco mais de 20 graus, e posso ouvir os ruídos da primavera: a grama seca do ano passado estalando sob meus pés juntamente com os primeiros brotos novos. O pica-pau batucando acima de mim e um coelho passando pelo mato baixo.

Também ouço meu coração.

Sinto a presença de Deus. Mais do que isso, eu me sinto *conhecida*, passando pela mata sem ninguém mais à vista. Atravesso o córrego ao lado de nossa propriedade e tenho certeza de que, a não ser pelo caçador ocasional, ninguém além de nós olhou para aquela água durante o ano passado. Ela está oculta assim como eu.

Vejo a pereira carregada de flores do outro lado da trilha. É uma bela visão, cheia de flores brancas contrastando com o fundo marrom do inverno. Ela não me havia chamado a atenção no ano passado, quando produzia frutos em meio às outras. Neste ano, floresceu sozinha; e brilhante.

Estamos juntas no esconderijo sob os olhos de Deus: essas árvores recém-acordadas do inverno e eu — mascaradas e guardadas cuidadosamente nesta tarde, mas vistas e fluorescentes. Ele me vê, e eu sei disso, e *esta* realidade, mais visível na quietude da tarde, me faz querer falar com Deus. Quero participar daquilo que já foi obrigação mas tornou-se agora o fio sensível, cada vez mais apertado, que me conecta àquele que me criou e me conhece.

Esperando em casa, há um garotinho faminto, começando a chamada que faz todas as tardes ao acordar: “Mamãe, papai, Caleb, Lily...”.

Esperando em casa, há uma lista de tarefas impossível. Eu teria de ser super-humana para cumpri-la, mas lá está ela, escrita com uma caneta Pilot em um cartão sobre a escrivaninha.

Esperando em casa, estão os ingredientes para o jantar. A carne já descongelou, gotejando líquido vermelho pelo balcão e chegando ao chão. Pulei a poça para sair pela cozinha.

Tantas partes da vida aguardam cuidados hoje como aguardarão novamente amanhã. Serei capaz de cuidar melhor de cada uma delas por causa do que está acontecendo dentro de mim aqui fora na trilha.

Esses momentos de paz e conversa com Deus em meio a uma vida corrida não são o desperdício que eu pensei que fossem. Comecei a conversar com Deus quando estava oculta e faminta, e encontrei a chave para a alegria mais profunda de minha vida: a oração secreta; sussurros com Deus. Minha fé depende disso. Sua Palavra não entra em mim a não ser pelo diálogo com ele. O Evangelho não vai de meu coração às minhas mãos a não ser que ele esteja diretamente por detrás do processo. Nenhum relacionamento cresce se não lhe dedicamos tempo.

Revivo nessas conversas. Ouço o coração de Deus ali. E sou transformada. Tais momentos se tornaram a maior aventura de minha vida.

Derramo meu coração a Deus enquanto caminho. Frases de sua Palavra ecoam em minha mente, misturando-se a meus suspiros diante dele e lembrando-me que Deus sabe o que fez em mim. Não consigo pensar que responder mais um e-mail, adiantar o jantar ou limpar o mel derramado na prateleira do armário que tanto me irrita possa ser tão bom ou necessário quanto isso. Outra postagem nas mídias sociais não me acalmaria tanto quanto expor meus pensamentos diante de Deus. Quero – preciso – conversar com Deus quando não há ninguém ouvindo. Floresço por causa do que acontece ali. *Amo esse Jesus.*

Eu lhe peço coisas que ninguém jamais verá, ouvirá ou saberá. “*A intimidade do Senhor é para os que o temem*”, lemos em Salmos 25.14. Derramar meus pensamentos diante dele e receber os pensamentos de seu coração em relação a mim, à minha família e às pessoas em meu mundo não é apenas uma parte da vida com Deus. É *toda* a vida em Deus.

Logo antes da última curva da trilha ao voltar para casa, passo novamente pela árvore solitária. Ali, em meio ao que ainda é a natureza de inverno, está a gloriosa primavera; oculta e bela.



Vim a crer que a familiaridade é inimiga de quem deseja apaixonar-se por Deus.

Os líderes da fé na época de Jesus tinham tanta familiaridade e apego à sua versão da religião e às suas expectativas do Messias que colocaram pregos nas mãos da melhor coisa que já havia surgido em seu meio. Até mesmo os companheiros mais próximos de Jesus estavam presos às suas maneiras de pensar e de ver as coisas. Ele lhes deu repetidos *insights* sobre o Reino e o que estava por vir, mas eles foram incapazes de ver além do temporal – o visível e familiar. Apenas uns poucos tinham noção do que as palavras do Senhor realmente representavam e da escuridão e da luz que viriam.

Maria era uma dessas pessoas.

Não sabemos se Maria escolheu derramar o óleo aos pés de Jesus por saber que sua morte era certa e iminente. Sabemos que Maria estava mergulhada nas tradições de sua cultura, inclusive o respeitoso ritual de ungir os convidados de honra e a unção dos mortos em preparação para o sepultamento. Maria teria certamente conhecido ambos os rituais e as expectativas culturais relacionadas a eles.

*“Que ela guarde isto para o dia em que me embalsamarem”,* disse Jesus a respeito de Maria e de seu óleo perfumado (Jo 12.7). Suas palavras sugerem que Maria compreendia o coração e o futuro de Jesus de uma forma que apenas aqueles que têm intimidade com Deus são capazes de compreender.

A conexão de Maria com Jesus era tanto particular – amor derramado – quanto pública. Em breve, o Filho de Deus deixaria sua humanidade, a humanidade que ele assumira em favor de todos ao redor daquela mesa, por Maria e por seus descendentes até a eternidade. O óleo que Maria derramou foi a veste transitória de Jesus.

Maria participou da maior história de Deus ao seguir um toque santo dentro de si, um toque que cresceu a partir do tempo passado

com Jesus. Aquilo foi tudo o que ela poderia fazer. E é isso que Deus nos chama a fazer.



Assim como os líderes religiosos e até mesmo os discípulos mais próximos na época de Jesus, corremos o risco de não entender Jesus, de deixar de ver quem ele realmente é por conta de nosso apego às coisas seguras que pensamos já entender a seu respeito. Como descreveu o pastor Eugene Peterson: “Deixados a nós mesmos, oramos a algum deus que afirma o que queremos ouvir ou à alguma parte de Deus que somos capazes de compreender. Mas é essencial que falemos com o Deus que fala conosco”.<sup>[15]</sup> Nós nos permitimos cair em uma familiaridade entorpecida com o que já experimentamos de Jesus, as passagens de sua Palavra com as quais gastamos mais tempo, as verdades a seu respeito que somos capazes de entender e explicar. Amarramos tudo o que nos é familiar e chamamos o resultado de Deus. E quando oramos com esse senso de familiaridade, ao invés de ficarmos atentos à maneira como a realidade divina confunde nosso entendimento humano, acabamos por simplesmente esperar confirmações daquilo que já sabemos.

É aqui que a oração fica morna e nos leva a buscar outras aventuras. Mas Deus nos traz de volta à acessibilidade simples da oração – o alicerce de nosso relacionamento com ele – e nos convida a orar como crianças maravilhadas.

Um avião no céu é um “carro que pula” para meu filho de 2 anos e meio que está apenas começando a compreender o mundo. No convite de Deus para que nos achemos a ele como crianças, está a compreensão de que provavelmente nos comportaremos mais ou menos assim, usando o que conhecemos e reconhecemos para tentar entender o que ainda não conhecemos e não conseguimos ver a respeito dele.

É assim que a humanidade finita lida com o Deus infinito. Entretanto, o verdadeiro crescimento em Deus requer que nossa

perspectiva dele cresça conosco. A oração se torna cada vez menos uma maneira de relacionar-nos com o que temos certeza de que ele é, e mais uma maneira de enxergar sua grandeza em proporção ao quanto somos pequenos e limitados.

Fazemos mais perguntas, esperamos mais mistério, damos mais espaço para Deus revolucionar nosso entendimento. Este crescimento é o que nos faz trocar alegremente uma familiaridade com Deus por coisas desconhecidas e pelas surpresas divinas.

Aqueles que entram no oculto de Deus começam a ver que conversar com ele tem mais a ver com reforçar a conexão com o seu coração do que com receber a resposta que desejamos. Essas orações começam frequentemente com palavras como: “Deus, eu mal te conheço e quero te conhecer mais. Encontro vida em me conectar a ti, não em repetir o que penso saber a teu respeito”.

É nesse momento que percebemos que já deixamos o leite para trás e começamos a alimentar-nos da comida sólida da maturidade em Deus.



“Acabo de ouvir o coração do bebê”, ela sussurrou ao sentar-se ao meu lado na igreja.

Essa futura mãe acabara de terminar seu primeiro trimestre e estava transbordando de informações sobre o pequenino em sua barriga. Mas quando o entusiasmo de suas palavras atingiu meu coração, ele se encheu de sofrimento. Ainda estávamos esperando que nossas duas filhas mais velhas viessem para casa.

Com Eden e Caleb, eu fui mãe de primeira viagem. Não havia pensado que me preocuparia com coisas como bocejos de bebê ou o jeito de falar de crianças pequenas, com as coisas engraçadas que as crianças dizem e seu jeito de lidar com o dia a dia de olhos arregalados. Vivia no presente, antecipando a chegada deles, pensando em quando o próximo documento seria aprovado para podermos finalmente buscá-los.

Depois da chegada dessas duas amadas crianças, toda uma nova perspectiva da maternidade se abriu para mim. Eu amava o cheiro da pele de Eden e a maciez de seus cabelos após o banho. Amava passar os dedos pelas orelhas de Caleb. Esses eram *meus* filhos, e eu começava a amar partes deles que jamais havia pensado enquanto tinha apenas uma fotografia nas mãos.

Com Lily e Hope, foi mais difícil esperar porque eu já sabia como era. Cada dia que elas viviam do outro lado do oceano era um dia em que eu não as tinha nos braços, em que eu não estava cuidando daquela pele de garotinha. Não conseguia visualizar a altura de Lily sobre meus ombros ou quanto do corpo de Hope eu conseguiria abraçar.

Então, decidi fazer um novo tipo de álbum de bebê para essas duas que já não eram mais bebês. Comecei a conversar com Deus sobre o que eu não sabia. Nosso diálogo partia daquilo que eu desconhecia. Eu perguntava sobre o que o Senhor sentia por aquelas meninas.

*Pelo que o Senhor gostaria que eu orasse?*

Esse era o Deus que havia feito nossas crianças em segredo, quando não havia ninguém assistindo, registrando ou talvez nem mesmo celebrando. Ele conhecia cada momento não documentado da vida delas. Então, eu lhe perguntei sobre a personalidade de cada uma. Esse diálogo com Deus não era apenas uma parte de meu relacionamento com minhas filhas – era a única linha de sangue que eu tinha. Aprendi sobre ser mãe delas conversando primeiramente com Deus. Pelas palavras das Escrituras, ele me mostrou o batimento daqueles corações. Orava pelo que não conseguia ver, e, por não conseguir ver, orava com os olhos de Deus.

Lily e Hope estavam passando as noites em quartos lotados, cheios de camas e sem ninguém para lhes dar um beijo antes de dormir. Eu estava em outro continente, clamando a Deus por orações que eu deveria fazer sobre elas. Orava a Palavra, as suas

promessas, os seus planos para as minhas meninas. E à medida que orava por crianças que nunca havia visto, eu desenvolvia uma nova profundidade de relacionamento com Deus. Ao invés de ver minha cintura aumentar, o que aumentava era minha conexão com o Senhor.

Deus estava ensinando-me sobre o peso que a oração possui em seu mundo invisível. Ninguém via aquelas orações. Não dava para tirar fotos de minha vida interior com Deus para postar em redes sociais. Mesmo nestas páginas, eu apenas as explico, mas não posso compartilhá-las totalmente.

Tudo o que era oculto e desconhecido se revelava em minhas conversas particulares com Deus. Minhas orações dirigidas ao desconhecido, minhas orações em oculto, eram tão reais para mim quanto um coração batendo na tela da máquina de ultrassom.



Não precisamos esforçar-nos para amadurecer em rugas e cabelos grisalhos, mas o nosso coração não amadurece automaticamente em Deus. É preciso desejar mais e mais de Deus. Paulo orou por essa maior e mais plena experiência no Senhor: “[Oro para que] *assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus*” (Ef 3.17-19).

Existe uma plenitude maior para os que já dedicaram a vida a seguir Jesus, uma plenitude que vem de criar raízes cada vez mais profundas nele – o amor divino é algo que a mente humana não tem como compreender inteiramente.

A oração – conversar com Deus – é o meio de aprofundar raízes naquilo que é real e que durará para sempre. A oração combate a existência impalpável de uma vida firmada somente no

que os outros podem ver, e que acaba logo depois de ser exibida. A oração ancora nosso coração no misterioso e invisível Deus, a quem dizemos: *Saber quem és, Senhor, é mais importante do que o que vejo diante de mim e do que o que os outros veem em mim.*

Ninguém a não ser Deus vê inteiramente a gloriosa interação que produz crescimento profundo e sustentável. A oração nos liga à mais verdadeira realidade, aquela que nunca mudará: a dele.



Publiquei minha história em um jornal há alguns anos, e adentrei um mundo de métricas completamente novas. Derramei meu sangue naquelas páginas e descobri que era possível medir seu impacto, ou a falta dele.

Se quisesse, eu poderia comparar as vendas de meu livro com as de qualquer outro autor a qualquer momento do dia. Com mais alguns cliques, seria possível contar todas as resenhas à medida que chegassem. Poderia ler as palavras dos que haviam amado o livro e as dos que tinham outras opiniões. Poderia clicar nas *tags*, imagens e nos comentários das mídias sociais para analisar detalhadamente o que as pessoas estavam dizendo sobre o que saiu do meu coração. E por qualquer uma daquelas métricas, meu livro não seria nada além daquilo: o que eu podia ver e medir com os olhos.

Mas eu queria outra medida. Queria dar à luz aquele livro com minha mão nervosa segurando a do Senhor, apoiando-me mais no que eu não podia ver do que naquilo que podia. Então, fiz orações que ninguém além de Deus e eu (e às vezes Nate) poderíamos ouvir. Fiz orações loucas por aquele livro ainda bebê, de maneira muito parecida com a que orei pelos meus bebês quando ainda estavam em Uganda (que foi quando aprendi que orações são o melhor jeito de se montar álbuns de bebê).

Essas conversas com Deus passaram a ser mais importantes do que suas respostas. Eu sabia que ele era *capaz* de responder –

e também estava começando a confiar o suficiente em sua liderança para saber que, quando Deus não respondia, estava tudo bem também.

Acima de tudo, eu queria sonhar *com* ele — *seus* sonhos, seu jeito. Queria sonhos maiores do que eu poderia imaginar apenas olhando ao redor.

Queria simplesmente conversar com ele sobre a coisa *toda*. Queria conversar com ele sobre os olhos que poderiam ler as páginas e as pessoas que emprestariam cópias surradas aos amigos. Queria derramar meus medos diante dele e ouvir sua resposta carinhosa, descobrir seu lado gentil em sua Palavra e fixá-lo cuidadosamente em cada um de meus nervos enlouquecidos. Queria pedir-lhe grandes coisas e orar pelas coisas pequeninas – os detalhes da capa, o desenho e o tipo da letra. E queria alinhar-me com ele: conhecer seu coração, seus pensamentos, seus sonhos para aquele livro.

É isso que fazemos com um melhor amigo, um pai ou um treinador dedicado. Deus era isso tudo e muito mais para mim. Eu queria conhecer toda a natureza divina em oração e não apenas ler sobre ela nas palavras de seu Livro. Queria vê-la brotar em toda a minha própria história.

Foi isso que eu fiz. E foi o que ele fez. Eu orava, chorava, falava, derramava-me e me preocupava em voz alta na presença do Senhor. E ele piscava— exatamente como meu pai no sonho, Deus piscava. Ele respondia de maneiras que eu não teria enxergado se não tivesse orado a respeito delas antes. A oração me deu condições de notar o Senhor.

Algumas daquelas conversas internas com Deus ocorriam enquanto por fora eu enfrentava olhares críticos, olhares que me faziam querer desistir e nunca mais escrever mais uma palavra sequer, porque doía demais correr aqueles riscos criativos.

Mas o que me fazia prosseguir era a existência daquele segundo roteiro, o mais importante. O primeiro poderia ser: “Sara

publicou um livro”, salpicado de fotos de capa bonitas e de histórias sobre como pessoas haviam sido tocadas pelo texto. Porém, o segundo roteiro tem um título que não posso compartilhar nem mesmo aqui, ou talvez perca sua importância e beleza. E a maior parte das imagens que atravessam minha mente ao escrever sobre ele precisa continuar apenas entre mim Deus. Eu precisava do segundo roteiro para ser capaz de deixar o primeiro.

A piscadela de Deus vem quando cremos que ele é capaz de entrar carinhosa e sabiamente em nossa história. Vem quando cremos que ele quer entrelaçar sua história com a nossa e nos contar nossa própria história do jeito dele.

Oração é isso. É ir até Deus, abrir sua Palavra, esperar seu sussurro e conversar com ele, sabendo que há uma miríade de facetas divinas a ser explorada.

Oração é penetrar profundamente no solo de Deus e esperar ser alimentado de maneiras praticamente imperceptíveis a olhos humanos.

Deus nos fez em segredo. Crescemos em segredo. Mas esse espaço secreto não é um vazio. Ele está no secreto conosco. E é ali que crescemos e nos aprofundamos.



Pouco tempo depois de ter começado a trabalhar com o ministério de adolescentes em tempo integral, logo após terminar a faculdade, fiz minha primeira pregação do Evangelho em uma cidade nova para um auditório cheio de adolescentes suados vindos da cidade toda. Enquanto eu falava, a maior parte daqueles duzentos jovens olhava sem expressão para mim, olhava desatentos ao redor ou flertava com quem estava por perto. Apenas uns poucos pareciam estar prestando atenção. Fui honesta, apaixonada e tive a impressão de ter passado praticamente despercebida.

Ainda consigo sentir o peso no estômago enquanto carregava o projetor de volta para nosso escritório ao final do evento. Passei o

caminho até o escritório analisando minha palestra de 12 minutos de 12 ângulos diferentes. Eu sabia que havia fracassado.

Semanas depois, eu ainda ficava vermelha ao pensar sobre aquilo. *Nunca mais*, prometi. Trabalharia dez vezes mais da próxima vez para garantir que não faria mais nada estúpido ou perderia tempo repetindo palavras que não seriam recebidas.

Aquela palestra foi sobre mim e não o conteúdo da mensagem. Eu não havia parado para pensar, aos 22 anos de idade, que o poder de Deus, e não minhas palavras, seria capaz de transformar um coração, ou que os frutos viriam se eu esperasse no Senhor ao invés de confiar em minha oratória perfeita.

Então, trabalhei duro para aperfeiçoar minha palestra, porque não queria mais sentir a vergonha da vulnerabilidade. Não me passara pela cabeça que Deus usa coisas tolas para fazer seu nome conhecido. Eu só queria não me sentir tola nunca mais.

Quinze anos mais tarde, estava fazendo outra palestra. O tema era a paixão de buscar a Deus em meio à vida familiar. Já havia falado em público muitas vezes àquela altura, sem ter me livrado completamente do medo de terminar uma preleção e saber que havia falhado.

Havia orado por semanas durante aquela conferência, pedindo a Deus que me livrasse do medo de falhar, do medo de dizer algo errado ou errar sua direção e acabar passando vergonha. Muito tempo já se passara desde meus 22 anos, mas ainda existia aquele medo arraigado enquanto me preparava.

Depois da palestra, desci do palco, conversei com algumas pessoas e voltei para o carro com Nate. Eu me sentia cada vez mais atraída pela invisibilidade após a intensa exposição relacionada à publicação de meu livro. Queria voltar àquelas conversas secretas com Deus. Queria viver oculta, não obstante o quanto minhas aparições públicas e o livro me expusessem.

Ao entrar no carro com Nate naquela tarde nublada, meus pensamentos começaram a voltar-se para a vergonha. Contudo, ao invés de permitir que eles me direcionassem, perguntei a Deus: *O que o Senhor achou?* E a frase que me veio ao espírito foi: *Aquilo foi sobre nós.*

Deus me disse o que eu já sabia, mas precisava ouvir outra vez: minha história com o Senhor é a história mais significativa. Seus olhos sobre mim e sobre os detalhes de minha vida são a fonte de onde me vem tudo o mais. Seja dobrando roupas ou falando em um palco, minha interação com Deus sempre tem a ver com buscá-lo e ser buscada vez após vez. Todo o resto é supérfluo.

A oração, essa interação interna com Deus, é onde tudo acontece.

Abaixo do nível do solo.

Criando raízes mais profundas nele.

E, finalmente, chegando à maturidade.



### **Para continuar estudando**

Sl 25.14 | Sl 81.7 | Sl 139 | Ez 36.26-27 | Mt 6.4-6 | Mt 18.3 | Jo 15.1-7 | 1 Co 1.27-29 | 1 Co 2-9 | Ef 3.16-21 | Hb 5.12-14 | Hb 6.19-20

# TREZE

## O CAMINHO ESCONDIDO

### Sendo Amigo de Deus

***“Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua.” (Mateus 26.13)***

**A** escuridão do céu na véspera de Natal contrastava com as ruas brilhantemente iluminadas. Fileiras de luzes multicoloridas, bonecos de neve infláveis e Marias e Josés de pele clara iluminavam a noite.

Era o primeiro Natal nos Estados Unidos para Lily e Hope, e parte de mim queria segurá-las dentro de casa, manter seus olhos inocentemente fixos no nascimento milagroso, nos pastores e no maior presente que o mundo já recebeu: Deus em forma de homem. Fomos ao culto de Natal, e a respiração delas embaçava os vidros do carro enquanto olhavam para os Papais Noel de plástico, luminárias e gelo de LED do lado de fora.

Que eu me lembre, aquele foi o primeiro culto de Natal em que as crianças foram convidadas a ir à frente durante a celebração. As minhas não estavam preparadas. Coisas que seriam corriqueiras para outras crianças poderiam afetar seriamente crianças como as minhas, cuja vida já havia sido profundamente afetada.

Todos os meus filhos foram à frente, exceto um, e se juntaram a centenas de outras crianças, muitas das quais pareciam nervosas

ao encarar a multidão e os pais que batiam fotos sem parar e diziam: “Sorria” aos pequeninos.

Havia um pai barulhento lá na frente, liderando as crianças e ajudando-as com perguntas enquanto contavam a história da natividade. Mãos se erguiam antes mesmo que a pergunta seguinte fosse feita. As crianças estavam prontas e ansiosas. Cada uma delas queria ser ouvida.

Aquele pai encerrou com uma última pergunta: “Vamos lá, e o que foi que os anjos disseram?”. E minha filha, que havia erguido a mão para responder a pergunta, juntamente com muitas outras crianças entusiasmadas para participar, finalmente foi escolhida. O pai apontou para ela, para a minha garotinha que chegara havia poucos meses e que ainda fazia mais mímica do que falava. Eu ainda não estava certa de que ela entendia que os bonecos de neve de plástico não faziam parte da história que estava sendo contada sobre aquele primeiro Natal.

Ela respondeu confiante, recitando versículos que por coincidência havíamos memorizado nos últimos tempos – as únicas frases completas que ela tinha na memória: “*O anjo, porém, lhes disse: Não temais; eis aqui vos trago boa-nova de grande alegria, que o será para todo o povo: é que hoje vos nasceu, na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor*” (Lc 2.10-11).

A igreja cheia de pais, avós e amigos irrompeu em aplausos. Minha garotinha estava explodindo de orgulho. Ela havia conseguido! Não sabia bem o que exatamente, mas tinha conseguido.

Ela correu para meus braços, e eu chorei.

Não chorei como a mamãe orgulhosa cuja filha havia dado a resposta certa. Aquilo não tinha a ver com sua excelente memória ou com o fato de que estávamos ensinando-lhe as Escrituras em casa.

Ninguém além de nós sabia onde aquela menininha havia feito suas refeições apenas um ano atrás, ou talvez nem tenha tido muitas dessas refeições. Não eram próximos o suficiente para ver que ainda tinha barro africano sob minhas unhas por causa do verão que havíamos passado desbravando a montanha de papelada a fim de trazê-la para casa. Não tinham como saber. Nem precisavam saber; pelo menos, não naquele momento.

Mas os 30 segundos entre o começo dos aplausos e o momento em que ela chegou aos meus braços foram segundos santos. Pelas palavras de minha filha naquela noite, Deus alcançou o lugar mais profundo do meu ser e disse: *Estou vendo você.*

Ninguém naquele lugar, exceto Nate, sabia de minhas recentes conversas interiores. De repente, havíamos passado de dois para quatro filhos, e a sensação, de vez em quando, era como se estivéssemos carregando fardos de doze crianças por causa de seus anos de perdas. Na maior parte dos dias, eu sentia que me afogava em um mar de feridas. Corações demoram para sarar, muito mais do que eu esperava que fossem demorar.

E ao ser golpeada pela infinidade de maneiras pelas quais as perdas deles afetavam todos os aspectos da nossa vida, da hora do jantar às brincadeiras das tardes – e o que isto significaria para eles no futuro –, eu queria que outras pessoas sentissem aquela dor conosco. Queria que meus amigos soubessem a dificuldade que era chegar ao culto no horário, convencer uma garotinha a juntar-se às demais na aula de balé ou ensinar a outra a olhar os adultos nos olhos (depois de ter passado a vida em orfanatos aprendendo a não fazer isso). Queria que a nossa família entendesse que nem sempre as reuniões aconteceriam conforme o planejado, que era impossível preparar-nos para todas as eventualidades que provocariam uma reação irada, nem tínhamos como saber quando uma criança seria de repente tomada pelo sofrimento.

*Alguém, por favor, perceba. Ou melhor: Alguém por favor – saiba.*

Eu queria gritar o tempo todo: “Há uma história por trás dessa criança!”. Ou talvez mais verdadeiramente: “Há uma história por trás dessa mulher!”.

Mas, naquela véspera de Natal, ouvir o anúncio tradicional saindo dos lábios de minha filha foi um presente melhor do que multidões de pessoas que *percebessem* ou *soubessem*. O versículo: “*e teu Pai, que vê em secreto, em público te recompensará*” (Mt 6.18), fala tanto sobre aquele que vê em segredo quanto sobre as partes de cada um de nós que foram criadas para ser recompensadas.

Ele recompensa *mesmo*.

Não posso dizer que eu não quisesse recompensas pela dedicação àquelas crianças que, em suas perdas e dores, às vezes reagem com raiva e, em outros momentos, fechavam-se em um mutismo emburrado. Seria desonesta se dissesse que não precisava que ninguém tomasse conhecimento do esforço que empregava para lidar com um desastre emocional pelo qual eu não era culpada dia após dia. Seria sobre-humano dizer que eu florescia todos os dias, ou até mesmo por algumas horas, curando feridas emocionais sem receber o mínimo reconhecimento.

Eu aceitaria que alguém pelo menos me agradecesse por ter feito o jantar.

Sou adulta o suficiente para saber que esse tipo de reconhecimento, ainda que venha da pessoa que mais respeitamos, é apenas um vapor que se dissipa logo em seguida, mas sou infantil o suficiente para sentir necessidade de um olhar, um sussurro ou um “Parabéns!” de um amigo. E acabo ficando presa entre esses extremos: servir sem esperar reconhecimento e ao mesmo tempo implorar internamente por reconhecimento da minha dedicação.

As palavras de minha filha naquela noite foram o jeito de Deus me dizer: *Vi cada uma das centenas de minutos que vieram antes deste, minutos em que ela se rebelou contra sua liderança amorosa, e estou trabalhando nela.*

Aquele era Deus, meu amigo; o que me *conhece*, que me *entende*. “*Que preciosos para mim, ó Deus, são os teus pensamentos! E como é grande a soma deles!*” (Sl 139.17). Quando anseio por algo que não sei o que é, os pensamentos de Deus com relação a mim se perdem enquanto busco aprovação num mar de outros olhos. Porém, quando ouço em oculto, os pensamentos de Deus se revelam e se tornam preciosos. Minha audição, treinada em oculto, afina-se com o melhor som que há: a voz de meu Amigo.



Através da História, Deus se relacionou com muitos dos seus como amigo. Ele também buscou amizades. Deus procurava por toda a Terra pessoas que o *entendessem*.

“*Foi chamado amigo de Deus*”, disse Tiago sobre Abraão, depois de afirmar que “*Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça*” (Tg 2.23)

Os descendentes de Abraão foram identificados como aqueles que descendiam do eterno amigo de Deus: “*posteridade de Abraão, teu amigo*” (2 Cr 20.7).

João Batista se referia a si próprio como “*o amigo do Noivo*” (Jo 3.29).

E para não acharmos que este *status* de amigo estivesse reservado só para os super-heróis da fé, devemos voltar-nos para as palavras que Jesus dirigiu a todos os seus seguidores: “*Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer*” (Jo 15.15). A amizade que existia entre o Pai e o Filho se expandiu para incluir você e eu.

Sim, queremos ser conhecidos. Mas quantas vezes paramos para pensar que Deus também quer ser conhecido? O Deus inescrutável nos convida a examiná-lo; e aí se forma uma amizade. Deus quer ser nosso amigo em um nível acima da amizade que às

vezes comemora algo ou dá uma ajuda ocasional. Ele quer compartilhar corações, histórias e vida interior.

Amizade com Deus vai além das piscadelas que ele nos dá quando ninguém mais está vendo. Ele esquadrinha a Terra em busca dos que o olharão, que o *conhecerão*, que carregarão seu coração.

Descobri que queria ser uma dessas amigas quando Deus me encontrou em meu período de esterilidade. Ao longo do tempo, as mulheres ao meu redor que haviam enfrentado a esterilidade por tantos anos quanto eu foram ficando cada vez mais raras. Entretanto, conforme diminuía o número das amigas humanas que entendiam aquela dor, eu encontrava um amigo compreensivo em Deus, o tipo de amigo que me fazia querer aprofundar a amizade.

Eu queria ser amiga *de* Deus.



Eles clamavam por Jesus mais desesperados por cura do que pelo Curador.

Os curiosos, os acusadores, os famintos o assediavam. Aqueles mais próximos dele, os que ele convidara para perto, disputavam o assento à sua direita. Os que o conheciam melhor queriam tirar proveito de sua fama.

Para alguns, ele era um milagre, e, para outros, um charlatão. Mas para onde quer que Jesus fosse, necessidades e opiniões o seguiam. Ele veio para salvar o mundo, e o mundo bradou quando o viu.

Mas Maria era diferente.

Ela derramava seu amor.

Os demais ao redor daquela mesa provavelmente contavam seu dinheiro e o impacto de seus ministérios, mas ela pensou apenas em dividir o peso com Jesus. Ela o buscou em amizade. E ele a defendeu. Ele escolheu imortalizar a mulher da última fileira.

*Esta é a maneira como ela será lembrada através dos tempos: “Maria foi amiga de Deus”.*

E o Evangelho não mais seria contado sem a história da mulher tão apaixonada por Deus que gastou com ele tudo o que tinha. E tornou-se sua amiga.



Há alguns anos, fui convidada a falar em um evento para mulheres. Já havia falado ao microfone algumas vezes antes, mas ainda ficava nervosa ao colocar-me na frente daquelas pessoas todas. Já havia passado bastante tempo desde aquele ministério de meus 20 e poucos anos, quando eu frequentemente liderava estudos ou palestrava para grupos grandes.

Agora, eu passaria o final de semana falando para mais de 20 desconhecidas, desde jovens com roupas de grife até mães na casa dos 40 anos que ainda passavam tempo com as mais jovens, todas reunidas em uma casa à beira de um lago, entre refeições, histórias e uma fome em comum de Deus.

Cheguei na primeira noite com um bebê que ainda amamentava e minha filha mais velha para me ajudar. Estava cansada da viagem e insegura em relação às próximas 24 horas, e como faria para controlar as duas crianças comigo. Coloquei Bo na cama e fui encontrar as outras participantes na beira do lago para a primeira sessão. Iríamos nos encontrar ali ao pôr do sol.

Com as cadeiras em círculo, comecei a falar. O sol se punha atrás de mim enquanto a palestra progredia. Tudo ficou escuro em poucos minutos, e essa transição súbita fez com que me sentisse só.

Não via nada além das luzes da cozinha ao longe. Não enxergava as mulheres sentadas perto de mim. Nem conseguia mais ler minhas anotações na escuridão.

Não fazia ideia de como minha audiência estava reagindo à mensagem ou se estava aproveitando o escuro para cochilar. Não havia nenhum contato visual para me guiar e eu nem sabia quanto faltava daquilo que pretendia dizer. Estava improvisando de memória e ouvindo os sussurros de Deus dentro de mim. As únicas linhas de minha Bíblia que eu podia usar eram as que tinha memorizadas.

Então falei com os grilos, sapos e corujas, os únicos que demonstravam qualquer reação ali.

Mais tarde, ao subir a colina e voltar para o meu quarto, minha mente assumiu uma postura crítica, analisando a palestra recente para destacar qualquer erro mínimo. Em mais alguns momentos, eu sabia que sucumbiria. Conhecia a rotina da espiral de vergonha. Já estivera ali antes.

Então parei. Pedi ao Senhor para sussurrar seu amor naquela noite confusa. E de repente eu *sabia*. Sabia que carregaria comigo aquela noite em cada aparição pública que fizesse nos próximos anos.

A escuridão absoluta me dera uma nova luz.

Deus deixou que a noite caísse sobre minha visão a fim de que eu buscasse seu coração sozinha, a fim de que buscasse seus pensamentos em relação àquelas mulheres. Suas expressões atentas, concordando e me encorajando ao falar, não eram tão importantes quanto seu coração batendo por elas, o coração que o Senhor compartilharia comigo se eu apenas voltasse os olhos para ele.

Isso é amizade com Deus.

Ele me vê quando não há ninguém olhando, e eu o busco em resposta.

Talvez, Deus comece amizades desejando que nos tornemos seus amigos.

João Batista, ao se autodenominar “*amigo do Noivo*”, descreve este amigo como alguém que “*o escuta*”, que “*se regozija por causa da voz do Noivo*” (Jo 3.29-30). Amizade com Deus significa ouvir. Nós nos tornamos amigos de Deus quando ouvimos seu coração e seus sussurros suaves em sua Palavra.

Assim como Maria, podemos prestar atenção a Deus – ouvindo, focando os ouvidos no ritmo de seu coração e derramando a nossa vida em resposta ao que ouvimos. Isto é comunhão: entregar a nossa vida ao Senhor. Ele nos fez para isso.

O escritor Jon Bloom disse que o derramamento do perfume de Maria não foi um desperdício, mas sim um ganho: “Uma vida derramada em amor por Jesus, que considera o ganho do mundo como perda, demonstra o quão precioso ele realmente é. Ela testifica para um mundo selvagem e desdenhoso que Cristo é lucro, e o verdadeiro desperdício é ganhar o perfume do mundo, mas perder a própria alma”.<sup>[16]</sup>

Eu queria ser como Maria.

Queria conhecer a Deus como um amigo precioso.

Minha doce filhinha esteve orando recentemente por meu novo livro; *este* livro. Embora não soubesse sobre o que ele falava, ela sabia que eu passava tempo escrevendo. Ela orou que Deus voltasse seus olhos para mim. Mais tarde, ela me olhou e disse: “Mamãe, você é como a glória-da-manhã, só que você se abre à noite quando ninguém a vê a não ser Deus. E você fica escondida e fechada durante o dia”.

A glória-da-manhã em nosso quintal sempre fascinou minhas crianças, que iam vê-la enquanto ainda estava fechada e sempre tentavam acertar o momento exato em que ela se abriria. Agora aquela flor misteriosa era uma imagem para mim; uma imagem de mim mesma.

Quero dar a Deus o melhor de mim; desabrochada e voltada para ele; exposta, mas frágil. Seja na escuridão ou na luz, quero

estar aberta para ele.



Estava em outra roda de mulheres, em outro estado e numa situação diferente, e uma delas falou sobre oração: “Sei que eu *deveria* orar mais, mas é algo tão difícil de viver no meio do dia”. Ela tinha razão tanto sobre o chamado à oração quanto sobre a maneira como a maior parte dos cristãos o vê.

Não somos apenas convidados a orar, somos convocados a orar sem cessar; sempre, em qualquer circunstância e qualquer ambiente. Devemos orar no quintal podando flores, na lavanderia separando as roupas brancas das coloridas, no chuveiro, fazendo alongamento na academia, naquela passada rápida pelo supermercado no meio da tarde, no *drive-through* do Starbucks ou aguardando a vez para ser atendido no Detran.

Isso é orar sem cessar. É o tipo de conversa com Deus que Paulo diz ser possível: “*Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco*” (1 Ts 5.16-18).

Você sente seu coração acelerar ao ler isto? Você está justificando-se como aquela mulher, da maneira como fazemos com frequência ao ver uma falha: *Isso é difícil! Eu deveria ter orado mais hoje, mas como vou conseguir lembrar e encontrar tempo?*

Mas não há necessidade de justificar-se ou de se defender. As lacunas em nossa vida de oração não passam de motivos para fazer uma pausa; para examinar.

Ainda que disciplina não seja uma palavra feia, e certamente existam ocasiões em que a disciplina nos empurra quando o nosso coração inconstante não consegue, nossa falta de oração revela mais do que uma mera falta de persistência.

Paulo, que escreveu aquelas palavras sobre orar sem cessar, era amigo de Deus. Não era um seguidor vigoroso, mais

disciplinado do que o resto de nós. Deus estivera *perto* dele, perto o suficiente para dividir com ele seus segredos. Deus deve ter sido tão amigo de Paulo pelo menos em parte porque aquele homem não tinha outras opções: *“Cinco vezes recebi dos judeus uma quarentena de açoites menos um; fui três vezes fustigado com varas; uma vez, apedrejado; em naufrágio, três vezes; uma noite e um dia passei na voragem do mar; em jornadas, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos entre patrícios, em perigos entre gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre falsos irmãos; em trabalhos e fadigas, em vigílias, muitas vezes; em fome e sede, em jejuns, muitas vezes; em frio e nudez”* (2 Co 11.24-27).

Companheiros que se tornaram traidores, palavras de acusação, pedradas, fome, falta de sono, brutalidade por parte de seus compatriotas e inúmeros perigos... Quando não tinha mais nada nem mais ninguém, Paulo encontrou um amigo em Deus. Deus, por sua vez, dividiu seus segredos com seu amigo. Paulo se refere a si próprio: *“e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir”* (2 Co 12.3-4).

Paulo transformou esses misteriosos sussurros em amizade. Trata-se de algo santo; além disso, a verdadeira amizade do apóstolo com Deus foi forjada em meio a circunstâncias que o ocultaram e o fizeram (aos olhos do mundo) passar não apenas por tolo, mas também por um alvo fácil de abuso – e pior do que isso. Paulo não orava por achar que *deveria*. Paulo orava porque havia amadurecido até não querer mais nada.

Amadurecer nossa amizade com Deus, o lugar para onde desejamos profundamente ir, significa não querer mais nada além de falar com ele por causa de quem ele é para nós em nossos momentos mais fracos e perdidos. É isso que alimentou a paixão de Paulo por Deus: *“para o conhecer, e o poder da sua ressurreição, e*

*a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte” (Fp 3.10).*

Oração incessante pode transformar-se em algo que fazemos não por disciplina, mas por amizade, por desejo. É para onde podemos ir se permitimos que ele nos guie para lá.

Esse Deus se rebaixou a ponto de nos presentear com 30 anos de obscuridade de seu Filho. Ele é perfeitamente capaz de nos estender a mão de amizade no meio do nosso dia, dizendo: “Ei, posso me abrir com você neste momento?”, a fim de que possamos enxergar a interação com Deus como o prêmio mais relevante de nossa vida.

Um dia, pode ser que você simplesmente *queira* orar sem cessar.

E quem sabe o que você poderá ouvir...



Era uma manhã comum de terça-feira, e eu me sentia aliviada. No dia anterior, eu havia terminado o que pensava ser o último capítulo deste livro. Saí de casa e fui saudada por um coro de pássaros. Meus sapatos já estavam amarrados para uma de minhas primeiras corridas daquela primavera – trocando a esteira pela rua.

A escuridão ainda não se havia dissipado totalmente. Eu vestia um colete com refletores ao atravessar a rua e virar à direita. Planejava correr um quilômetro e meio, parar para me alongar e depois correr mais um quilômetro e meio antes de voltar — hábito.

Na volta, escorreguei em uma poça de lama e água, caindo de mau jeito. Fiquei deitada na calçada sem conseguir me levantar, surpresa e envergonhada. Nate teve de ir me buscar de carro.

Alguns dias e consultas médicas depois, recebi o diagnóstico: tornozelo quebrado. Não poderia dirigir ou andar por dois meses. Uma corridinha, uma queda boba, e todos meus planos para a primavera já eram.

Tentei enxergar o contexto todo da situação. Não havia sido um telefonema no meio da noite para me contar que um ente querido se fora. Não havia sido uma tempestade que levara minha casa. Seriam só oito semanas até que meu tornozelo sarasse; nada de mais. Eu me dizia isso para sufocar a raiva interior por não poder fazer corridas tranquilas aos sábados de manhã ou caminhadas sem rumo com meus filhos, nem ir até um café para escrever e tomar um chá. Estava educando-me a ver as coisas de maneira diferente.

O único problema é que não estava dando certo. Esse tipo de esforço nunca resulta em transformação duradoura.

Mas outra coisa deu certo.

Lembrei-me dela; dessa mulher que ainda me intriga, essa mulher que, ao invés de derramar suas economias aos pés de Jesus com amargura e ressentimento, literalmente derramou tudo o que possuía a seus pés.

Ela *queria* derramar tudo.

Obviamente, todos os que estavam ali consideraram aquilo um desperdício. A natureza humana não é capaz de compreender esse tipo de entrega – abrir mão das coisas que nos são mais importantes – a um Deus misterioso. Não conseguimos conduzir-nos sozinhos a uma perspectiva melhor, só um pouquinho mais alta, até que alcancemos algo santo (mas continuamos tentando).

Precisamos de um novo jeito.

Precisamos de um novo jeito de suportar a dor, ao mesmo tempo aguda e corriqueira, de lidar com as mortes diárias que nos chegam em tornozelos quebrados, lava-louças quebradas e relacionamentos quebrados, quando tudo o que queremos é fugir. Precisamos atravessar os espaços ocultos de nossa vida com expectativa de vitória como se realmente acreditássemos que aqueles momentos ocultos contam.

Precisamos de um caminho escondido.

Este caminho que Deus nos deu parece desperdício do ponto de vista terreno. Sempre parecerá. Derramar-se a seus pés jamais fará sentido aos olhos humanos — jamais. Mas o que mais me impressiona em Maria é que ela tinha praticado. Temos a impressão, com base em relatos bíblicos anteriores, de que ela desenvolveu o que poderíamos chamar de um estilo de vida de desperdício: *“Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada”* (Lc 10.42).

Maria descobriu a *única* coisa com a qual vale a pena nos preocuparmos nesta vida.

Ela o descobriu.

Maria não teve um encontro impressionante com Deus e correu para contá-lo ao mundo. Ela se aproximou dele e ficou ali. Poderíamos colocar assim: Maria praticou derramar-se. Transformou isto em estilo de vida. Algo a mantinha ali.

Naqueles dias após quebrar o tornozelo, cuidei de casa e das crianças e mantive meus relacionamentos, tudo isso sem sair do sofá, ou andando de muletas. Também fiz uma lista mental de tudo o que estava perdendo. A primeira coisa na lista foi uma dúzia de corridas aos sábados de manhã. Mas acabei percebendo que até a hora de dormir iria para a lista. Não poderia subir as escadas até o quarto das crianças nem colocar meu bebê no berço. Também não começaria o jardim que havíamos passado semanas planejando.

Quase desejei poder dizer algo como: “Entendo como essas perdas são coisas mínimas comparadas ao que minhas crianças passaram em seus primeiros anos, ou ao que minha amiga de outro estado está sofrendo com câncer, ou à perda daquele amigo querido quando seu pai faleceu”. Mas aquelas palavras eram esforços vazios para mim.

A única coisa que foi capaz de me tirar daquela rotina de reclamação era saber que Jesus não considerava aqueles dois meses um desperdício. Ele os considerava um convite.

Mesmo com um tornozelo quebrado e uma casa para cuidar, continuava existindo somente uma coisa digna de preocupação segundo Jesus. Inclua aqui sua própria história: com uma criança atrasada na escola, um melhor amigo que o traiu, uma promoção que não veio, uma promoção que veio e fez com que você ficasse completamente perdido, só há uma coisa realmente digna de preocupação, uma coisa que o animará e satisfará profundamente.

Jesus não se referiu a isso apenas para podermos sufocar nossas emoções, endireitar as costas e erguer o queixo. Ele se referiu a uma mulher que olhava para ele, fraca, vulnerável e sedenta, provavelmente insegura e nervosa em seu anseio. Ele disse aquilo de uma mulher que estava simplesmente tentando chegar mais perto dele, da única pessoa que ela achava que preencheria os anseios mais profundos de seu coração.

Ele disse isso sobre mim, em seu convite, depois que aquela mulher de quase 40 anos teve seu último ataque de nervos: *Sara, lembre-se de mim, a única coisa que sempre poderá preenchê-la. Esta mudança não pode tirar isso de você.*

Você pode moldar sua vida toda ao redor disto. Porque, ao olhar nos olhos do Senhor, nada é desperdício.



Assim como tantos outros nos Estados Unidos, cresci sob as luzes da sexta-feira à noite: primeiro, como uma garotinha deslumbrada indo com a irmã mais velha aos jogos e reparando na forma como as garotas mais velhas se comportavam; depois, como a torcedora ardente que mal prestava atenção ao placar, mas ajudava a transformar os jovens jogadores em celebridades, gritando seus nomes e números — e finalmente como a participante uniformizada que empurrava a torcida nas noites perfumadas do outono e recebia os heróis da cidadezinha sob as luzes do estacionamento.

Quando passei da fase de estudante, voltei por causa do ministério. Naquelas noites, eu era só mais uma pessoa na

multidão, amando meus vizinhos enquanto gritava o nome dos atletas de 17 anos.

Como uma jovem casada e sem filhos, minhas noites de sexta-feira eram diferentes. Passava aquelas ocasiões com amigos à mesa de nosso restaurante favorito, comendo e compartilhando fatos da vida.

Ao longo de todos aqueles anos, a sexta-feira à noite foi o metrônomo de minha vida social.

Alguns anos depois de meu casamento, porém, chegou uma sexta à noite diferente.

Estava sozinha, dessa vez por opção própria. Meu marido estava fora da cidade, e eu não tinha medo da noite, de mim mesma ou de quem encontraria quando a casa estivesse vazia.

Fiz uma xícara de chá e abri a porta dos fundos. Apenas a tela mosquiteira me separava dos ruídos esparsos da noite.

Abri a Bíblia, mas dessa vez não por obrigação. Eu queria estar ali. Estava sendo atraída por ele, o Deus-homem que contemplara a minha fraqueza e ouvira minhas lamúrias, observando como eu o buscava em meio a todas as minhas falhas. Queria conversar com Deus; não por causa de uma decisão importante ou de uma penitência que eu achasse que estava atrasada. Estava faminta, desejando algo que o restaurante, a torcida do jogo ou um tempo com minha melhor amiga eram incapazes de oferecer. Deus era novo para mim, sempre se revelando. A cada novo vislumbre dele, eu desejava mais. E algo dentro mim sabia que este meu lado que o desejava tão cruamente era o que Deus queria também. Era o desejo que me impulsionava – e quem eu era quando o desejava. Estava começando a gostar de quem eu via quando estava sob os olhos do Senhor; sem máscaras — a verdadeira “eu”.

Gostava dele, e ele gostava do que havia feito em mim.

Talvez, fosse algo parecido com o desejo que me atraía a passar sexta-feira após sexta-feira com meus amigos. Somos atraídos pelo que nos faz sentir realmente vivos, para o lugar onde nossa paixão se revela; para onde somos conhecidos. Queremos estar com aqueles que nos conhecem e nos lembram do que gostamos em nós mesmos — aqueles que nos fazem enxergar a vida como algo maior do que os nossos olhos veem.

Eu estava ciente de que, no passado, teria considerado aquele tempo – com Deus, comigo mesma e com a minha Bíblia – um enorme desperdício. Não estava planejando mudar o mundo, meditando sobre uma decisão, ou sequer clamando por crescimento pessoal. Estava sentada com Deus, aproveitando sua companhia. E queria ficar ali só mais um pouquinho.

Foi uma noite de afeição mútua, ainda que um tanto desconfortável, como em qualquer começo de amizade. Claro que ele sabia tudo de mim, mas eu estava apenas começando a aprender a me sentir confortável em ser conhecida daquela maneira.

E eu queria mais; mais dele; mais daquela versão de mim mesma.

Aquela foi uma noite ao mesmo tempo mais vazia e mais cheia do que qualquer sexta-feira à noite que eu jamais havia experimentado; sem holofotes, sem fanfarra, sem comemoração de vitória. Só eu, gastando tempo com Deus, começando uma conversa que duraria a vida toda.

Desperdiçando tempo.

Não acho que jamais tenha sentido seu prazer mais intensamente.



**Para continuar aprendendo**

1 Sm 13.14 | 1 Cr 16.11 | 2 Cr 16.9 | 2 Cr 20.7 | Sl 14.2 | Sl 19.12 | Sl  
26.8 | Sl 80 | Sl 139.17 | Pv 25.2 | Ez 36.26 | Mt 6.16-18 | Mt 20.20-  
28 | Mt 26.1-13 | Lc 10.38-42 | Jo 1.5 | Jo 3.22-36 | Jo 14.26 | Jo  
15.15 | At 6.4 | At 13.22 | 1 Co 1.20-31 | 1 Co 15.58 | 2 Co 5.17 | 2  
Co 11.24-27 | 2 Co 12.3-4, 7-11 | Fp 3.10, 12-14 | 1 Ts 5.16-18 | Tg  
2.23 | Ap 21.5

# AGRADECIMENTOS

Isaac Newton escreveu: “Se vi mais longe foi por estar de pé sobre os ombros de gigantes”. Meu pensamento sobre a noção de invisibilidade foi inconscientemente influenciado por tantos, até de séculos passados, cujas histórias enchem nossas prateleiras de livros – escritores, gigantes da fé em vestes de pastores, missionários, pessoas comuns que sangraram por Jesus no oculto da vida, tudo porque o amavam.

Devo muito a essas pessoas, e aos atendentes de estacionamento, empacotadores de supermercado e às sábias mães de muitos filhos (como minha amiga já falecida Claire De-Laura) e a Sue, Pat, Dara, Cindy, Val, Anne, Betty, Tonya, Jina, JoAnna, Katie, Joan, Cathy Susan, Amy, Betsy, Julie, Beth, Andee e tantas outras que o amaram profundamente quando ninguém estava vendo e das quais Deus me permitiu um vislumbre.

Além disso, sem qualquer ironia, meu nome está na capa deste livro por causa de tantos outros que serviram e amaram intensamente, sendo notados por poucos (ou por ninguém).

A todos na *Yates and Yates*, especialmente Mike Salisbury e Curtis e Karen Yates: eu não fazia ideia do imenso presente que vocês viriam a ser. Vocês nos pastorearam enquanto estimulavam este livro e sua mensagem.

Ao time da Zondervan, nomeando apenas alguns: Alicia Kasen, Brian Phipps, Jennifer VerHage, Sandy Vander Zicht. Vocês tomaram um processo que poderia ter sido apenas transacional e o preencheram de gentil engenhosidade e de coração. Sinto-me honrada por ter tido comigo um time dos sonhos como este não apenas uma vez, mas duas.

A Jana Muntsinger e Pamela McClure: obrigado por tornarem tudo divertido sem deixar de lado o profissionalismo e a determinação.

Elisa Stanford: não sei se conseguirei escrever outro livro sem você. Aprendi mais sobre escrever com você do que teria aprendido em qualquer universidade; além disso, ganhei uma amiga preciosa.

A Jefferson e Alina Bethke: ter a voz de vocês acompanhando esta mensagem é uma honra. A generosidade da vida de vocês demonstra uma camada de maravilhosa invisibilidade que poderia passar despercebida para alguns, mas não para mim.

A Dave e Tracey Sliker: sei que não sou a única que se beneficiou da torcida de vocês, mas é assim que me sinto. Vocês me deram mais coragem do que eu poderia jamais agradecer. Obrigado, Dave, por ler o original com seu fantástico olhar crítico.

A Kristy Reid, Kelly Raudenbush e Rachel Medefind: por suas sugestões iniciais e pela ajuda em afinar a mensagem.

Lisa Jacobson: orei por anos para ter em minha vida alguém sábio e capaz de entender minhas duas paixões – escrever para a glória de Deus e alimentar o precioso valor da maternidade e do lar. Que maravilhoso foi ser mentoreada por você a distância.

Garotas da MT: Hannah Robinson, Cherish Smith, Annie Kawase, Mary Arntsen, Rachael Steel, Erica Nork, Telma Weisman. Ainda é cedo para escrever isto. Vocês se reuniram em minha casa apenas umas poucas vezes, e já sinto os frutos de sua presença. O coração de cada uma de vocês e a fome de Deus fazem deste time algo muito maior do que eu poderia ter sonhado.

E claro, Mandie Joy Turner: seu olhar e sua habilidade são apenas uma parte do que amo em trabalhar com você. Obrigado por trazer humor, seriedade e amizade a este trabalho.

Tim e Chris Willard: vocês vivem esta mensagem, e nosso diálogo me deu combustível para que eu a escrevesse. Que tenhamos muitas outras conversas ao lado da lareira – nós na

nossa e vocês na sua, pelo telefone – sobre Deus, sobre a beleza e a invisibilidade.

Jen Stutzman, Elizabeth Wilkerson, Abby Anderson, Nicole Rice, Molly Harrington, Trina Rogers: cada uma de vocês abençoou minha vida com partes do Senhor que eu não conheceria ou não teria visto sem vocês. Vocês me fazem rir e alimentam meus sonhos loucos de escrever (especialmente quando sinto medo disso tudo) nos momentos em que mais preciso. Todas as partes deste livro têm as digitais de vocês.

Sarah Markman, Eliza Joy Capps, Kinsey Thurlow, Amy Wicks, Heidi Meythaler: meninas, a vida de vocês demonstra o que acontece quando a amizade e a oração se encontram. Vocês realmente lutaram por meu coração em meu trabalho, meu casamento e minha maternidade.

Para Kelly Tarr: não consigo imaginar alguém que viva a mensagem da invisibilidade em Deus mais intensamente e fervorosamente do que você. Você é um dos maiores presentes que ele me deu.

Mamãe: sua amizade é uma das melhores partes da minha vida. Quero ser igual a você quando eu crescer.

Àqueles sob meu teto que tudo veem – meus pecados, meu sofrimento a respeito de escrever e palestrar, meus dias longos e desarrumados sem tirar o pijama, minhas dancinhas na cozinha – e ainda assim me abraçam: Lily, Hope, Eden, Caleb, Bo e Virginia. Vocês são uma alegria absoluta, minha parte favorita da vida. Meu mundo seria chato sem cada um de vocês.

E Nate: 16 anos de casados, e nosso relacionamento só melhora. Você me encoraja a escrever vez após vez. Este livro é nosso, e esta mensagem é algo que você vive mais loucamente do que eu mesma jamais espero conseguir.

Por último e maior em meu coração: Jesus. Tu transpassaste a minha alma com os olhos mais cheios de segurança que já vi, e

continuo querendo mais. Ninguém mandou me curar.

# **SOBRE A AUTORA**

**SARA HAGERTY** é a autora de *Every Bitter Thing Is Sweet*, aclamado pela crítica. É esposa de Nate e mãe de seis filhos, uma mulher que estendeu os braços dos Estados Unidos até a África.

Depois de quase uma década de vida cristã, ela vivenciou a dor e a perplexidade e, finalmente, foi conduzida a um relacionamento de profunda intimidade com Jesus. Deus se manifestou a ela e transformou sua vida, quando nada mais fazia sentido.

Este livro nasceu do transbordar dessa perplexidade. Seus artigos podem ser encontrados em [www.SaraHagerty.net](http://www.SaraHagerty.net). Sara e o marido, Nate, moram com a família em Kansas City, nos Estados Unidos.

COMPARTILHE CONOSCO SUA EXPERIÊNCIA:



[www.revistaimpacto.com.br](http://www.revistaimpacto.com.br)



@impactopublicacoes



/editoraimpacto



[contato@revistaimpacto.com.br](mailto:contato@revistaimpacto.com.br)

***USE:***

**#leituradeimpacto**

**#impactopublicações**

 **IMPACTO**



# NOTAS

---

- [1] WILLARD, Dallas. *A Conspiração Divina*. Editora Mundo Cristão, 2001.
- [2] SPURGEON, Charles H. *O Tesouro de Davi*. Editora Pão Diário, 2018.
- [3] TOZER, A. W. *A Raiz dos Justos*. Editora Mundo Cristão, 1983.
- [4] ALLENDER, Dan; LONGMAN, Tremper. *The Cry of the Soul*. Colorado Springs: NavPress, 1994, p. 213.
- [5] LEWIS, C. S. *Letters of C. S. Lewis*. Ed. W. H. Lewis. Nova York: Harcourt, 1966, 1988, p. 383.
- [6] SPURGEON, Charles. *Gleanings among the Sheaves*. Filadélfia: Lumen Classics, 1864, p. 44.
- [7] MARSDEN, George M. *A Breve Vida de Jonathan Edwards*. Editora Fiel, 2015.
- [8] PETERSON, Eugene H. *Answering God*. San Francisco: Harper San Francisco, 1989, p. 23.
- [9] NOUWEN, Henri J. M. *A Volta do Filho Pródigo*. Editora Paulinas, 1999.
- [10] BONHOEFFER, Dietrich. *Orando com os Salmos*. Editora Esperança, 2017.
- [11] PETERSON. *Answering God*, p. 5.
- [12] MERTON, Thomas. *Homem Algum é Uma Ilha*. Editora Verus, 2003.
- [13] KELLER, Tim. *Os Cânticos de Jesus*. Editora Vida Nova, 2017.
- [14] Ibid..
- [15] PETERSON. *Answering God*, p. 5.
- [16] BLOOM, Jon. *Certeza do que se Espera: um novo olhar sobre antigas histórias de caminhada por fé para fortalecer a sua*. Editora Cultura Cristã, 2015.

